

**Elenice Rampazzo**

**OIII GEEENTEEE!!! O SANTO NO AR!!!!**

**A propagação da devoção ao Santo Expedito por intermédio do  
programa de rádio “Eli Corrêa”**

**Mestrado**

**Ciências da Religião**

Dissertação apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, sob a orientação do Professor Doutor Edin Sued Abumanssur.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
PUC – SP  
2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Elenice Rampazzo**

**OIII GEEENTEEE!!! O SANTO NO AR!!!!**

**A propagação da devoção ao Santo Expedito por intermédio do  
programa de rádio “Eli Corrêa”**

**Mestrado**

**Ciências da Religião**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

## **DEDICATÓRIA**

Dedico aos meus pais que sempre me incentivaram ao estudo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao meu orientador Prof.<sup>o</sup> Dr. Edin Sued Abumansur por toda a dedicação, incentivo, orientações e acima de tudo por sua paciência. Agradeço também a todos os meus amigos que de forma direta ou indireta colaboraram para a execução da pesquisa.

## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo estabelecer uma reflexão sobre a força e a capacidade do rádio na construção da devoção popular. Foi feito, para isso, um recorte que definiu como objeto de estudo o programa de rádio de Eli Corrêa e a devoção a Santo Expedito. O período analisado compreende as décadas de 80 e 90, quando a instalação da devoção ao santo ganha características de devoção popular. A investigação esteve fortemente focada na tentativa de identificar se houve uma influência do comunicador Eli Corrêa na propagação da devoção a Santo Expedito. A metodologia adotada foi centrada em pesquisa de campo junto aos fiéis, além de entrevistas com o comunicador e o Padre João Benedicto Villano, pároco da Igreja de Santo Expedito, no bairro da Luz, quando o programa de Eli Corrêa iniciou a divulgação do Santo. Discussões antropológicas e sociológicas sobre a religiosidade popular nortearam as reflexões deste trabalho, deixando transparecer como o comunicador e os ouvintes, ainda que de forma inconsciente, vão arquitetando fora do espaço do sagrado essa devoção. É importante destacar, aqui, a existência de uma perfeita adaptação de um santo do século III, com características militares, aos grandes centros urbanos e meios de comunicação de massa, e é essa adaptação que se constitui característica fundamental da devoção a Santo Expedito.

## ABSTRACT

The purpose of this study is to look into the strength and the scope of the radio as means of propagation of popular culture. The case study at hand was limited to Eli Correa`s radio show and to Saint Expedito`s worship. The time frame in question covers the eighties and the nineties, when the saint`s devotion reached popular devotion status. The major focus of the investigation is to determine whether the broadcaster Eli Correa was instrumental to the popularization of the saint. The methodology adopted consists of interviews with the devotees as well as Saint Expedito`s former church priest, Father João Benedicto Villano`s testimony about the growing phenomenon when Eli Correa`s show started to broadcast the saint`s deeds. Anthropological and sociological discussions on popular religiousness permeate this study. It becomes clear to us how the broadcaster and the listeners, unconsciously, build up this devotion off the holy ground. We also draw attention to the fact that a third century`s saint, from military origins, has had a perfect adaptation to the modern days`large urban centers and mass communication means. This adaptation is the symbol of Saint Expedito`s devotion.

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>3</b>
<b>Capítulo I – A Comunicação e o Santo Expedito</b>	<b>9</b>
1) O Companheiro rádio	
2) Comunicadores - Os companheiros do rádio e dos ouvintes	21
3) Santo Expedito e a devoção na cidade de São Paulo	25
4) O programa de rádio Eli Corrêa	37
5) O santo no ar	42
<b>Capítulo II – O santo, os devotos e os ouvintes</b>	<b>53</b>
1. Pesquisando os devotos-ouvintes	53
1.1 Mecânica da pesquisa	53
1.2 Objetivo da pesquisa	53
1.3 Análise do questionário	54
<b>Capítulo III – Santo Expedito, comunicação e a religiosidade popular</b>	<b>74</b>
1. Religiosidade e cultura popular	74
2. O imaginário e o mito Santo Expedito como produto do programa do Eli Corrêa	80
3. Considerações finais	85
<b>Referências bibliográficas</b>	<b>88</b>
<b>Lista de tabelas e seus gráficos</b>	
Gráfico I - Distribuição socioeconômica	16
Gráfico II - Faixa-etária	
Tabela I - População na Grande São Paulo	32



Gráfico 1 da tabela I - Distribuição rural x urbana	33
Gráfico 2 da tabela I - Faixa-etária	33
Tabela II - Domicílios urbanos segundo classe econômica (Critério Brasil) Grande São Paulo	34
Gráfico I da tabela II - Classe socioeconômica	35

### **Gráficos da Pesquisa**

Gráfico nº 1 - Qual o motivo que aproximou o fiel de Santo Expedito?	54
Gráfico nº 2 – Qual a freqüência que ouvem o programa do Eli Corrêa?	55
Gráfico nº 3 - Há quanto tempo ouve o programa?	56
Gráfico nº 4 - Já ouvia o programa antes de ter contato com Santo Expedito?	58
Gráfico nº 5 Possui o hábito de se corresponder com o Eli Corrêa?	59
Gráfico nº 6 - O Eli Corrêa influenciou sua devoção a Santo Expedito?	60
Gráfico nº 7 - A que você atribui essa influência?	62
Gráfico nº 8 - Sexo	66
Gráfico nº 9 - Profissão	68
Gráfico nº 10 – Faixa etária	70
Gráfico nº 11 - Ascendência	72

## Introdução

A iniciativa de desenvolver um estudo e uma pesquisa que estabeleçam uma analogia entre os temas da religião e de um meio de comunicação, explica-se pelo papel que a religião representou como um elemento modelador de valores e costumes. A proposta é analisar a relação entre religião e os meios de comunicação que progressivamente foi se integrando à sociedade.

Desse modo, o estudo aqui apresentado traz uma análise da relação entre os ouvintes de rádio AM, particularmente os do programa de rádio do apresentador Eli Corrêa, e a crescente devoção a Santo Expedito. Tem-se ainda como objetivo, o esclarecimento dos meandros do processo de construção coletiva em que os ouvintes vão se transformando, gradativamente, em fiéis do santo e freqüentadores de sua igreja, ao mesmo tempo em que será avaliada a força dos meios de comunicação, mais especificamente o rádio, que podem ser utilizados pela religião na propagação da fé.

A grande proposta consiste, então, na pesquisa e na análise da ação radiofônica e sua eficácia na construção do religioso, expondo, assim, a reflexão sobre a importância de se utilizar os meios de comunicação popular e a sua linguagem já adaptada ao seu público, como instrumento de implantação da fé, não se valendo apenas dos meios tradicionais internos das próprias religiões.

O primeiro passo foi uma rápida construção da trajetória dos meios de comunicação e o significado do papel do profissional Eli Corrêa, sua atuação inicial, o uso de uma linguagem adequada aos seus ouvintes, bem como o seu envolvimento com Santo Expedito e com o Padre João Villano. Dessa forma, foi possível uma reflexão sobre a união entre clérigos e comunicadores, que, em princípio, parece ser um recurso que, se bem elaborado, pode ser uma receita apropriada a fim de se manter viva a presença da religiosidade no cotidiano das pessoas, fazendo parte dele inclusive.

Considerando-se que, atualmente, há na mídia uma forte presença de programas religiosos, essa pesquisa se propõe a estudar um programa não religioso

promovendo a propagação de uma devoção popular. A expectativa é que possa ser uma contribuição para um melhor entendimento desses caminhos.

Ao analisar a relação entre Santo Expedito e seus fiéis na cidade de São Paulo, um fato intrigante chamou-me a atenção: ela é toda embasada na comunicação. Os devotos imprimem os santinhos para distribuição (como um volante de publicidade) e agradecem publicamente com a fixação de faixas de rua (outro meio de comunicação amplamente utilizado pela publicidade de produtos, de serviços e até em campanhas políticas).

Sensível a essa realidade, a pesquisa direcionou o seu olhar investigativo para os meios de comunicação e deparou-se, então, com um dos primeiros desses meios, o rádio. Simultaneamente, foi constatada a grande popularidade que Santo Expedito obteve nas décadas de 80 e 90 na cidade de São Paulo, em virtude de uma forte exposição em um programa de rádio. Essa descoberta foi o fator determinante para a criação de um grande cenário de todo o campo a ser estudado. Ao mesmo tempo, essa perspectiva foi a grande motivação que é necessária para se encontrar o objeto a ser pesquisado.

Com o apoio de uma ampla pesquisa de campo junto aos fiéis do santo e aos ouvintes do programa, aliada a uma importante bibliografia referente às características dos meios de comunicação e de religiosidade popular, pretende-se discutir, neste trabalho, aspectos da força dos meios de comunicação atuando no imaginário dos ouvintes e contribuindo para a construção dessa devoção.

Foi observado que uma das principais características do meio rádio é a força da palavra radiofonizada. A linguagem é construída para acionar o imaginário do ouvinte, e, ao que tudo indica, acaba sendo um elemento condutor, favorável à propagação religiosa.

Partindo do princípio de que a composição se dava entre um público e um meio de comunicação de forte apelo popular, surgiu a necessidade de dados que dessem um embasamento para a correlação entre a massa popular e a audiência popular do meio rádio. Primeiramente, foi encontrado em um relatório intitulado *Mídia no Brasil – 89/90*, produzido pela agência de publicidade McCann-Erickson no início dos anos 90, a documentação da existência de 1.440 emissoras AM, das quais 247 no Estado de São Paulo. Esse dado isolado não esclarecia quem eram os

ouvintes de rádio na época, para que se tivesse um indício de que havia uma similaridade entre os ouvintes de rádio e um maior fluxo de fiéis que passaram a freqüentar a Igreja de Santo Expedito. Foi no Instituto Marplan de Pesquisa de Opinião, incluído no mesmo relatório da McCann-Erickson, que essa questão começou a ser elucidada, uma vez que apontava que 51% da audiência do rádio AM nacional era composta por mulheres, das quais 69% situavam-se na faixa etária entre 50 e 65 anos e pertenciam à classe social D.<sup>1</sup>

De posse desses dados, o próximo passo foi identificar de que maneira a religião utiliza a palavra dentro dos processos comunicativos. A idéia é estudar o fenômeno de persuasão do comunicador, envolvendo-se com o ouvinte e até mesmo com seus problemas, tornando-se uma espécie de amigo íntimo, o que significa o ingresso do comunicador no cotidiano do ouvinte. Portanto, o objeto central da pesquisa é analisar a relação entre os ouvintes do programa rumo aos misteriosos caminhos das aspirações coletivas capitalizadas pelo comunicador, buscando, desvendar os mecanismos do processo de construção coletiva pelos quais os ouvintes vão se transformando paulatinamente em devotos de Santo Expedito. A meta principal é verificar como ocorre o processo de discurso radiofônico popular, como ele é instrumentalizado pelo comunicador e de que maneira os ouvintes contribuem para esse processo. A questão, desse modo, baseia-se na força comunicacional da palavra. Assim, se a palavra for apropriada como meio de se professar a religião, é possível tomar como base um argumento de Cassirer:

*“Nos relatos da Criação de quase todas as grandes religiões culturais, a Palavra aparece sempre unida ao mais alto Deus criador, quer se apresente como instrumento utilizado por ele, quer diretamente como fundamento primário de onde ele próprio, assim como toda a existência e toda ordem de existência provêm. O pensamento e sua expressão verbal costumam ser aí concebidos como uma só coisa, pois o coração que pensa e a língua que fala se pertencem necessariamente.”<sup>2</sup>*

Dessa forma, fica estabelecida a relação entre a palavra e a religião; como ela é também considerada a base da comunicação, a interligação parece ser clara.

---

<sup>1</sup> Dados extraídos do livro *O Rádio no Brasil*, de Sônia Virginia Moreira (Rio de Janeiro: Editora Mil Palavras, 2000), p. 18.

<sup>2</sup> CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1985, p.34.

Desde o início do estudo, observa-se que a presença da religião nos meios de comunicação é uma prática existente há muito tempo. A título de ilustração, pode-se mencionar que, já na década de 50, havia a transmissão radiofônica da benção de Padre Donizetti<sup>3</sup>, na cidade de Tambaú. A benção era transmitida pela rádio Nacional de São Paulo, no programa liderado por Pedro Geraldo Costa<sup>4</sup>; a transmissão da benção do Padre Donizetti acontecia às 18h00, diretamente da cidade de Tambaú.

Programas com a participação do Padre Donizetti eram apresentados também em outras emissoras de rádio: 9 de julho, Record e Panamericana, além de algumas emissoras do interior do Estado de São Paulo, tais como: rádio Difusora de Santos, Atlântica de Ribeirão Preto, entre diversas outras regiões. De modo geral, por todo o Brasil falavam-se sobre os milagres de Tambaú, na figura de padre Donizetti.<sup>5</sup>

Essa constatação tem vários pontos em comum com o objeto que se pretende trabalhar. Ao traçar um rápido paralelo entre eles, pode-se observar que: em ambos os casos, são programas de rádio não religiosos – Programa de Pedro Geraldo Costa e Programa Eli Corrêa – transmitidos em uma emissora comercial, com apresentadores que são cidadãos comuns e que, a partir da inserção de um momento reservado a uma exposição religiosa e de manifestação da fé, ganham proporções populares, trazendo destaque aos comunicadores e propagando a ação do Padre Donizetti ou do mito de Santo Expedito para determinadas parcelas da população, principalmente no que tange às camadas mais populares.

A professora Maria Isaura Pereira de Queiroz, do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, foi a Tambaú especialmente para pesquisar os fenômenos que lá ocorriam e registrou:

*“Em 1954, Tambaú contava com 16 mil habitantes, 4.500 na cidade e 11.500 na zona rural. A cidade sofre uma convulsão quando*

---

<sup>3</sup> Padre Donizetti Tavares de Lima, nascido em Cássia, MG, em 3 de janeiro de 1882 e falecido em 16 de junho de 1961, em Tambaú, SP.

<sup>4</sup> Pedro Geraldo Costa, radialista na década de 50.

<sup>5</sup> Dados extraídos de AZEVEDO, José Wagner Cabral de. *Padre Donizetti de Tambaú*, Aparecida, São Paulo: Editora Santuário, 2001, coleção Peris 3.

*sua população urbana passa, em um curto espaço de tempo, para quase 55.000 mil. O afluxo de pessoas em busca de curas através [sic] da intercessão de Padre Donizetti comove o país e se propaga pelas nações das Américas, Europa e Ásia. O nome do padre Donizetti passa a figurar não só na imprensa mas também nos noticiários radiofônicos as cenas que se passavam na cidade dos milagres, como era chamada Tambau”.<sup>6</sup>*

Para melhor entendimento de bênçãos e cura pelo rádio, pode-se recorrer a Douglas Teixeira Monteiro:

*“[...] O uso do rádio como veículo de mensagens evangélicas de conversão cede lugar a seu emprego antes como instrumento de cura: a crença na eficiência das orações e bênçãos emitidas pelo rádio é difundida pelos próprios missionários, que inclusive reconhecem os efeitos de uma via curativa transmitida a pessoas e a objetos através [sic] de suas ondas”<sup>7</sup>*

Esses relatos deram o primeiro fundamento à proposta deste estudo: demonstrar a propagação religiosa por intermédio de um meio de comunicação, neste caso o rádio, utilizando-se da força de um comunicador.

A pesquisa está centrada em dois pontos: o primeiro deles é o programa de rádio “Eli Corrêa”, atualmente transmitido pela Rádio Capital - AM, de 2ª a 6ª feira, em dois horários distintos: das 6h00 às 8h00 e das 13h00 às 16h00; o segundo diz respeito aos fiéis, freqüentadores da capela de Santo Expedito, localizada no bairro da Luz, região central da cidade de São Paulo.

É nesse contexto que será analisada a divulgação da devoção de Santo Expedito por meio do programa de rádio do Eli Corrêa, nas últimas duas décadas, na cidade de São Paulo.

O intuito mais geral é percebermos de que maneira essa forma de comunicação colabora com a construção do imaginário religioso de Santo Expedito.

---

<sup>6</sup> Idem, *ibidem*, p. 22.

<sup>7</sup> MONTEIRO, Douglas. *Igrejas, Seitas e Agências: aspectos de um ecumenismo popular*. In: VALLE, Edênio e QUEIRÓS, J. (org). *A Cultura do Povo*. 4ª ed. São Paulo: Cortez/Instituto de Estudos Especiais, 1988.

O objeto possui uma localização específica, um grande centro urbano, composto por uma heterogênea massa humana, que vai mesclando culturas, perdendo e criando seus mitos, além das características pertinentes aos grandes centros urbanos. É preciso primeiro analisar a complexidade desse ambiente, para que se tente entender como a fé e a devoção se estabelecem, muitas vezes em novas formas de crer. Com relação a essa complexidade, Passos dá elementos que ajudam a compreendê-la:

*“[...] entendida não só enquanto lugar geográfico mas como espaço cultural que vai tornando onipresente um modo de viver e significar a vida. Uma grande engenhoca regida pelas forças do lucro e pela virtualidade que coloca fim nos tipos culturais puros, reprocessa os consensos, apropria o [sic] que era nitidamente do povo. A metrópole vai criando modos de vida e sistemas de significação cada vez mais cheios de símbolos, de agentes, valores e instituições. Uma engenhosidade dinâmica e complexa, perpassada por múltiplas forças que exigem olhares cuidadosos e críticos para localizar as formas populares de crer com suas resistências, trocas e conflitos.”<sup>8</sup>*

Assim, o estudo vai apresentar o perfil e os hábitos dessa parcela da população, o relacionamento que mantém com o rádio e com o Eli Corrêa e a manifestação de fé através da devoção a Santo Expedito. Todos esses aspectos estão detalhados nos três capítulos que compõem este estudo da seguinte maneira: o primeiro capítulo se propõe a analisar a comunicação e a linguagem utilizada pelo comunicador, o que compõe o chamado estado da arte. Dentro desse contexto abordaremos o rádio como meio de comunicação, o principal objeto de estudo que é o programa do Eli Corrêa e a sua divulgação de Santo Expedito. O segundo capítulo traz a apresentação e a análise da pesquisa realizada junto aos fiéis, ao lado da observação de como se processa a sua construção de imagem, contextualizando assim o tema em questão, que é a investigação da hipótese sobre a influência do comunicador Eli Corrêa no processo de construção coletiva da devoção de seus ouvintes junto a Santo Expedito, por meio de uma elaboração compartilhada entre o

---

<sup>8</sup> **PASSOS**, João Décio. “As formas complexas de o povo crer”. *Revista da APG – Associação de Pós Graduandos da PUC/SP*, São Paulo, n.º 19, 1999, p. 7-22.

comunicador e os fiéis-ouvintes através do programa. No terceiro capítulo, a proposta é a discussão analítica sobre cultura e religiosidade popular e o seu imaginário na construção do mito. A intenção é analisar os múltiplos aspectos desse meio de comunicação, para se tentar entender de que maneira a linguagem radiofônica e o discurso do comunicador contribuem no processo de transformação do ouvinte em devoto.



## Capítulo I – A comunicação e o Santo Expedito

Esse primeiro capítulo se propõe a fazer uma análise da comunicação, desde sua origem, como se deu a evolução de sua linguagem no processo de divulgação da mensagem. Essa abordagem permitirá um melhor entendimento da origem do meio rádio, como a comunicação ocorre nesse meio, de que forma surgem os comunicadores e a sua força junto aos ouvintes. Em um texto do Padre Vitor Coelho encontra-se uma fundamentação para a importância dessa breve passagem por toda a origem da comunicação até chegarmos ao rádio como objeto de estudo para a devoção:

*“E o gênio humano inventou a escrita, os cuneiformes, o papiro, o papel, os pergaminhos, a imprensa. Naus rasgaram os seios dos mares e estradas sulcaram a face do mundo. Sucederam-se veículos, ferrovias e aviões. Surgiram o telégrafo, o telefone e, finalmente, o **rádio** e a televisão”<sup>9</sup>*

Após a exposição desse cenário, o capítulo passa a apresentar o histórico de Santo Expedito, seu culto e a instalação da devoção na cidade. Na seqüência, será exposto o programa de rádio do Eli Corrêa e de que maneira Santo Expedito passou a ter a sua devoção divulgada.

A pesquisa utilizou bibliografia que agregasse ao trabalho fundamentação para várias teorias, conceitos e origens, em que pudesse se apoiar com a finalidade de localizar a relação da comunicação com a religião.

O desenvolvimento de um estudo sobre a comunicação, bem como sobre o surgimento dos seus principais meios e suas principais características, faz-se necessário para que seja possível identificar a relação, a que tudo indica existir, entre palavra-comunicação-religião. O simbólico é um dos elementos mais significativos e comuns nessa relação entre religião e comunicação. Conforme

---

<sup>9</sup> MILANESI, Luiz Augusto. *O paraíso via Embratel*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1978, p.73.

Mônica Rebeca: “A voz e a palavra constroem textos escritos/oralizados que veiculam signos míticos aptos a ritualizar a escuta radiofônica”<sup>10</sup>.

A comunicação ocorre quando há um **emissor**, uma mensagem ou informação, **o meio** – pelo qual a mensagem será transmitida – e **o receptor**. Entende-se que o raciocínio retórico é capaz de atuar junto a mentes e corações, em mecanismo eficiente capaz de envolver o receptor. No caso do objeto de pesquisa em questão, tudo leva a crer que o discurso tem uma preocupação persuasiva, cujo objetivo fica claro no texto de Adilson Citelli: “[...] uma das preocupações do discurso persuasivo é o de provocar reações emocionais no receptor [...]”<sup>11</sup>. Vale lembrar que nessa pesquisa o caráter é unidirecional da linguagem, não há comunicação interativa entre emissor e receptor, trata-se de uma figura passiva que apenas ouve.

Feita essa passagem genérica pela comunicação, o foco do estudo direciona-se para o meio rádio com o objetivo de melhor entender o processo de comunicação desse meio e a sua repercussão junto à população. Dessa forma, pode-se perceber a sua influência na transmissão da devoção a Santo Expedito.

A chegada do rádio ao Brasil se dá no agitado e importante ano de 1922. A primeira emissão radiofônica oficial do país, que tinha Epitácio Pessoa como Presidente da República, ocorreu durante as comemorações do Centenário da Independência, no Rio de Janeiro.<sup>12</sup> A partir de então, o rádio manteve uma característica elitista até a década de 30, quando o governo de Getúlio Vargas autorizou, por meio do Decreto 21.111, do dia 1º de março de 1932, a propaganda em rádio.<sup>13</sup> É nesse momento, em que passa a ser mantido pela publicidade, que o rádio adquire uma característica popular – proveniente da linguagem oral utilizada no cotidiano da população brasileira – com o objetivo de conquistar grandes audiências e, conseqüentemente, de atrair grandes verbas publicitárias. Em *Jingles* e *Spots* encontra-se uma citação que não só auxilia a fundamentar essa passagem do rádio elitista para o rádio comercial, como também atesta a força desse meio como atuante no imaginário da população, sendo esse elemento fundamental para este estudo.

<sup>10</sup> NUNES, Mônica Rebeca Ferrari. *O mito no rádio: a voz e os signos de renovação periódica*, 3.ª ed. São Paulo: Annablume, 2003, p.15.

<sup>11</sup> CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. São Paulo: Editora Ática, 1988, Série principais, p. 31.

<sup>12</sup> Dados extraídos de MOREIRA, Sonia Virginia. *Op. cit.*, p. 21.

<sup>13</sup> ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *Apud Idem, ibidem*, p. 43.

*“Os progressos da industrialização ampliavam o mercado consumidor, criando as condições para a padronização de gostos, crenças e valores. As classes médias urbanas (principal público ouvinte do rádio) passariam a se considerar parte integrante do universo simbólico representado pela nação. Pelo rádio, o indivíduo encontra a nação, de forma idílica: não a nação ela própria, mas a imagem que dela se está formando.”<sup>14</sup>*

Assim, nesse texto, observa-se o encontro da nação de forma idílica, pela imagem que dela se forma. Nesta pesquisa encontra-se o mesmo universo simbólico representado pelo comunicador e pela rádio na construção da imagem devocionista junto aos ouvintes do programa, os quais têm sua sensibilidade tribal restaurada pelo meio rádio, considerado por Macluhan: “o tambor da tribo”<sup>15</sup>.

As imagens padronizadas que as sociedades ocidentais têm privilegiado nas últimas décadas não conseguiram construir um universo do imaginário social que superasse as antigas narrativas e os rituais sagrados. Desse modo, o rádio é um meio que, de certa forma, resgata essa narrativa e estabelece a “aldeia global”<sup>16</sup>.

Na contramão da história oficial, consta que, muito antes do presidente Epitácio Pessoa, outra voz foi transmitida sem fio e a uma distância maior que 8 km, a do padre Landell de Moura<sup>17</sup>, conforme registro do *Jornal do Comércio*:

*“No domingo próximo passado, no Alto de Sant’ana, cidade de São Paulo, o padre Roberto Landell de Moura fez uma experiência particular com vários aparelhos de sua invenção, no intuito de demonstrar algumas leis por ele descobertas no estudo da propagação do som, da luz e da eletricidade através do espaço, da terra e do elemento aquoso, as quais foram coroadas de brilhante êxito. Estes aparelhos eminentemente práticos são como tantos corolários, deduzidos das leis supracitadas. Assistiram a esta prova, entre outras*

---

<sup>14</sup> **MELLO** Vianna, Graziela Valadares Viana de. *Jingles e spots a moda nas ondas do rádio*, Newton Paiva: Belo Horizonte, 2004.

<sup>15</sup> **MCLUHAN**, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. Editora Cultrix: São Paulo, 1964, p. 334.

<sup>16</sup> *Ibidem*, *ibidem*.

<sup>17</sup> Roberto Landell de Moura nasceu na cidade de Porto Alegre, RS, em 21 de janeiro de 1861, e ordenou-se padre em Roma, em 1886. Além de teologia, cursou medicina, física e química e desenvolveu as primeiras idéias de sua teoria sobre “Unidade das Forças Físicas e a Harmonia do Universo”, base para suas invenções futuras. Padre Landell faleceu em 30 de junho de 1928, em Porto Alegre.

*peessoas, o Sr. P.C.P. Lupton, representante do Governo Britânico, e sua família.”<sup>18</sup>*

Assim como ocorreu com a fotografia e também com a aviação, pesquisas feitas em épocas distintas acabam incorrendo em um mesmo invento para dois autores contemporâneos, conforme detectou Silvana Gontijo:

*“[...] o padre Landell desenvolveu seus equipamentos em 1893, antes da data atribuída à invenção de Marconi (1895). Sua obra foi destruída por fanáticos religiosos, que o acusavam de ter parte com o demônio, impedindo-o de obter a prova de anterioridade quando foi requerer as patentes ao U.S. Patent Office, em Washington. Apesar das inúmeras dificuldades, padre Landell conseguiu três cartas patentes na América do Norte: ‘Transmissor de Ondas’, precursor do rádio. Em 11 de outubro de 1904, ‘Telefone Sem Fio’ e ‘Telegrafo Sem Fio’ em 22 de novembro de 1904. Foi também pioneiro nos estudos dos processos de transmissão de imagens. As ondas landeleanas [...]”<sup>19</sup>*

Consta que em sua última entrevista ao extinto jornal porto-alegrense *Última Hora*, em 1924, padre Landell explicava as razões de suas descobertas terem sido usadas por outros:

*“[...] Os americanos, decorridos os 17 anos de prazo que marca a lei das patentes, puseram em execução prática as minhas teorias. Não sou menos feliz por isso. Eu vi sempre nas minhas descobertas uma dádiva de Deus. E como, além disso, sempre trabalhei para o bem da humanidade, tentando, ao mesmo tempo, provar que a religião não é incompatível com a ciência, folgo em ver hoje realizado, na prática utilitária, aquilo que foi todo o meu sonho de muitos dias, de muitos meses, de muitos anos[...]”<sup>20</sup>*

---

<sup>18</sup> GONTIJO, Silvana. *O Mundo em Comunicação*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2001, p. 224.

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*, p. 224.

<sup>20</sup> Idem, *ibidem*, p. 225.

O registro que se faz neste estudo sobre o padre Landell de Moura não passa pela preocupação de se discutir a existência ou não do seu pioneirismo; o que se faz relevante para esta pesquisa é o fato do rádio ter sua origem em um padre, ainda que isso não tenha sido reconhecido oficialmente por historiadores nem pela sociedade brasileira. A descoberta em si é fruto do lado cientista e não do lado religioso de padre Landell, mas nela havia a intenção de se poder falar com os fiéis por intermédio do rádio, isso parece ser inquestionável, pela sua própria ação de religioso.

O que fica claro é a efetiva participação de religiosos e da própria igreja nas experiências com o rádio ao longo do tempo, em diversas circunstâncias. Até mesmo com o rádio educativo, em 1961, com a assinatura do decreto presidencial que regulamentava o Movimento de Educação de Base, criado por Dom Eugênio Salles, a ser desenvolvido em escolas radiofônicas sob a supervisão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. Frise-se que as atividades da Igreja nessa área já ocorriam desde a metade da década de 1950, quando Frei Gil Bonfim, da ordem franciscana, apresentou às autoridades eclesásticas um projeto de organização diária de aulas de alfabetização.<sup>21</sup>

A partir deste ponto, já caracterizada a ação da igreja e de religiosos que utilizaram os processos comunicativos em meios de massa, a pesquisa tentará encontrar um traço em comum entre a religião e a comunicação, em épocas mais próximas do período aqui pesquisado.

Em conferência proferida no seminário organizado pela Felafacs, em Cáli, Colômbia, em 1996, Jesús Martin Barbero afirmou:

*“O que está convocando, hoje, as pessoas a juntar-se? Perguntava o filósofo, respondendo, ele mesmo, que a questão religiosa remetia aos processos de comunicação enquanto espaços e dispositivos de constituição de identidades e de novas comunidades, isto é, aos processos de comunicação enquanto cenários de reconstituição dos sujeitos e dos atores sociais. E finalizava: ‘Aí está a perspectiva a partir*

---

<sup>21</sup> Dados extraídos de MOREIRA, Sonia Virgínia. *Op. cit.*, p. 26.

*da qual é possível estabelecer a relação entre modernidade, secularização e meios de comunicação.*<sup>22</sup>

Essa afirmação demonstra a utilização dos meios de comunicação como dispositivos e espaços de constituição de identidades e de novas comunidades.

Conforme consta no início deste trabalho, tudo à volta de Santo Expedito gira em torno de comunicação. Em geral, as promessas feitas aos santos envolvem sacrifícios, peregrinações, deixar crescer o cabelo, carregar uma cruz pesada ou até mesmo uma pedra, pedir esmolas para o santo. No caso de Santo Expedito, a promessa feita é sempre um testemunho público, com caráter de divulgação, tais como o agradecimento por graças alcançadas em vias públicas. Assim, além do “santinho”, encontramos outras formas de divulgação desse santo, como: revistas, internet, faixas de rua e anúncios em jornais.

As faixas são afixadas em locais públicos com o texto padrão “*Agradeço a Santo Expedito a graça alcançada*”, contendo as iniciais da pessoa que alcançou a graça. É curioso observar que a utilização dos espaços urbanos, prática muito comum na publicidade, é amplamente explorada com uma forte exposição de Santo Expedito, um santo que pertence ao século III, e que detém características de grandes centros urbanos.

No meio jornal, os anúncios mantêm a mesma forma e normalmente são veiculados nos cadernos de classificados.

Na internet, as *home pages* exibem as orações, biografia, testemunhos, endereço das igrejas, e, atualmente, vêm servindo para os devotos divulgarem a graça alcançada através do envio do santinho por “*span*”. (ver anexo n.....)

O rádio divulga as festas, realiza orações, relata testemunhos de fé, além de ser um dos grandes expoentes entre os meios de comunicação na propagação da devoção a Santo Expedito.

Afora o “Programa Eli Côrrea”, há um outro programa de rádio, apresentado pelo comunicador Paulo Lopes, atualmente na rádio Capital, em que se faz diariamente a oração a Santo Expedito e são narrados testemunhos de graças

---

<sup>22</sup> Texto de Ismar de Oliveira Soares (presidente da UCIP – Union Catholique Internationale de la Presse; professor da Escola de Comunicações e Artes da USP), publicado sob o título “Celebrando cinquenta anos de comunicação sob a liderança da CNBB” no site <http://www.catolicanet.com.br/noticias/50anos.asp>, acessado em 04.01.2004, às 14h00.

recebidas. Porém, nesse programa não há a participação de nenhum clérigo nem mesmo há o envolvimento do comunicador nas festividades da Igreja de Santo Expedito.

Na devoção a Santo Expedito, verificamos a exposição dos ex-votos<sup>23</sup> nos mais variados locais: bancas de jornal, cemitérios, casas comerciais, ruas, avenidas, escolas, universidades, bares, além dos espaços sagrados, como igrejas e capelas. Essa prática típica da religiosidade popular, encontrada em toda parte de nosso país, com características intimistas, incorpora-se aos sistemas de crenças particularísticas e locais para, então, adaptar-se, no caso da devoção a Santo Expedito, ao se traduzir na utilização dos meios de comunicação de massa, como rádio e jornal, aliada à comunicação exterior (as faixas), atingindo milhares de pessoas ao mesmo tempo. Estabelece-se, assim, uma relação de reciprocidade com características urbanas. Esses meios levam, com a mensagem, o forte cunho testemunhal de resultados já obtidos, tornando-se um forte estímulo para novos devotos. A devoção ganha impulso com a divulgação radiofônica e expande-se pela cidade, percorrendo caminhos não eclesiásticos.

Na década de 80, aproximadamente entre 1983 e 1984<sup>24</sup>, inicia-se a divulgação no programa de rádio do Eli Corrêa. A partir de então até o início de 2004, o Padre João Vilano sempre manteve uma participação no programa, embora de forma esporádica.

Não foi localizada uma tradição no devocionário católico da cidade, pois as manifestações de sua devoção ocorrem nos mais variados pontos da cidade e independem da memória preservada em registros literários ou mesmo do seu histórico. A devoção é, nesse caso, tipicamente urbana, visto o santo ter o perfil dos grandes centros, onde tudo é muito rápido, as necessidades são sempre urgentes e em grande número em função de serem cidades com grandes concentrações populacionais. O caráter é de participação coletiva, celebração pública. O “ex-voto”, no caso de Santo Expedito, não é um símbolo de oferecimento direto com o santo, pois ele convive com a população e a gratidão que se dá a ele de forma pública, de forma muito urbana, onde é misturado o sagrado e o profano, uma vez que as

---

<sup>23</sup> Ex-voto é “quadro, imagem, inscrição ou órgão de cera, madeira etc. que se oferece e expõe, numa igreja ou numa capela em comemoração de voto ou promessa cumprida”. In: MORENO, Júlio César. *A devoção a Santo Expedito na cidade de São Paulo*. Dissertação PUC/SP, 2000, p 17.

<sup>24</sup> O comunicador Eli Corrêa diz não lembrar ao certo, acha que foi entre 1983/1984. O Padre João Villano confirma ter sido em meados de 1984 e registra que a devoção eclodiu mesmo no início da década de 90.

exposições muitas vezes se dão ao lado de cartazes e situações das mais diversas, remetendo, inclusive, a uma relação dos devotos entre si. A análise desse fato faz crer que essa pode ser uma das características pelas quais não haja um lugar específico para o seu culto.

Fixado esse cenário inicial da comunicação, faz-se necessária uma abordagem atenta sobre o rádio, por este ser parte integrante do objeto de estudo em questão.

### 1. O companheiro rádio

O hábito de se ouvir rádio e a sua presença nos lares brasileiros, de forma inclusiva, ocorre praticamente desde que os primeiros aparelhos chegaram a este país, uma vez que nas últimas décadas do século XIX, o Brasil não era tido como uma sociedade urbano-industrial, fato que só se caracterizou a partir da década de 1920<sup>25</sup>, estimulado pela Primeira Guerra Mundial. A popularização desse veículo de comunicação também está caracterizada desde que ingressou no Brasil. Um exemplo claro de sua atuação rural e popularização está nesta referência à cidade de Ibitinga, interior de São Paulo: *“O proprietário de um desses primeiros aparelhos de rádio, um médico, deixava o receptor na janela que dava para a rua, na hora do noticiário, propiciando, dessa forma, uma ampla audiência”*<sup>26</sup>.

Outra reversão que ocorre também nessa comparação entre campo e cidade, é que o campo deixa de ser o centro de todo o trabalho e a cidade deixa de ser o centro do lazer, sendo assim, o hábito de se ouvir rádio adquirido por uma sociedade rural. Com o advento da televisão, na década de 1950, como já não contava com um público fascinado pela possibilidade de – além de ouvir – ver, o rádio partiu para buscar outras formas de identificação com o ouvinte. Começou, então, a delinear-se a função contemporânea do rádio “companheiro” de qualquer cidadão. Para Brecht, o rádio é inclusivo: *“[...] ao ligar, o aparelho fala, reproduz assim a forma mais universal, de comunicação humana e de mídia, e reproduz exatamente a essência da condição humana, a fala”*<sup>27</sup>. O rádio fala individualmente com as pessoas, os ouvintes sentem-se tocados de forma particular pelas mensagens que são

<sup>25</sup> Conforme relato de João Baptista Borges Pereira, em seu livro *Cor, profissão e mobilidade* (RS: Clio, 2001). Apud **SANTOS**, César Augusto Azevedo. *Quem inventou o rádio?*. Passo Fundo, RS: Clio Livros, 2001, p. 26.

<sup>26</sup> **MILANESI**, Luiz Augusto. *Op. cit.*, p.75.

<sup>27</sup> **BRECHT** Bertolt. “Théorie de la rádio, (1927-32)”. In: *Sur le cinema*. Paris: L'Arche, 1970.



transmitidas a milhares de pessoas, sendo essa uma das principais características dos meios de massa. Segundo Mcluhan:

*“O rádio é considerado um meio quente<sup>28</sup> e tem a característica de eliminar os fatores de tempo e espaço da associação humana criando a participação em profundidade subliminares da mente, e que as palavras desacompanhadas da imagem, como quando conversamos no escuro ganham textura mais rica e mais densa.”<sup>29</sup>*

Com essa propriedade de criar uma participação em profundidade na mente das pessoas em virtude da sua presença nas mais diversas situações cotidianas, o rádio vai se solidificando como um meio de entretenimento e lazer, além de ser um veículo para informação, denúncias e avisos. Dessa forma, vai se tornando fundamental para a grande maioria da população. Nesse universo, encontram-se as pessoas que o incluem na atividade diária, no carro, no ambiente de trabalho ou, ainda, aquelas pessoas que vivem mais isoladas por questões de idade avançada, ou as que estão hospitalizadas ou temporariamente imobilizadas. Segundo Dalmir Francisco: *“A comunicação midiática é instituinte e modificadora do real, ao estatuir o real pelo discurso e no discurso. Ao ofertar um conjunto de acontecimentos através dos quais um mundo é revelado/transladado ao receptor, o discurso midiático não apenas sustenta o real, mas faz falar o outro”<sup>30</sup>.*

Porém, o rádio está presente, também, entre a população ativa e socialmente ambientada, fazendo parte dos lares e inserindo-se no ambiente familiar, em locais de trabalho, com os motoristas de táxi e caminhões. Há uma frase de Leão Serva que consegue ilustrar bem esse cotidiano: *“[...] a faxineira que lava a casa toda, vai com o rádio ‘dirigindo’ a sonoplastia do filme de seu dia”<sup>31</sup>.* Os ouvintes partilham de uma mesma fonte de informação que lhes oferece repertório e integração social.

Para melhor ilustrar as camadas sociais onde o rádio está presente e o perfil da população que o tem como companheiro, a fundamentação está nos dados

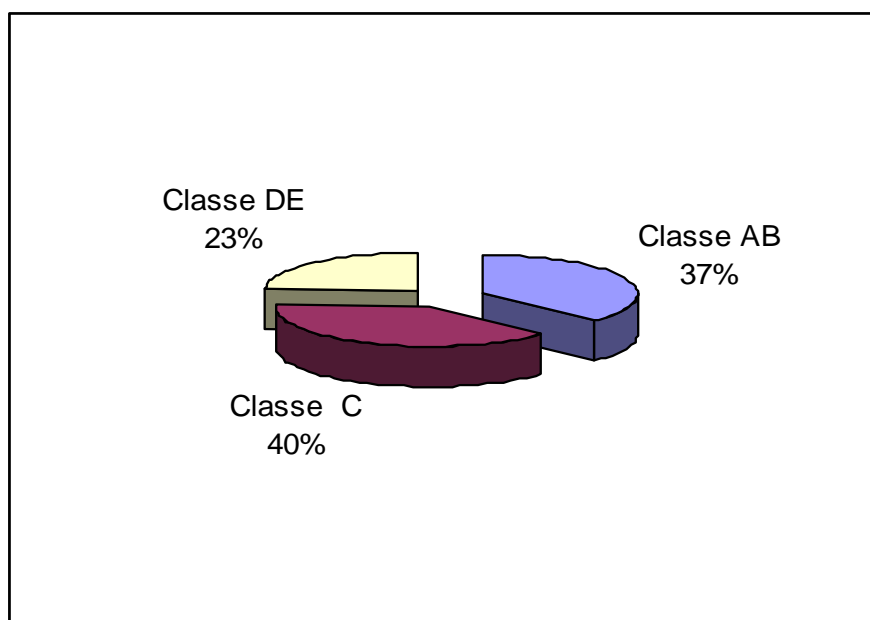
<sup>28</sup> Marshall McLuhan afirma que: *“Um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos em ‘alta’ definição”.* MCLUHAN, Marshall. *Op.cit.*, p. 38.

<sup>29</sup> Idem, *Ibidem*, p. 40.

<sup>30</sup> FRANCISCO, Dalmir. In: MELLO, Vianna e VALADARES, Graziela de. *Op. cit.*, p. 23.

<sup>31</sup> SERVA, Leão Pinto. *Babel: a mídia antes do dilúvio e nos últimos tempos.* São Paulo: Mandarin, 1997, p. 37.

estatísticos que demonstram o perfil dos ouvintes de rádio, apresentados nos gráficos 1 e 2.

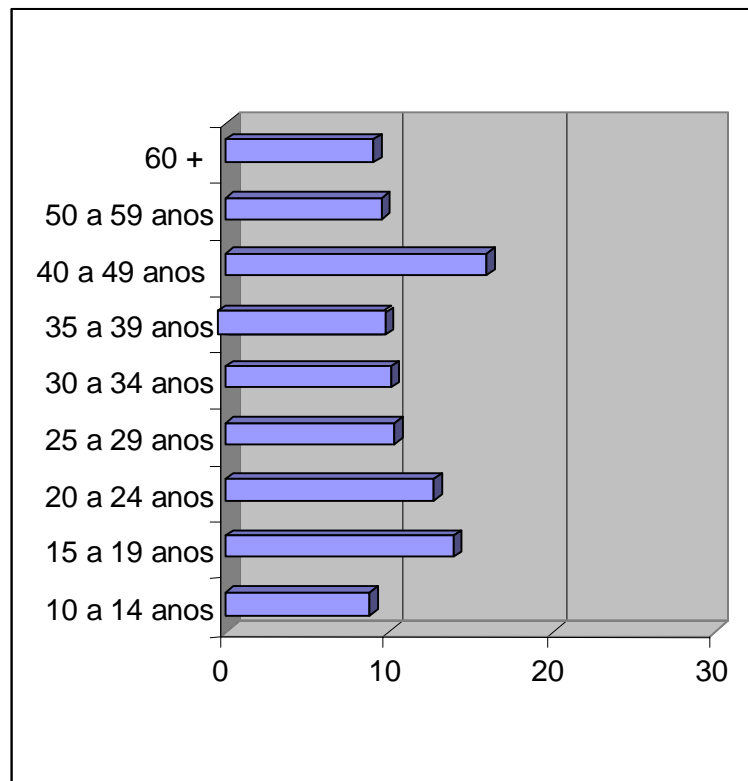


**Gráfico 1 – Distribuição socioeconômica**

Com base nos números apresentados, percebe-se a forte presença do rádio nas camadas populares, representando 63% entre as classes CD e E. É essa população que compõe o foco do público pesquisado neste estudo, e fica assim fundamentado o forte envolvimento desse público com o meio rádio. As razões que geram esse envolvimento podem estar em vários aspectos. Os mais genéricos e evidentes estão mencionados ao longo deste trabalho, embora não caiba um maior aprofundamento, além do suficiente para serem identificadas as características básicas do imaginário popular. Elas são as responsáveis pela eficácia da comunicação do meio radiofônico. O fato mais eminente é o do meio rádio se apresentar de tão fácil acesso às camadas mais populares da sociedade; conforme Heron Domingues: “*A imprensa é a análise, o rádio é a síntese. A imprensa dirige-se aos que sabem ler; o rádio fala, também, aos que são analfabetos [...]*”<sup>32</sup>.

<sup>32</sup> NUNES, Mônica Rebeca Ferrari. *Op.cit.*, p. 15.

Falar apenas em classe social deixa uma certa lacuna para a pesquisa, se não fixarmos a faixa etária em que esse meio se torna mais presente. O que fica evidente é que, embora haja, de forma geral, uma forte penetração em todas as idades, é na parcela adulta que ele tem seu expoente maior.



**Gráfico 2 – Faixa etária**

O que esses dados representam para este trabalho? A classificação que as emissoras de rádio tomam como referência para desenvolverem a sua programação. Portanto, o programa do Eli Corrêa tem um formato que atende a proposta de atingir da melhor maneira possível esse público.

Atualmente, no Brasil, as transmissões em AM, em geral, possuem vários gêneros, algumas têm o radiojornalismo como âncora de sua programação, porém, a maioria pertence ao gênero popular, como o musical, o policial, o esportivo e o de variedades, além dos religiosos que hoje são parte fundamental da programação.

Após viver tempos difíceis nos anos 60 devido à concorrência mais ativa da televisão, surgiram na década de 70 os novos comunicadores do rádio em São Paulo. Com mensagens que atingiam em cheio as classes sociais menos favorecidas, esses comunicadores não só recuperaram a expressividade do meio junto a essas classes sociais, como também conseguiram altos índices de participação de audiência nesse segmento da população, que tem no rádio o seu maior amigo. Para esse papel de amigo e companheiro atribuído ao rádio e aos seus comunicadores, é que Mônica Rebeca Ferrari Nunes dá um reflexo dessa teoria: “O rádio AM assume o papel de companheiro de todo cidadão. Sua tarefa é informar com rapidez e seriedade e, também, prestar serviços ao grupo social”<sup>33</sup>.

Embora não haja dados que comprovem efetivamente a relação direta entre um programa popular e a crise econômica nas décadas de 80 e 90, podemos pensar que a força do comunicador entre as classes menos favorecidas e um santo que é invocado para atender as causas urgentes foram fatores importantes para o crescimento da popularidade do Santo Expedito.

Sobre o rádio como companheiro, transmissor de informação, encontra-se também sua importância para a igreja, Dom Ivo Lorscheiter<sup>34</sup> contribui com duas afirmações que apóiam essa afirmação:

*“[...] havia uma coisa interessante chamada ‘Cartas Pastorais’. É um tipo de literatura que se conservou muito na nossa igreja. Quando não havia rádio, não havia essa difusão de outros meios de comunicação social, o bispo se comunicava, podia fazer assim uma espécie de pensamento. Difusão da opinião através das chamadas Cartas Pastorais.”<sup>35</sup>*

E afirma ainda: “*Eu sempre pensei também que, entre os veículos de comunicação social, o rádio foi e continua sendo uma das forças mais significativas. Não que seja mais forte que a televisão ou a internet, mas é aquela que mais é entendida e usada pelo nosso povo*”<sup>36</sup>.

---

<sup>33</sup> Idem, *ibidem*, p. 15.

<sup>34</sup> Dom Ivo Lorscheiter, Bispo de Santa Maria-RS. *Apud SANTOS*, César Augusto Azevedo. *Op. cit.*, p. 85.

<sup>35</sup> Idem, *ibidem*, p. 20.

<sup>36</sup> Idem, *ibidem*, p. 85.

Na mesma fonte, há também o relato de uma anedota de um pensador pastoralista que diz: *“A Conferência dos Bispos da América Latina fez a opção pelos pobres e os pobres fizeram a opção pela rádio”*<sup>37</sup>.

Nessas citações de Dom Ivo, pode-se concluir que, se ele atribui às Cartas Pastorais um valor de difusão do pensamento e da própria comunicação do Bispo, alegando ser uma época em que não havia rádio nem outros tantos meios de comunicação social, acredita-se, assim, que ele considere o rádio um importante meio para a Igreja divulgar seus pensamentos e até mesmo sua importância para a fé.

Embora não seja o caso de nos aprofundarmos na questão do interesse que a Igreja, principalmente a Católica, tem em utilizar esse instrumento de divulgação, ao longo da pesquisa foram encontrados registros neste sentido que valem a pena serem citados, tais como: no documento da CNBB sobre o projeto de evangelização preparatório ao grande jubileu de 2000, existem afirmações que não chegam a ser articulações práticas, conforme segue: *“Valorizem-se os diversos meios de comunicação social, desde boletins e rádios locais até a difusão de notícias e imagens no plano nacional. O mundo da comunicação é um aéropago moderno. É preciso desenvolver mais a presença pastoral junto aos comunicadores e formadores de opinião”*<sup>38</sup>.

Esses registros colaboram para a avaliação do cenário geral do meio rádio e sua utilização pela religião.

A evolução significativa do sistema radiofônico brasileiro nos anos 90, época deste objeto de estudo, é confirmada pelo quadro apresentado *no Mídia Dados 99*<sup>39</sup> na avaliação do Grupo de São Paulo:

*“Nos últimos anos, multiplicaram-se as oportunidades para se ouvir rádio. Quem caminha ou pratica esportes leva micro-rádios presos ao corpo. No ambiente de trabalho nenhum chefe tem coragem de proibir o rádio ligado. Shoppings, lojas, elevadores, restaurantes, salas de espera, ônibus, todo lugar é hora [sic] de ouvir rádio. A liberação do*

<sup>37</sup> Idem, *ibidem*, p. 86.

<sup>38</sup> Doc. CNBB, nº 56, p.161. In: **PESSINATTI**, Nivaldo Luiz. *Políticas de comunicação da Igreja Católica*. 1ª ed. Petrópoli, RJ: Vozes, 1990, p. 29.

<sup>39</sup> *Mídia Dados* é um anuário elaborado pelo Grupo de Mídia de São Paulo, entidade de classe fundada em 1968, composta por 607 profissionais da área.

*consumo do meio é ajudada por avanços tecnológicos que baratearam e miniaturizam o receptor, pelo aumento da potência das emissoras e pela vantagem que oferecem para quem consome o meio. Um veículo popular de comunicação conseguiu tornar-se ainda mais popular.”<sup>40</sup>*

É interessante ressaltar que dentre os meios de comunicação, o rádio é um dos que apresenta o maior número de emissoras. Existem 1.676 emissoras AM no Brasil; em São Paulo, há 270 emissoras AM, sendo que, em termos de domicílios com rádio, o registro é de 10.280.<sup>41</sup> Encontra-se, ainda, um registro de que, desse total de emissoras no país: “[...] quarenta por cento pertencem a políticos, sete por cento pertencem à rede católica, vinte por cento às igrejas adventistas e pentecostais e vinte por cento aos empresários de Comunicação”<sup>42</sup>. Estes apontamentos estatísticos fundamentam a popularização do meio e sua importância no cotidiano da população e até mesmo a utilização do meio pelas religiões. Essa importância faz com que tanto as emissoras como os comunicadores procurem adequar cada vez mais uma programação dirigida a cada segmento da população.

São muito comuns, atualmente no Brasil, as rádios monotemáticas. As que são especializadas em músicas têm suas programações definidas por gêneros: sertanejo, pop, MPB, clássica, *dance*, entre outros. As rádios informativas apresentam diferentes tipos de jornalismo, noticiários, debates, entrevistas com participação de ouvintes e outras informações específicas. As emissoras religiosas posicionam-se como católicas, batistas, adventistas, além de várias outras não reconhecidas. A própria Igreja Católica não possui informações exatas sobre quantos veículos de comunicação mantém hoje no País. Segundo uma pesquisa encomendada ao Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (Ceris), foi constatado que: “apenas no Estado de São Paulo, os católicos possuem 1.030 veículos de comunicação. São: 25 TVs, 288 rádios, 316 jornais, 304 boletins e 61 sites”<sup>43</sup>. Existem, ainda, as chamadas ecléticas, que apresentam um misto de todos os estilos.

<sup>40</sup> Idem, *ibidem*, p. 73.

<sup>41</sup> Ministério das Comunicações, publicado em *Mídia Dados*, 2003, p. 229-230.

<sup>42</sup> Informações fornecidas pelo Departamento de Outorga do Ministério das Comunicações em Brasília, em 12.12.1996. In: **NUNES**, Márcia Vidal. *Rádio e política: do microfone ao palanque – os radialistas políticos em Fortaleza*, São Paulo: Annablume, 2000, p. 115.

<sup>43</sup> **NASCIMENTO**, Gilberto. “Mídia Religiosa – Em nome de Deus”. *Revista Negócios da Comunicação*, n.º 8, São Paulo: Editora Segmento, 2004, p.41.

O objeto deste estudo, o programa de rádio do Eli Corrêa, enquadra-se no perfil dos programas das emissoras AM acima mencionados concentrando um misto de informações, música, dramaturgia, notícias, debates populares e religião.

## 2. Comunicadores – Os companheiros do rádio e dos ouvintes

O público brasileiro acostumou-se a conviver com a figura do comunicador, dono do programa que, na maioria das vezes, empresta seu nome ao mesmo e assume o papel de protetor dos ouvintes mais necessitados. Nessa categoria estão os apresentadores de programas diários, em emissoras que primam pelo caráter popular nas suas programações. Em geral, eles vêm de uma origem humilde e usam de uma hábil retórica para galgarem o sucesso e a ascensão social. Gradativamente, vão desenvolvendo estilo, linguagem e postura pessoal que os caracterizam. É comum o comunicador falar mais perto do ouvido para tentar chegar mais próximo ao coração do ouvinte, captando, assim, suas aspirações para retribuir-lhes o que esperam. A linguagem utilizada por eles, em geral, é a mais simples possível, e os apelos emocionais são sempre “peça-chave” dos programas. O comunicador ouve os seus desejos, sonhos, amores, problemas, encontros e desencontros, criando, desse modo, uma certa intimidade, quase que uma cumplicidade com eles. Para melhor contextualizar essas ações, pode-se aplicar o conceito de retórica de Robert Cathcart que define retórica como: *“uso intencional que um comunicador faz da linguagem e de outros símbolos para influenciar ou persuadir públicos selecionados a fim de que ajam, creiam e sintam, em situações problemáticas, da maneira como o comunicador deseja”*<sup>44</sup>.

**Afanasio Jazadji – “Bandido é na cadeia, gente boa é na rua”** – Jornalista, radialista, advogado e deputado estadual, atualmente pelo PFL-SP. Na década de 80, então na Rádio Globo AM em São Paulo, apresentava um programa no gênero repórter policial e disputava audiência dentro de um mesmo estilo de programa com o comunicador Gil Gomes. Ambos tornaram-se fenômenos de audiência popular. Com um estilo polêmico e sempre com mote na segurança e no combate à criminalidade, elegeu-se deputado estadual na mesma década com índices

---

<sup>44</sup> HALLIDAY, Thereza. *O que é retórica*. São Paulo: Brasiliense, 1996, p.28.

expressivos de votação. Atualmente, tem seu programa na rádio Trianon AM, das 9h00 às 12h00; deixou um pouco o estilo repórter policial e faz do seu programa uma tribuna popular com denúncias de corrupções, divulga as cartas dos ouvintes com solicitações de emprego, procura de pessoas desaparecidas e apontamento de falhas no atendimento dos serviços públicos. Apesar da mudança de estilo, continua polêmico.

**Gil Gomes “Lhes Diz...”** – Na década de 70, com o desenvolvimento da região metropolitana, houve um crescimento expressivo da criminalidade, fenômeno típico das grandes cidades do mundo. A população precisava de um defensor que fosse também amigo. Essas características são encontradas em jornalistas que dão um caráter sensacionalista às histórias policiais. Um modelo praticado não apenas em São Paulo, mas em quase todas as grandes cidades brasileiras. Como paradigma desses comunicadores tem-se o radialista Gil Gomes, que apresentava o conteúdo numa estrutura narrativa semelhante à do conto popular, extremamente pertinente ao seu público. Gil Gomes alcançou tanto sucesso com suas narrações dramáticas sobre reportagens policiais, que passou a atuar também na televisão.

**Zé Bettio – “Acorrdaa Gorrdo! Ô Gorrdo”** – Lançado pela rádio Record AM em São Paulo, esse comunicador era um misto de contador de casos do interior com descendente de italiano. Essa combinação foi tão explosiva que bateu recordes de audiência durante anos. A sua linguagem e o seu perfil encontraram eco na cidade de São Paulo, que estava, naquela época, em pleno processo de urbanização. Zé Bettio falava para o homem do campo que vinha ganhar a vida na capital. Tornou-se um verdadeiro fenômeno de audiência do meio rádio.<sup>45</sup>

Essa rápida passagem por comunicadores que se tornaram referências no meio rádio faz-se necessária não apenas para ambientar esse universo, no qual encontra-se o comunicador Eli Corrêa, como para explicar de que maneira, cada um vai trabalhando, ao seu estilo e de forma persuasiva, as particularidades do público.

---

<sup>45</sup> Dados sobre comunicadores extraídos de **MELLO FILHO**, Fernando Vieira. “Os campeões de audiência”. **HYPERLINK** [www.mre.gov.br](http://www.mre.gov.br), em acessado em 01.06.2005 às 17h35.



### **Eli Corrêa – “OOOiiii Genteee!!!!”**

Sempre de “alto astral” e transbordando alegria, surge um comunicador que formou em São Paulo uma legião de mais de um milhão de fãs: Eli Corrêa, atualmente na Rádio Capital AM<sup>46</sup>. Conhecido como “o homem-sorriso do rádio”, declara que sempre cultivou o sonho de se tornar locutor. Conta que aos 9 anos de idade, seu professor do 3.º ano primário, Luiz Frabétti, após chamar-lhe para ler um trecho de uma descrição, ficou admirado com o seu desempenho, a sua facilidade de leitura e sua voz; disse-lhe, então, que poderia ser locutor quando crescesse. O que o professor Frabétti falou ficou gravado na sua memória. Muitos anos depois, trabalhando em uma loja das Casas Pernambucanas:

*“[...] um dia falta o locutor oficial do Jeep de propaganda, que fazia as ofertas da loja pelos sítios e fazendas da região e de todo o município. Eli Corrêa então foi convidado para substituir aquele locutor. Essa substituição foi muito bem recebida por todos a partir daí, Eli passou a ser o locutor oficial das ofertas Pernambucanas.”<sup>47</sup>*

Aos 16 anos, trabalhava como vendedor de sorvetes e continuava sendo radialista, mesmo contra a vontade de sua família, que preferia que ele continuasse vendendo sorvetes.

A partir daí, sua trajetória foi a seguinte: em 1971, passou a trabalhar em uma rádio na cidade de Jaú (SP). Em 1972, então com 19 anos, mudou-se para São Paulo e se profissionalizou ao ser contratado pela antiga rádio São Paulo, quando a emissora estava em primeiro lugar em audiência. Em 1979, na rádio Tupi, exerceu

---

<sup>46</sup> Dados extraídos de **MELLO FILHO**, Fernando Vieira de. “Os campeões de audiência”, no site <http://www.mre.gov.br>, acessado em 12.07.2004 às 17h09.

<sup>47</sup> Idem, *ibidem*, acessado em 12.07.2004, às 17h00.

seu programa matinal por um período de cinco anos. Ainda em 1979, aceitou o convite da rádio Record e permaneceu nessa emissora até 1982. Nessa época, outra grande emissora, a rádio Globo, o contratou, ficando lá até 1985. Foi quando a alta direção da Rádio Record o recontratou mantendo-o até 1994, com dois programas de indiscutível sucesso. Em 1995, Eli Corrêa foi procurado pela Rádio Capital e iniciou seu trabalho nessa emissora, permanecendo até 1998. No final desse ano, Eli enfrentou mais um desafio em sua carreira, transferindo-se para a Rádio América com todo o programa feito ao vivo e, desta vez, para quase todo o Brasil, pela Rede Paulus Sat.

A Rádio América AM também conquistou o primeiro lugar em audiência no horário do locutor Eli Corrêa. No início de 2002, ele retornou à Rádio Capital, onde permanece até hoje.<sup>48</sup>

Essa trajetória demonstra, principalmente, a capacidade de levar seu programa à liderança de audiência, independente de qual seja a emissora em que atue. Fato que evidencia que a divulgação de Santo expedito foi dentro de sua liderança, e não o contrário: que Eli Corrêa possa ter obtido audiência a partir do santo.

Esse aspecto de liderança, do ponto de vista da comunicação, é tido como fidelização de audiência. São comunicadores com esse perfil que fazem a oscilação no *ranking* das emissoras, ou seja, ao mudarem de emissora, comunicadores desse porte levam o público consigo, alternado assim todo o *ranking* do meio rádio. É essa fidelidade que confere ao comunicador, e ao que ele fala, credibilidade junto ao seu público. O comunicador vai percebendo a linguagem de seu ouvinte, através de cartas, telefonemas e vai desenvolvendo uma identificação com o seu público. A sua voz, diariamente nas casas dos ouvintes, vai se tornando familiar, como se ele convivesse com os problemas do dia-a-dia de cada um, e assim vai se estabelecendo esse relacionamento entre eles.

Uma vez posicionado o comunicador, nosso estudo se dirige a apresentar o Santo Expedito para que, então, possa ser abordada a sua divulgação pelo programa.

---

<sup>48</sup> Dados retirados de biografia do locutor Eli Corrêa, por PINTO, Eloísa. "O Rei do Rádio", no site <http://www2.metodista.br/artcom/tex5/elicorrea>, acessado em 14.07.2004.

### 3. Santo Expedito e a devoção na cidade de São Paulo

O levantamento histórico sobre Santo Expedito, sua origem, sua trajetória e seu respectivo culto demonstraram-nos a necessidade de situá-lo historicamente, com o intuito de demonstrar as origens dessa devoção. Assim, a partir desse contexto, será possível analisar sua atual expressão na Cidade de São Paulo.

O histórico de Santo Expedito é um território que contém mais dúvidas do que certezas, conforme relatos dos próprios hagiógrafos<sup>49</sup>. Contudo, o foco principal da pesquisa não reside na veracidade histórica do santo, mas na propagação da devoção de Santo Expedito, nas décadas de 80 e 90, na cidade de São Paulo, pelo Programa de Rádio Eli Corrêa.

Segundo alguns historiadores, Expedito viveu em fins do século III e pouco se sabe de concreto sobre sua pessoa. Há versões de que ele era romano, outras de que ele era armênio. Conforme Fosty: *“a Armênia é uma região da Ásia Ocidental situada ao Sul do Cáucaso, entre o mar Negro (Ponto Euxino) e o mar Cáspio, nas nascentes do Tigre e do Eufrates. É uma região montanhosa, onde se encontram grandes e férteis vales”*<sup>50</sup>.

Devido à sua localização, a Armênia era tida como área estratégica para o domínio da Ásia. Entre o final do século III e início do século IV, essa região era província do Império Romano e se destacava em virtude de ser a sede da XII Legião Romana, sediada em Melitene<sup>51</sup>, conhecida pelo nome de “Fulminante”.

Por ser uma região predominantemente convertida ao Cristianismo, foi alvo da chamada grande perseguição aos cristãos comandada pelo imperador romano Diocleciano.<sup>52</sup>

<sup>49</sup> Hagiógrafo é um biógrafo especializado na narrativa de vida dos santos.

<sup>50</sup> FOSTY. *Apud* MORENO, Júlio César. *Op. cit.*, p.14.

<sup>51</sup> A região conhecida por Melitene no séc. IV pertence hoje a uma pequena localidade chamada Malatya, perto da confluência do Rio Melas com o Rio Eufrates. A cidadezinha foi construída no século II de nossa era pelo imperador romano Trajano, que cercou-a com uma muralha da qual restam ainda alguns vestígios. A partir de Marco Aurélio, ela se tornou o local de residência da 12.ª Legião conhecida pelo nome de Fulminante, cuja missão era defender o Império Romano dos bárbaros asiáticos.

<sup>52</sup> Em 303, desencadeou-se a última perseguição contra os Cristãos. Galério, o “César” de Diocleciano, escreve a F. Ruggiero. *“Ele pôs fim em 303 à política prudente de Diocleciano, que se abstivera, embora nutrisse sentimentos tradicionalistas, de atos intransigentes e intolerantes”*. Quatro editos consecutivos (fevereiro de 303 - fevereiro de 304) impuseram aos cristãos a destruição das igrejas, o confisco dos bens, a entrega dos livros sagrados, a tortura até a morte para quem não se sacrificasse em honra do imperador. Ver RUGGIERO, F. *La follia dei cristiani*. Milano: Ed. Il Saggiatore, 1992.

O que aparece de comum entre os hagiógrafos desse santo, é que Expedito era militar, exercia o cargo de comandante-em-chefe da XII Legião Romana, aquartelada na cidade de Melitene, o que demonstra que o santo tinha uma posição de destaque na sociedade e comandava cerca de sete mil homens. Existem divergências também com relação ao seu nome. Para alguns, sua origem se dá no aspecto pessoal, como característica qualitativa da pessoa; outros atribuem essa origem à especificidade tática da legião comandada por ele. Há ainda uma versão de que o santo teria outro nome, porém ao ser morto em Roma, seus restos mortais foram despachados em um caixão com a mensagem *spedito* – urgente, em latim<sup>53</sup>. Seja qual for a origem, o fato é que o nome tem o indicativo de agilidade e rapidez.

Consta que antes de sua conversão ao Cristianismo, Expedito tinha uma vida devassa. Por ocasião de uma batalha, o exército romano deixou-se cercar pelo inimigo dentro de uma cidade fortificada. Era época de verão, o calor era intenso, a água estava acabando e ninguém podia sair do forte por causa do cerco inimigo. As outras legiões romanas faziam sacrifícios aos falsos deuses. Enquanto isso, a legião comandada por Expedito foi a campo e, colocando-se do lado de fora do forte, ajoelhou-se e rezou a Deus para que a livrasse do inimigo. Ao presenciar tal cena, os adversários ficaram atônitos e confusos, sem saber se atacavam ou se continuavam contemplando, estáticos. Ao término da oração, os soldados da legião de Expedito ergueram-se todos num pulo só e partiram para o ataque contra os inimigos, que foram pegos de surpresa. Simultaneamente, teve início uma forte tempestade e os raios e granizos atingiram as fileiras inimigas. Apavorados pelo ataque terreno e também dos céus, os soldados fugiram rapidamente, deixando os romanos em paz. Aqui nos lembra Campbell: *“eis um exemplo de um dos modos pelos quais a aventura pode começar”*<sup>54</sup>. E assim, aproveitando-se do que se pode chamar de um erro do exército inimigo, tornou-se vitorioso em sua batalha em meio a um clima de forças sobrenaturais que se faziam presentes nos raios e nos granizos que interagiam com suas armas físicas. Nessa passagem, fica muito evidente o caráter de Santo Expedito, além do guerreiro, o herói. O Santo-Herói. Segundo Campbell, sobre “O herói e o deus”:

---

<sup>53</sup> Versão retirada de PADILHA, Ivam e MENGOZZI, Federico. “Religião – A nova onda dos santos”. *Revista Época*, 28 de março, 2005, p. 62.

<sup>54</sup> CAMPBELL, Joseph. *Herói de Mil Faces*. Pensamento: São Paulo, 1987, p. 60.

*“Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.”<sup>55</sup>*

Um dia, Expedito foi tocado pela graça de Deus e resolveu mudar de vida. Quando estava para se converter, apareceu-lhe o espírito do mal, transfigurado em um corvo e começou a emitir o som “Cras... Cras... Cras”<sup>56</sup> .., induzindo-o assim a adiar a sua conversão. Porém, Expedito, decididamente, pisoteou e esmagou o corvo gritando: “*HODIE !*”<sup>57</sup>, confirmando sua conversão urgente, sem protelações, agora, já. Acredita-se ser essa a razão pela qual ele tornou-se o santo invocado nas causas que exigem uma solução imediata, em situações em que qualquer demora pode ocasionar um prejuízo ou uma consequência grave.

Santo Expedito não protela seu auxílio para amanhã. Ele atende a súplica imediatamente. Mas exige também a pronta conversão do fiel, sem protelações. Da mesma forma que se pode interpretar que ele exige dos fiéis uma prontidão – faça agora, não deixe para amanhã, hoje, já, agora. Ele é considerado, portanto, o santo da penúltima hora, aquele que atende o pedido na hora, porém cobra o que lhe é prometido de imediato, sem demora, seguindo talvez a disciplina militar característica de sua pessoa. Sua ajuda se dá a todas as pessoas com problemas urgentes e de difícil solução. O santo é tido como protetor dos militares, estudantes, jovens e viajantes.

Após se converter ao Cristianismo, bem como toda a sua tropa, Expedito foi vítima da ira do imperador Diocleciano. Foi morto em 19 de Abril de 303, durante a perseguição do império aos cristãos.

Por causa de sua importância como comandante-em-chefe tornava-se um alvo especial do ódio do imperador. Durante o império de Diocleciano, todos eram obrigados a cultuar deuses romanos. Consta que Santo Expedito negou-se e obteve a sentença de ser flagelado e torturado até ser decapitado pela espada. Seu trágico fim colaborou para que ele fosse elevado a santo. Segundo Moura:

---

<sup>55</sup> Idem, *ibidem*, p. 36.

<sup>56</sup> Expressão latina, que em português significa: “amanhã... amanhã... amanhã...”

<sup>57</sup> Palavra latina que, em português, quer dizer: “hoje”.

*“Expedito recebeu uma ordem difícil de ser executada por um cristão: prestar sacrifícios aos deuses venerados pelo Império, como sinal de fidelidade a Diocleciano. Sempre leal às autoridades, desta vez ele não acatou a ordem. Antes de obedecer ao homem, acreditava, era preciso obedecer a Deus. Por isso, só lhe restou uma opção: aceitar o martírio. E assim, Expedito foi torturado e decapitado.”<sup>58</sup>*

Isso é chamado por Campbell de submissão autoconquistada<sup>59</sup>. Dessa forma, de acordo com os tradicionais rituais de passagem, o indivíduo morre para um passado e renasce para o futuro. Assim, Expedito ao negar-se a cumprir as ordens de Diocleciano, estava selando o seu ritual de passagem, e Campbell nos deixa isso muito claro quando diz: “[...] *todavia o indivíduo deixava de fazer parte, como unidade mais ampla formada pela comunidade como um todo [...]*”<sup>60</sup>.

Santo Expedito é patrono da cidade italiana de Acireale, na Sicília, desde 1781, e as únicas pinturas que se conhecem do santo foram encontradas na Alemanha, no século XVIII.

Quanto à sua veneração, muito provavelmente ela teve início no local onde ocorreu o seu martírio, uma vez que, nos primórdios do Cristianismo, era prática comum entre os fiéis o culto aos mártires. Segundo os historiadores Daniélou e Marrou, a origem do culto está nas tradições pagãs, em que era usual cultuar os mortos e, de modo especial, aqueles providos de atributos significativos para o grupo. No texto desses historiadores, isso fica mais nítido:

*“O fato mais considerável é o desenvolvimento realmente exuberante do culto aos mártires: não resta dúvida de que já se conhecia desde longa data, desde o final do segundo século, e de alguma sorte se oficializara na Igreja cristã, mas, a partir do fim das grandes perseguições e com a paz constantiniana, a veneração e o entusiasmo que suscitam as testemunhas de Cristo não cessam de crescer e de se afirmar com força [...]. Os fiéis deles esperavam favores que não eram*

<sup>58</sup> MOURA, Jaime Francisco. “Santo Expedito”. *Revista das Religiões*. São Paulo: Editora Abril, 2005, Coleção “Santos e Beatos”, fascículo n.º 1, p. 12.

<sup>59</sup> CAMPBELL. *Op. cit.*, p. 26.

<sup>60</sup> Idem, *ibidem*, p. 25.

*todos de ordem escatológica nem mesmo espiritual: daí tantas narrações de curas milagrosas e outras manifestações de seu poder de taumaturgos.*<sup>61</sup>

De acordo com os hagiógrafos Fosty e Expédit,<sup>62</sup> o culto a Santo Expedito, uma vez consolidado na Armênia, espalhou-se para a Alemanha, Sicília, Espanha, França e Bélgica. As qualidades e os méritos do santo foram o ponto forte de sua veneração e estão representados iconograficamente: “[...] vestido como legionário romano. Na mão direita, ele empunha a palma do martírio e na esquerda mostra a cruz, sobre a qual se pode ler a palavra latina *Hodie*, que significa ‘hoje’. Com o pé ele esmaga um corvo que crocita a palavra *Cras* (‘amanhã’)<sup>63</sup>.

Essa representação iconográfica refere-se ao momento da conversão de Expedito, em que ele esmaga um corvo com os pés, o qual grita “*cras*”. Representando a voz tentadora do demônio persuadindo-o a deixar para o amanhã, e que nunca chega a hora de obedecer aos mandamentos de Deus e a render-lhe culto. Ao esmagar o corvo, Expedito teria respondido: “Não. Tem que ser agora! Já”. Esse imediatismo ao chamado de Deus, aliado ao de nunca ter adiado suas decisões, é que originaram a sua marca histórica de que, ao receber um pedido, não vacila, atende na hora. O culto a Santo Expedito firma-se nessa prontidão, na agilidade e rapidez que, tradicionalmente, lhe é atribuída e corresponde à origem de seu próprio nome.

Existem diversas igrejas de Santo Expedito por todo o Brasil, além de quase todas as igrejas de São Paulo possuírem uma imagem desse santo.<sup>64</sup>

A Igreja de Santo Expedito com maior fluxo de fiéis está situada à Rua Jorge Miranda, 264, no Jardim da Luz. Ela foi concebida como capelania militar e cumpre ainda hoje essa função. Segundo o Padre João Villano, em seu relato para a dissertação de Júlio César Moreno:

<sup>61</sup> **DANIÉLOU**, J. e **MARROU**, Henri. *Nova história da Igreja: dos primórdios a São Gregório Magno*. Rio de Janeiro: Vozes, 1984, p. 320.

<sup>62</sup> Ver **MORENO**, Júlio César. *Op.cit.*, p. 16.

<sup>63</sup> **FOSTY**, 1998, p. 32 e **EXPEDIT**, 1998, p. 7. *Apud*. Idem, *ibidem*, p. 16.

<sup>64</sup> Foram listadas algumas para referência: **No Rio de Janeiro**: Igreja de Santo Expedito e Santo Antonio, sita à Rua Leopoldina Rego, 917 - Penha - Rio de Janeiro. Igreja de Santo Expedito, sita à Rua Lopes da Cunha, 225 - Fonseca - Niterói. **Em São Paulo**: Igreja de Santo Expedito, sita à Rua Jorge Miranda, 264 - Luz - São Paulo. **Em Minas Gerais**: Igreja de Santo Expedito, sito à Av. Teresa Cristina, 2151 - Belo Horizonte. **No Distrito Federal**: Igreja São Miguel Arcanjo e Santo Expedito. EQN303/4 - Asa Norte - Brasília. (<http://vida.de.santos.vilabol.uol.com.br/expedito>. Expediente: Carolina Linden, responsável pelo site/ pesquisa biográfica. Acessado em 12.01.05, às 19h15)

*“Na interventoria do Exmo. Sr. Dr. Fernando Costa, sendo Secretário da Segurança Pública Dr. Acácio Nogueira, o padre Paulo Aurisol, auxiliado pelo Sr. Major José Hipólito Trigueirinho, Chefe da Casa Militar da Interventoria, o Sr. Cap. Benedito Antunes Chaves, do Centro de Instrução Militar da Força Pública deu-se à criação da Capelania no comando Geral do Exmo. Sr. Coronel Luiz Gaudie Ley da Força Policial de São Paulo, no dia 05 de Junho de 1942, quando se fazia um ano de governo do Dr. Fernando Costa.”<sup>65</sup>*

Em decreto promulgado por Dom José Gaspar, arcebispo metropolitano, consta entre outras informações:

*“Aos que este nosso Decreto virem, saudação, paz e benção no Senhor.*

*Fazemos saber que, atendendo à maior dilatação do reino de Deus, tendo em vista, outrossim, os legítimos anseios dos Militares Católicos da Arquidiocese de São Paulo e considerando [...].*

*[...] que aos nobres e dignos Militares da Arquidiocese de São Paulo ,também assiste o direito sacrossanto de possuírem ao lado um assistente eclesiástico, que viva para os Soldados, facilitando-lhes os meios de praticarem a religião e identificando-se com sua disciplina militar, havemos por bem, pelo presente, decretar o seguinte:*

*[...] Fica criada na Arquidiocese de São Paulo a Capelania de Nossa Senhora da Conceição dos Militares.*

*[...] A referida Capelania terá por sede a Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, à Praça Fernando Prestes; poderá deslocar-se para outra sede, temporariamente, caso exijam as circunstâncias Militares e sempre conforme critério nosso [...].”<sup>66</sup>*

Dessa forma, nota-se que a criação da capelania se dá especificamente para o atendimento restrito aos militares. Conforme o decreto, ela nasce sob o orago de Nossa Senhora da Conceição dos Militares. A mudança do orago ocorre somente em 1958, quando da inauguração do atual templo.

<sup>65</sup> MORENO, Júlio César. *Op. cit.*, p. 02.

<sup>66</sup> Idem, *ibidem*, p. 17-18.



A pequena igreja permanece desconhecida na cidade até meados da década de 80, servindo praticamente para o atendimento religioso aos militares.

É, entretanto, na década de 80, o início da divulgação de Santo Expedito no programa de rádio do Eli Corrêa. Simultaneamente, constata-se, que o pequeno templo deixa o anonimato para receber um crescente fluxo de devotos em busca do auxílio do santo.

No ano 2000, devido à grande popularização da devoção e ao aumento da movimentação dos fiéis, o Arcebispo de São Paulo escolheu a capela de Santo Expedito como igreja jubilar, recebendo “*ad tempus*” o título de Santuário de Santo Expedito.<sup>67</sup> Essa decisão do Arcebispo privilegia o espaço devocionista e agrega um caráter institucional à devoção.

É interessante observar que o templo criado para atendimento da comunidade militar só passa a ter o nome de um santo de origem militar após o crescimento de fiéis civis, advindos em sua maioria por intermédio da divulgação radiofônica.

Em 1982, o Padre João Benedicto Villano assume a responsabilidade da capela, que ainda tinha uma frequência quase que exclusivamente de militares, apesar de ser um templo público. Segundo ele, existem registros da devoção a Santo Expedito desde o século XVIII.

Na devoção a Santo Expedito constatam-se dois momentos distintos: o culto original – o “mártir” e a devoção na cidade de São Paulo nas décadas de 80 e 90, foco deste trabalho.

O universo devocionista a Santo Expedito na cidade de São Paulo foi pouco explorado até o presente momento. Mesmo porque, em termos históricos, a Igreja e a própria devoção ao santo nessa cidade ainda é muito recente.

Sendo São Paulo um grande centro, que abriga alta concentração social excluída de uma participação efetiva na sociedade, em função de sua marginalidade econômica, política, social e cultural, torna-se compreensível a popularidade de Santo Expedito, considerado o santo das causas urgentes. A carência de todos os recursos e a agravante e forte recessão econômica nas duas últimas décadas explicam o apelo popular e o apego ao santo. Conforme Muls: “[...] *Por isso mesmo,*

---

<sup>67</sup> Idem, *ibidem*, p. 03.

os santos preferidos são aqueles responsáveis pela saúde, pela harmonia das relações familiares, pelos negócios [...]”<sup>68</sup>.

A ajuda do santo está diretamente ligada à fé, à força da oração.

Para melhor dimensionar a distribuição da sociedade nas diferentes classes socioeconômicas, a apresentação de dados estatísticos, conforme tabela I, parece relevante:

**Tabela I – População na Grande São Paulo**

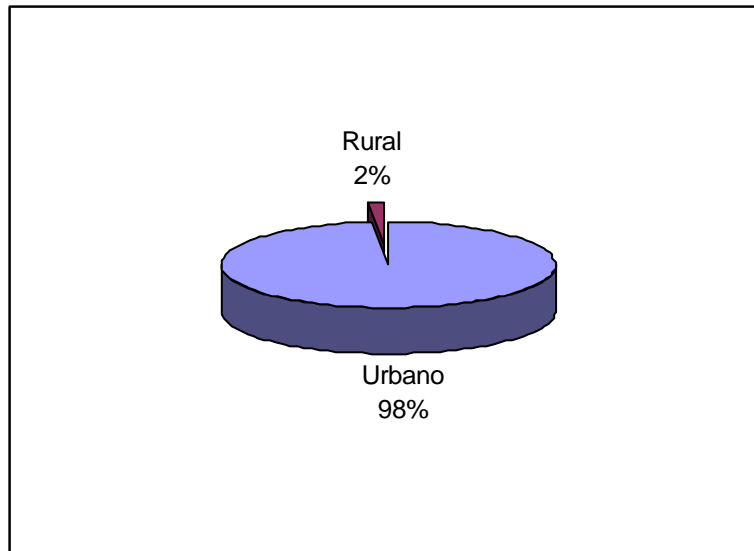
<b>Urbana</b>	8.194.415
<b>Rural</b>	130.221
<b>Masculina</b>	4.044.176
<b>Feminina</b>	4.244.239
<b>0-4 anos</b>	743.351
<b>5-9 anos</b>	771.667
<b>10-14 anos</b>	762.898
<b>15-19 anos</b>	798.529
<b>20-29 anos</b>	1.547.562
<b>30-49 anos</b>	2.432.297
<b>50+anos</b>	1.231.931
<b>Total</b>	8.288.415

Fonte: “Target Brasil em Foco 2004” – Anuário de Mídia – 2005.  
São Paulo: Editora Meio & Mensagem, 2005 p. 220, vol. Pesquisa.

É evidente a alta concentração urbana, o que confere a forte penetração dos meios de massa, tal como o rádio, que, uma vez instalada a divulgação, alcançam

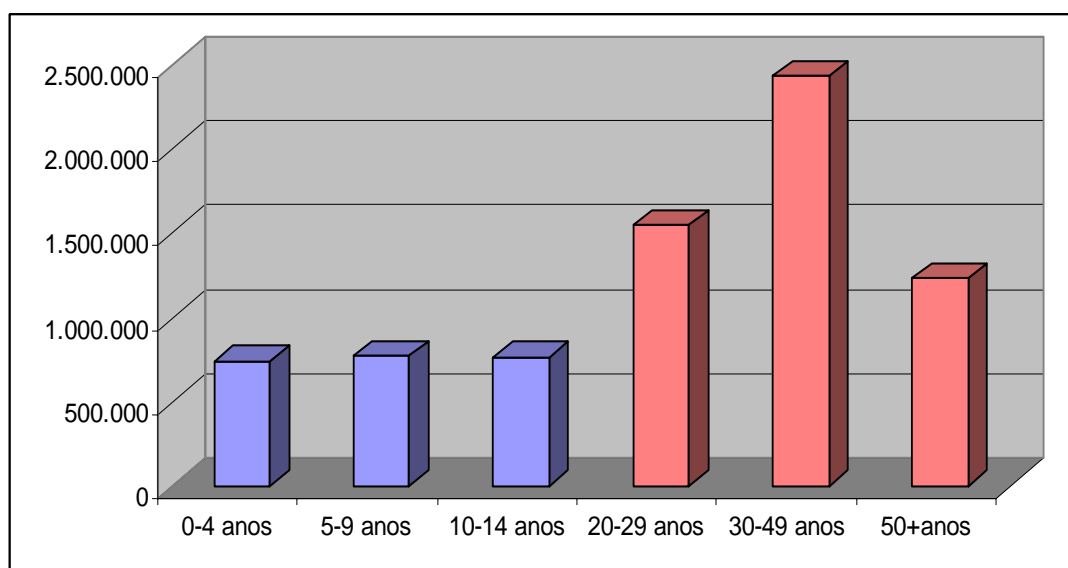
<sup>68</sup> **MULS**, Nair Costa e **BIRCHAL**, Telma de Souza. “Campeinato: modernização e catolicismo”. In: **SACHIS**, Pierre (org.). *Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural*, São Paulo: Loyola, 1992, p. 110.

projeção junto ao público ouvinte do rádio. Para melhor visualização, segue o gráfico 1 da tabela I.



**Gráfico 1 da tabela I – Distribuição rural x urbana**

A simples distribuição geográfica, por si só, não acrescenta muito ao estudo em questão, assim, no gráfico 2 da tabela I está registrada a faixa etária da população, de forma que se perceba a concentração dentro do universo pesquisado neste trabalho.



**Gráfico 2 da tabela I – Faixa etária**

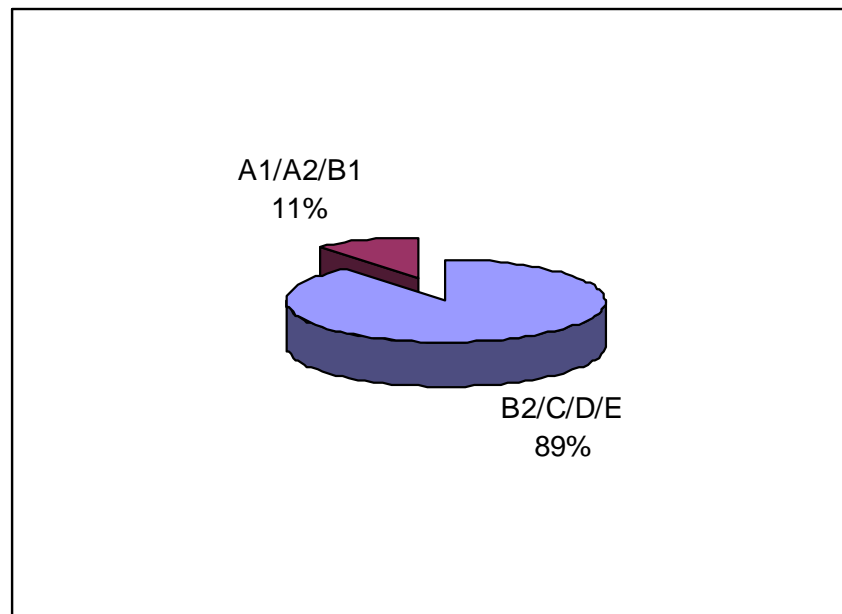
Exposta a população geográfica, e com a identificação da forte concentração adulta, a título de complementação, na tabela III, encontra-se a demonstração da distribuição dos domicílios em classe econômica:

**Tabela II – Domicílios urbanos segundo classe econômica  
(Critério Brasil) Grande São Paulo**

A1	15.396
A2	70.410
B1	156.339
B2	359.957
C	873.468
D	714.778
E	93.079
<b>TOTAL</b>	<b>2.283.427</b>

*Fonte:* “Target Brasil em Foco 2004” – *Anuário de Mídia*.  
São Paulo: Editora Meio & Mensagem, 2005 p. 220, vol. Pesquisa.

Com base na tabela acima, demonstra-se no gráfico 1 da tabela II a grande massa popular representada pelas classes B2, C, D e E da sociedade.



**Gráfico 1 da tabela II – Classe socioeconômica**

A importância de se apresentar esses dados, reside na tentativa de melhor comprovar a colocação inicial, de que na cidade de São Paulo há uma concentração das classes mais populares. Esse, talvez seja um dos fatores que contribuem na questão da influência do catolicismo popular bem como dos santos tidos como protetores dos seus devotos. É possível considerar que o povo, por meio da religião, aglutina suas visões de mundo, uma vez que ela lhe proporciona uma certa segurança perante a vida e o auxilia nas dificuldades materiais. Em um poema de Patativa sobre Padre Henrique, fica muito clara a função social, política, e conscientizadora da Igreja para o povo:

*“Senhor Deus dos desgraçados disse-me vós, / Senhor Deus,  
se é mentira, se é verdade / tanto horror perante os céus. / Mas o  
ministro de Deus possui o santo dever / de estar ao lado dos fracos, suas  
causas defender / não é só salvar a alma, também precisa comer.*

*A Igreja de Jesus nos oferece orações / mas também precisa  
dar aos humildes / instruções para que possam fazer suas*

*reivindicações. / Por este motivo a Igreja nova posição tomou / dentro da América Latina a coisa agora mudou, / o bom cristão sempre faz aquilo que Deus mandou*<sup>69</sup>.

A devoção ao santo nas classes economicamente mais favorecidas também se faz presente, uma vez que a urgência existe em todas as camadas sociais. Porém, como estatisticamente as camadas de baixa renda são quantitativamente maiores, a camada popular torna-se mais expressiva.

É interessante ressaltar como a devoção se instala na cidade, ocorrendo fora dos espaços institucionais do sagrado. Uma das primeiras formas de acesso ao santo se dá por intermédio do programa de rádio de Eli Corrêa, como veremos, seguidas dos meios impressos, jornal e distribuição de “santinhos”, além de faixas afixadas em locais públicos. Assim, divulgação e mobilidade criam uma proximidade à população nos mais diversos ambientes e situações da cidade.

A solicitação é efetuada com o propósito de que se mantenha a fidelidade e o compromisso de divulgação do poder do santo. O devoto deve imprimir um milheiro do “santinho”, com a oração dedicada ao santo em uma das faces e na outra face a estampa com a representação iconográfica desse santo. Essa representação iconográfica, que tem características populares de proteção, é utilizada como um tributo ao santo por sua intercessão favorável à causa em questão. A distribuição é feita com o propósito de divulgar publicamente a graça recebida e os poderes milagrosos de Santo Expedito. Dessa forma, a divulgação adquire a característica que nos veículos de comunicação é denominada de “vida útil longa”, uma vez que, normalmente, as pessoas que recebem os santinhos têm o hábito de guardá-los. Essa prática é muito comum nas expressões de fé alheias ao controle direto de instituições religiosas. Formam um relativo campo de autonomia para a produção e recriação de símbolos a fim de expressarem, materialmente, as suas experiências com o sagrado. Esses símbolos tornam-se instrumentos de materialização da experiência religiosa, quer seja com o objetivo de formarem as denominadas “correntes”<sup>70</sup>, quer seja com o propósito de cumprimento do acordo preestabelecido

---

<sup>69</sup> LONDRES, Maria José Fialho. *Cordel: do encantamento às histórias de luta*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

<sup>70</sup> Formação de “correntes”: prática comum em diversas circunstâncias, com o objetivo de vínculo, que não pode, ou não deve, ser interrompida, sob pena de não obtenção de suas solicitações ou não realização de seus desejos.

com o sagrado. Vale ressaltar que essa prática também é procedida para outros santos.

Refletindo sobre as formas de crer, em centros rurais ou em centros urbanos percebe-se que as metrópoles mudam as formas de religiosidade dos homens. Segundo Paulo Süß: “*Os homens da metrópole não procuram os santos, por terem para com eles um relacionamento de devoção, mas por sentirem necessidade de proteção*”<sup>71</sup>. É dessa proteção que o homem urbano mais precisa, e a qual encontra em Santo Expedito, por exemplo, na hora de enfrentar a alta competitividade para conseguir um emprego, ao se deparar com as inúmeras dificuldades dos baixos ganhos para sustentar a família de forma digna, no momento em que enfrenta os contratempos do cotidiano das grandes metrópoles, fatos estes que se contrapõem às atividades desse homem de forma exemplar. E nesse contexto urbano, faz-se presente um santo que detém a mesma agilidade, que se mistura no profano diário para estar presente nas horas mais necessárias e que corresponde às novas e diferentes formas de crer dos grandes centros. Imagina-se que onde se estabelecem as devoções e proteções, o sentimento de religiosidade se faça presente.

#### **4. O programa de rádio Eli Corrêa**

O programa está classificado na categoria de entretenimento e segue o perfil dos programas de rádios AM, nos quais a linguagem é mais próxima do ouvinte. O programa tem mais um efeito de discurso falado do que musical, uma vez que é constituído, em 70% do seu horário, pela palavra dirigida ao ouvinte, assim o espaço musical ocupa apenas 30% do horário do programa, onde se procura atender aos pedidos musicais dos ouvintes.

O programa leva o nome do seu apresentador, Eli Corrêa. Pertence ao gênero variedades, perfil popular, com altos índices de audiência, atingindo um percentual maior da população feminina; é estruturado segundo o modelo de revista de variedades. O programa é ao vivo, o que confere uma *performance* de presença. A estrutura do programa assemelha-se a programas de cidades do interior do estado, gerando uma identificação muito grande com uma boa parcela da população que tem sua origem rural. Nesse sentido, o programa exerce um papel de agente

---

<sup>71</sup> SÜSS, Günter Paulo. *Catolicismo Popular no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1979, p. 84.

integrador ao meio urbano. É composto por variedades e três quadros temáticos importantes: “Que saudade de você”, que é composto por leituras de cartas que tratam de uma saudade específica; “Sessão saudades”, que fala de saudades felizes, de uma forma mais genérica; por último, o quadro “Momento de Fé,” que será mais explorado neste estudo por ser seu objeto. O cenário é sempre o de cartas, ligações de ouvintes, festas de bairro, festa de aniversário de um santo ou até mesmo um crime famoso.

A classificação do comunicador como popular, requer que se considere não apenas a sua origem social e a de seu público, mas também os assuntos abordados em seu programa além da linguagem empregada, que é coloquial e amigável. Para melhor compreensão de como se estabelece o relacionamento entre o comunicador e o ouvinte, é preciso entender o sentido da voz e da escuta, bem como das formas de envolvimento que o rádio vai estabelecendo com os ouvintes e a relação que vai construindo com o comunicador. Por intermédio da voz, vai se solidificando um contato íntimo entre Eli Corrêa e os seus ouvintes, sempre lembrando que o rádio estabelece uma relação pessoal entre o comunicador e os ouvintes. Ele ocupa o papel de amigo e conselheiro deles.

Com sua fala macia, sempre associou uma comunicação positiva e um cunho de esperança ao seu programa, para uma audiência concentrada nas classes sociais menos favorecidas. Não é, todavia, um programa religioso.

O universo de seus ouvintes inclui empregadas domésticas, diaristas, donas de casa, aposentados, costureiras, que ouvem o programa e conseguem, por meio do imaginário, sair da sua realidade e sonhar com encontros amorosos, ouvindo músicas românticas e populares. Muitas vezes, a emoção aflora, os ouvintes se solidarizam com as cartas lidas no programa, ouvindo histórias de amores bem-sucedidos ou até mesmo com finais tristes. É durante o programa que, na maioria das vezes, o ouvinte tem seu momento de sociabilidade, o qual não encontra no seu convívio social, seja por questões de idade, doença ou falta de recursos financeiros. O programa pode suprimir, desse modo, um hábito de certa forma perdido nos grandes centros urbanos, uma ausência de fortes laços comunitários, que tende à individualização e à privatização dos problemas e das soluções, aspectos importantes na função de sociabilidade. Dessa forma, oferece às pessoas isoladas em núcleos familiares distantes a oportunidade do encontro, que chega aos ouvintes



graças às ondas sonoras do rádio. Esse contingente de pessoas representa a sociedade à qual pertencem, e o programa, que tem o seu perfil adequado a elas, propicia, em um lar devoto, um estreitamento dos laços de fé, solidariedade e sociabilidade. Conforme se encontra no texto de Maria Lúcia Montes:

*“Reiterando o valor da experiência íntima do sagrado, a fé, impregnada agora de um novo fervor, se transforma em celebração interior e, ao mesmo tempo, comunitária, nesses grupos que se reúnem em torno de práticas devocionais de cunho doméstico, as novenas rezadas de casa em casa, ou a peregrinação de uma imagem milagrosa pela vizinhança, tentando reatar no plano do sagrado os laços de solidariedade familiar e vicinal ameaçados de ruptura pelo progressivo isolamento do ‘indivíduo’.”<sup>72</sup>*

De certa forma, o programa e o seu “Momento de Fé”, vem cumprir esse papel de práticas devocionais domésticas, que é um resgate urbano dos hábitos rurais. Essa forte ligação da população com o comunicador e esse hábito diário de audiência, pode também ser refletido em Pross: “[...] *carência psicofísica, traduzida em desconhecimento e em carência emocional*”<sup>73</sup>. Para equilibrar ou repor essas carências originadas no desconhecimento, a população busca no meio rádio a informação e acaba contemplando suas carências emocionais por meio do entretenimento.

É dentro desse cenário, onde há uma vivência intensa de emoções, de sentimentos aflorados, de troca de experiências de vida, de narrativas contando vitórias conquistadas, milagres alcançados, esperanças e súplicas, que entra o quadro “Momento de Fé”, onde muitas vezes aparece Santo Expedito dividindo espaço com Nossa Senhora Achiropita, Santo Antonio, Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora Desatadora dos Nós, São Genáro e tantos outros que compõem o cenário da religiosidade popular, que pode ser encontrado em Oro: “[...] *é através [sic] de manifestações sensíveis e do engajamento total do corpo e dos sentidos*

<sup>72</sup> **MONTES**, Maria Lúcia. “As figuras do sagrado: entre o público e o privado”. In: NOVAIS, Fernando A. (Coord.-geral). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. Organização do volume: Lilia Moritz Schwarcz. 3ª reimpressão. São Paulo, Companhia das Letras, 2004, vol. 4, p. 63.

<sup>73</sup> **PROSS**, Harry. *La Violência de Los Símbolos Sociales*. Traduzido por Vicente Romano Garcia. Barcelona: Anthropos, 1989.

*‘que a religião estaria se expressando hoje nas novas formas de crer’*<sup>74</sup>. Além de Oro, pode-se citar também, com a mesma linha de reflexão, Françoise Champion e Danielle Hervieu-Lèger: *“a religião emocional passa a ser um dos sinônimos de modernidade religiosa”*<sup>75</sup>.

Ouvindo o comunicador, entende-se que a força do imaginário tem uma mão dupla: não é só o ouvinte que estabelece essa relação com o comunicador dentro de seu campo imaginário; o comunicador afirma que, ao ler as cartas dos ouvintes ou ao ouvi-los durante ligações ao programa, também ele cria no seu imaginário – quem são aquelas pessoas, como vivem, suas expectativas, seus sonhos – e é para esses “personagens” que desenvolve seu programa, sempre procurando levar-lhes alegria e esperança. A análise que pode ser feita, pautada sob o ponto de vista performático, resulta na observação do caráter ficcional e dramático que Eli Corrêa emprega na leitura das cartas de seus ouvintes. Diz Klippert:

*“A técnica da radiodifusão extrai a voz do mundo dos cinco sentidos e a fez penetrar num espaço referencial acústico de um só sentido estruturado temporalmente. Este espaço pode ser preenchido pela voz de forma integral, num ‘primeiro plano’ ou pode ser vivificado mediante a inclusão de outras vozes ou outros elementos acústicos. Este processo instrumentaliza a voz, tornando-a assim manipulável pela técnica. Por outro lado, a voz, enquanto fala, [sic] emite palavras, articula-se em ruídos e sons. Desta maneira, encontram-se nela outros elementos constitutivos da peça radiofônica, a palavra, o ruído e a técnica.”*<sup>76</sup>

Embasado nesse perfil, Eli Corrêa sempre inseriu temas religiosos em seus programas, não com o propósito de transformar o programa em religioso, mas com o espírito de transmitir principalmente esperança, força e alegria para o seu público. Em princípio, esse fato não apresenta nenhuma originalidade, já que é prática cada vez mais comum em nosso contexto social a inserção de temas religiosos nos meios

<sup>74</sup> **ORO**, Ari Pedro. *Modernas Formas de Crer*. Revista *Eclesiástica Brasileira*, n. 225, Petrópolis, Rio de Janeiro: Instituto Teológico Franciscano, mar.1997, p. 12-14.

<sup>75</sup> **CHAMPION**, Françoise & **HERVIEU-LÉGER**, Danièle. *De l'émotion en religion, Renouveaux et Traditions*. Centurion. Paris: 1990, p. 62.

<sup>76</sup> **KLIPPERT**, Weme. “Elementos da peça radiofônica”. In: *Introdução à peça radiofônica*. Tradução Georgebernard Sperber. São Paulo: EPU, 1980, p. 88.

de comunicação. O que chama a atenção é o fato do locutor afirmar, em entrevista transcrita no final deste trabalho, que, mesmo antes de iniciar a divulgação de Santo Expedito, ele sempre teve em seu programa o quadro intitulado “Momento de Fé”.

Acredita-se que a religião possibilita maior segurança perante a vida e ajuda a superar tanto as dificuldades materiais como as emocionais. A devoção e a crença na eficácia das rezas e promessas, enquanto práticas religiosas, configuram-se como um meio seguro de proteção e solução para os problemas do cotidiano. Está na essência do próprio Cristianismo, a história de um Judeu, na Palestina, ocupada pelos romanos, que pregava a chegada do “Reino de Deus” e que não convenceu seu povo, sendo morto na cruz pelas autoridades da época. Ao ressuscitar, a vítima transforma-se em esperança e promessa de vitória, principalmente para os que sofrem humilhações e espoliações, de sentir ou experimentar Deus por intermédio de Jesus. Conforme Espin: “[...] a história da derrota tornou-se ‘condição’ para a promessa de salvação deles do mal real e diário que experimentavam”<sup>77</sup>. Com base nesse aspecto, um programa popular, e não religioso, que não é patrocinado pela igreja católica e fazendo parte de uma emissora comercial, faz-nos crer que o comunicador adota essa atitude com o objetivo de fornecer fé e esperança à população mais carente, para ela poder enfrentar a instabilidade econômica que acarreta diversas dificuldades para essa população tão desprotegida de outros recursos. Dentro de um cotidiano composto de utilizações de linguagem que geram variadas representações e temporalidades, os ouvintes encontram, nessa manifestação de fé e devoção que o comunicador apresenta diariamente, um cotidiano mais digno e um maior significado para sua existência. Sempre mesclando alegria e interação, o programa leva a religião ao contexto diário do ouvinte, isto é, fora do espaço do sagrado, porém conduzindo os seus recursos para preencher as necessidades cotidianas e terrenas. O comunicador realiza uma transferência simbólica estimulando os ouvintes a concretizarem seus sonhos e aspirações, com a ajuda de Santo Expedito. Conforme texto do livro *Rádio e política: do microfone ao palanque*:

*“O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um crédito com que ele o credita, uma **fides**,*

---

<sup>77</sup> ESPÍN, Orlando. *A fé do povo: Reflexões teológicas sobre o catolicismo popular*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 56.

*uma auctoritas, que lhe confia pondo nele a sua confiança. É um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe **Credere**, diz Benveniste, 'é literalmente colocar o **kred**, o credito, o carisma, em não-sei-quê pelo qual se tem aqueles de quem isso se tem'. É o produto do credo, da crença, da obediência, que parece produzir o credo, a crença, da obediência.*<sup>78</sup>

Assim, diariamente se estabelece o crédito no comunicador e através dele na mensagem de fé ali professada que vai sendo inserida no cotidiano dos ouvintes, fazendo parte de seu mundo concreto, histórico e sociocultural, nos quais prevalecem as representações do seu pensamento e de seu imaginário. A percepção de cada ouvinte, com relação ao programa, é enriquecida pelo seu imaginário e potencializada com a sua experiência pessoal, valorizada nos seus aspectos de maior identificação.

De alguma maneira, identificam-se aqui alguns princípios de Durkheim, para quem a religião é eminentemente social.

## **5. O santo no ar**

Segundo relato do comunicador, em entrevista transcrita nos anexos deste trabalho, até 1983, época em que ele estava na Rádio Globo AM de São Paulo, sempre manteve em seu programa o quadro "Momento de Fé". O comunicador relata que o objetivo desse espaço é o de sempre realizar uma novena, uma oração do dia em homenagem a Nossa Senhora ou a algum outro santo, principalmente na época da celebração de suas festas, tais como: Nossa Senhora Aparecida, São Judas, Santo Antonio, que inclusive é o seu santo de devoção.

Até 1983, Eli não tinha conhecimento da existência de Santo Expedito. Assim, ele lia cartas de ouvintes solicitando orações ou dando algum testemunho de fé e outras participações de ouvintes nas demais modalidades e quadros do programa. Foi nesse contexto que recebeu a carta de uma ouvinte relatando uma graça alcançada junto a Santo Expedito. Eli Corrêa declarou que, como não conhecia o santo, chegou a pensar que a sua ouvinte havia errado seu nome. Cogitou que se tratasse de São Benedito; relembra sua reação na época: "*Santo Expedito! Imagine!*

<sup>78</sup> BORDIEU, Pierre. *Apud* NUNES, Márcia Vidal. *Op. cit.*, p. 70.

*Não existe esse santo. É São Benedito*". Na dúvida, antes de ler a carta no ar, solicitou à sua equipe de produção do programa que levantasse informações corretas. Declara que foi uma surpresa para ele quando a produção confirmou a existência do santo. Eli comenta que ainda assim o nome lhe causava estranheza e ficava questionando: *"Expedito?? Expedito??? Que estranho! Ainda acho que é São Benedito"*. Porém, com a confirmação do fato, o testemunho foi ao ar. Por se tratar de um "santo novo" para ele, pegou a oração que a ouvinte havia lhe enviado junto com o testemunho e resolveu que, durante aquela semana, o "Momento de Fé" teria a oração de Santo Expedito.

Assim, segundo o comunicador, Santo Expedito foi "cadastrado" junto com os demais santos e passou a fazer parte do quadro e do programa. Ele relata que gradativamente começou a aumentar o número de correspondências solicitando a oração de Santo Expedito ou dando testemunhos de graças e experiências religiosas vividas com o santo.

Transcorrido um certo tempo, que o comunicador não sabe precisar, após essa iniciação de "participação do santo em seu programa", ele recebeu na rádio a visita do Padre João Villano, que na época era o responsável pela capelania do bairro da Luz. Nessa visita, o padre quis conhecê-lo e saber o motivo que o levava a falar de Santo Expedito e quis entender o porquê dele vir divulgando o santo na rádio. Comentou que o fato que o levava a querer saber isso era o crescente número de fiéis que passaram a procurar a capelania em função da divulgação radiofônica no programa Eli Corrêa.

O comunicador diz, ainda na mesma entrevista, que foi nessa sua conversa com padre João que ele passou a conhecer melhor a história do santo, da capelania e da igreja de Santo Expedito. Afirma ter percebido que o Padre João estava muito satisfeito com a crescente procura dos fiéis. Foi nessa conversa que ele resolveu incentivar ainda mais a devoção a Santo Expedito. Diz o comunicador que, enquanto conversava com o Padre João, imaginava o que poderia fazer para "incrementar" a divulgação de Santo Expedito no quadro do programa. Foi assim, que perguntou ao Padre João: *"Qual é o dia de Santo Expedito? O que vocês fazem neste dia para a comemoração dele? Fazem alguma festa?"*. O padre explicou que havia uma pequena festividade para a comunidade, mas não era uma festa. Era uma procissão, uma missa, uma pequena comemoração, uma vez que a capela atendia mais à

comunidade militar. Eli Corrêa lembra que encerrou esse seu primeiro encontro com o Padre João dizendo: *“Pode deixar, padre! Dia 19 de abril próximo nós vamos fazer uma ‘baita’ festa pro santo! Deixa comigo!”*.

Uma vez assumido o compromisso, e já muito mais inteirado sobre a história de Santo Expedito e sensibilizado com o trabalho do Padre João Villano, Eli Corrêa passou a divulgar Santo Expedito de forma mais intensa. As novenas e orações ao santo passaram a ter uma frequência maior. Ao ler a oração, Eli diz sorrindo em sua entrevista, começou a dramatizar, colocava fundo musical e, com uma voz quase como o som de um trovão mesclando-se com efeitos sonoros produzidos pelo operador da técnica, lia a oração, interpretando: *“Crás! Crás!... Hodie! Hodie”*, e o eco retumbava no estúdio. Os testemunhos dos fiéis eram lidos e dramatizados, essas encenações radiofonizadas eram fundamentais para provocar efeitos “dramáticos” sobre os ouvintes. Dessa forma, as dramatizações contribuíam para a criação de uma “imagem”, do poder do santo, de sua ação guerreira na defesa de seus devotos. Aparentemente, o objetivo é claro: seduzir o ouvinte pela imagem projetada de Santo Expedito de forma a obter sua devoção. Assim, passou a divulgar o endereço da capelania da Luz e a falar do Padre João com muita ênfase e com uma frequência constante. Conseqüentemente, o comunicador diz que passou a dedicar uma divulgação maior a Santo Expedito, contudo sem alterar as características básicas de seu programa, que continuava atendendo a pedidos musicais, relatando histórias de amor ou casos que seus ouvintes lhe enviavam ou contavam em participações em seus programas.

Quando se aproximou a data de 19 de abril de 1984, Eli começou a divulgar intensamente a festa de Santo Expedito, em sintonia com o Padre João, que ia organizando a festa na capelania. O comunicador divulgava a festa, o horário da procissão, os horários das missas, todas as festividades envolvidas e culminava garantindo sua presença na procissão. Eli Corrêa declara que ocorreu nesse ano de 1984 a primeira grande festa de Santo Expedito. Segundo sua estimativa, compareceram aproximadamente 3.000 pessoas. O comunicador conclui que: *“a festa foi grande em relação às festividades anteriores”*, porém ainda não era o que ele havia imaginado, e tinha certeza de que poderia ser bem maior. Ele afirma que o Padre João foi ao seu programa, radiante com o resultado da festa, e que ele falou

ao padre: *“Padre, essa não é a festa que eu prometi ao senhor. Foi boa. Mas a festa que eu quero pra Santo Expedito é muito maior”*.

Assim continuou o seu trabalho de divulgação do santo durante todo o decorrer do ano. Mesmo mudando de emissoras, o seu programa permanecia com a mesma estrutura e sempre inserindo o tema religião. Além de Santo Expedito, ele continuava, como faz até hoje, com as orações e novenas aos demais santos e também a Nossa Senhora.

Continua sua narrativa dizendo que foi o ano de Santo Expedito em seu programa. Intensificou a participação do santo no quadro “Momento de Fé”, passou a fazer novenas, divulgava as atividades da Capela da Luz, mencionava sempre o Padre João e intensificou também as dramatizações. Ao se aproximar novamente a data de 19 de abril de 1985, ele manteve sua concentração de esforços de comunicação na divulgação da Festa de Santo Expedito, chamava os ouvintes para a procissão, divulgava os horários das missas, sempre garantindo a sua presença na festa. Assim, o comunicador, de um lado, e o Padre, do outro, comandavam o público e os fiéis nos preparativos da festa. Eli Corrêa encerra o seu relato dizendo: *“Aí estourou! Em 1985, foi um estouro a festa. Arreventou!! Foi uma faixa de 15.000 pessoas na festa. Foi lindo! E a partir deste ano foi sempre assim. O padre João criou até como festividade a ‘Missa do Eli Corrêa’, que era a missa na hora da procissão onde eu participava e acompanhava a procissão”*. Pode-se apoiar essa afirmação com o seguinte texto: *“Em toda a multidão, há condutores e conduzidos, hipnotizadores e hipnotizados. Só a ‘sugestão’ explica como os segundos passam a seguir os primeiros”*<sup>79</sup>. Nota-se nesse depoimento a presença das características de religiosidade popular que envolvem os fiéis em sua devoção a Santo Expedito, e que pode ser apoiada em um texto de Steil que afirma:

*“As manifestações de catolicismo popular tradicional geralmente estão marcadas por momentos de grande efervescência religiosa, que envolvem as pessoas na totalidade de seu ser. Ao mesmo tempo, se destaca a experiência pessoal na relação do devoto com o*

---

<sup>79</sup> MATTELART, Michele e Armand. *História das teorias da comunicação*. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p. 23.

*santo, como traço definidor da expressão popular tradicional do catolicismo.”<sup>80</sup>*

Pode ser feita, então, a seguinte análise: a missa é o sagrado fechado; no caso específico, ela é denominada “Missa do Eli Corrêa”, ou seja, o comunicador que vem de fora do espaço do sagrado e a ele se incorpora. Ainda que de uma forma até grotesca, ele pode ser associado com o *festeiro*, afinal ele é quem convida grande parte das pessoas que ali estão, compostas por ouvintes de seu programa. A procissão é entendida como o deslocamento do sagrado, aqui se pode dizer que envolve uma verdadeira massa popular, já que o relato aponta a participação de aproximadamente 15.000 pessoas. À medida que as festas dos santos, com suas características e tradições, são introduzidas no espaço urbano, elas deixam de ter um caráter essencialmente sagrado, traduzido em atitudes de seriedade e dos muitos significados sociais expressos em seus rituais, e adquirem um caráter comercial; “o **sagrado** assumiu um significado ontológico que, de acordo com uma cosmovisão dualista, representa a esfera ‘complementar’ ao **profano**, ambas, por sua vez, constituem o **ser** em sua totalidade”<sup>81</sup>. O fator positivo é que as festas reúnem as pessoas e dão alegria a elas. Os fiéis que ali se encontram, vindo de bairros, cidades e até estados diferentes, representam não apenas uma reunião física, mas acima de tudo simbólica. A festa e a procissão reúnem uma boa parcela da população, tem-se então a massa que assume o espaço sagrado e integra-se a esse deslocamento com toda a *performance* da religiosidade popular. Segundo Rusche Duval:

*“Aquele que fala – o locutor, profeta do ar – garante a eficácia do discurso no reconhecimento erigido [...]. A sensação de*

---

<sup>80</sup>STEIL, Carlos Alberto. “Catolicismo popular tradicional e ação pastoral”. *Desafios e Perspectivas no Contexto da Cultura Contemporânea. Telecomunicações*, v.28, nº 119, Porto Alegre, mar. 1998, p. 98.

<sup>81</sup>USARSKI, Frank. “Os enganos sobre o sagrado – Uma síntese da crítica ao ramo “clássico” da fenomenologia da religião e seus conceitos-chave” *Revista Rever*, n.º 4, 2004, p, 73-95.



*presença, proporcionada pelas propriedades do veículo rádio, é fortalecida pela efemeridade da transmissão da mensagem.”<sup>82</sup>*

É nesse texto que se encontra uma fundamentação para a presença do comunicador na festa e na missa, fazendo ainda mais presente a propriedade que o próprio meio de comunicação já faz. As festas aos santos, todo o simbolismo e ritos nela contidos, demarcam o período do sagrado. Pross ajuda nessa reflexão em seu texto sobre os calendários das festas religiosas:

*“Eles determinavam a liturgia, a conduta dos dias festivos, as comidas, a mímica, a gestualidade, em prazos que se repetiam ritmicamente [...] As festas servem à economia das forças da alma, posto que, em virtude de suas referências metafísicas, liberam o tormento da luta, diária, e, naturalmente, servem para auto-apresentação de quem as organizam.”<sup>83</sup>*

Assim, em conjunto, o “profeta do ar”, como na citação de Rusche Duval, e a ação do Padre João no comando das atividades festivas, vão mesclando o profano e o sagrado, originando a divindade que se faz presente nas dramatizações e orações, que afloram a emoção e a sensibilidade proporcionando a abstração, interferindo entre o tangível e o imaginário dos ouvintes do programa.

Com a divulgação no programa, a pacata capela viu o fluxo dos fiéis no dia da festa e na procissão crescer para aproximadamente 3.000 pessoas. Esse número foi crescendo ano a ano e, ainda em registros do Padre João Villano, atualmente a capela recebe de 100 a 150 mil fiéis nos dias que antecedem o evento. Na véspera e no próprio dia 19, esse número aumenta e torna-se quase impossível transitar nos arredores da Estação da Luz, onde fica a Capelania da Polícia Militar, dedicada ao santo. O apogeu se dá no final da tarde, por volta das 16h30, com a saída da procissão que faz um percurso pelas ruas adjacentes e retorna à Igreja, onde às 18h00 tem início a missa de encerramento das festividades que popularmente é

<sup>82</sup> DUVAL, Adriana Rusche. “O profeta no ar: a figura do locutor em a *Guerra dos Mundos*”. In: MEDITSCH, Eduardo (org.). *Rádio e pânico: Guerra dos Mundos, 60 anos depois*. Florianópolis: Insular 1998, p. 39.

<sup>83</sup> PROSS, Harry. *La Violência de los símbolos sociales*. Barcelona: Anthropos, 1989, p. 78.

conhecida como a Missa do Eli Corrêa. Foi assim denominada pelo Padre João Villano, que relatou a este estudo que essa missa era dedicada ao trabalhador, em função, porém, da atuação do comunicador e do seu trabalho ele intitulou-a (informalmente) de Missa do Eli Corrêa. Esse apelo acabou sendo “chamariz” por contar com a presença do comunicador, encerrando as festividades da data. Nesse momento, Eli Corrêa se torna uma espécie de vedete da festa, o comunicador vem no carro com a procissão, sobe no altar, as pessoas se acotovelam, sobem nos bancos e surge um verdadeiro “frison” de show dentro e fora da pequena capela. Padre João afirma que Eli o ajudava na leitura da missa e o elogia dizendo: “*ele colaborava em tudo, ajudava nas leituras, na divulgação da festa, e ele tem uma formação católica muito boa*”. Essa composição de missa e procissão, no centro das celebrações tem um caráter tradicional nas festividades populares e carrega em si toda uma representação social, conforme se percebe melhor no texto de Machado:

*“Missas e procissões estarão invariavelmente no centro das celebrações, sendo o cortejo mais ou menos solene ou espetacular segundo a ocasião, e comportando as maiores festas, quase sempre, música, cantos e danças, às vezes mesmo declamações poéticas, em meio aos andores e carros alegóricos graças aos quais a procissão constrói em linguagem estética a uma ‘narrativa’ sobre as verdades da fé, a honra dos dignatários de Deus e a grandeza dos homens. Por isso, a posição que cada um ocupa no cortejo é sempre motivo de disputas, já que nele literalmente se exhibe a ordem social que ganha forma visível, permitindo ‘ler’ através desses lugares a hierarquia de prestígio e poder na sociedade.”<sup>84</sup>*

Assim, Eli Corrêa tem lugar de destaque na festa de Santo Expedito, tem prestígio junto aos fiéis-ouvintes do programa, passa uma sensação de poder na sociedade, não só por ser um comunicador, mas por estar no altar, na festa, no carro, junto ao sagrado. Na festa de Santo Expedito e na procissão, a sociedade, representada por meio do perfil dos fiéis, passou a ser o que se tem de mais autêntico no Brasil, afinal desde os tempos coloniais o catolicismo brasileiro traz a

---

<sup>84</sup> MACHADO, S. F. Apud MONTES, Maria Lucia. *Op. cit.*, p. 109.

marca desse *ethos* festivo<sup>85</sup>, onde a religião ocupava o lugar central e o espaço era a igreja. Ali se difundiam as notícias e até os mexericos, conforme Lea Freitas Perez:

*“Era durante a missa, ou após, nas sacristias, que as carolas faziam a crônica dos eventos quotidianos: casamentos, falecimentos, traições [...] que os patriarcas conversavam sobre os últimos eventos políticos ou as colheitas e faziam suas conspirações.”*<sup>86</sup>

Consta que as festas, assim como as procissões, são as atividades urbanas mais antigas do Brasil, atualmente ganham formas de expressão menos institucionalizadas. Dessa forma, a sociedade, como produto da miscigenação de povos, de cor, de classes socioeconômicas que vinham em busca de graças, impulsionada pelo sentimento de fé, representa uma camada da população que necessita de um santo guerreiro. É o sentimento coletivo que se ampara na religiosidade popular brasileira, implantada na cultura brasileira por séculos de catequização. De um modo geral, os participantes das festas de santos populares são igualizados, a própria denominação “a festa do povo” ressalta essa indistinção das categorias sociais entre si. Essa importância individual de estar no coletivo é muito bem representada por McLuhan:

*“No teatro, num baile, num jogo ou na igreja, cada pessoa desfruta as demais pessoas presentes. O prazer de estar massa é o senso da alegria da multiplicação dos números, senso este que os membros letrados da sociedade ocidental têm por suspeito.”*<sup>87</sup>

A festa é o espaço da novidade, do encantamento. De uma certa forma ela nega a precariedade e a carência sem perder o vínculo com a realidade. É fácil imaginar e até mesmo acreditar que a grande massa popular se apegue a todas as oportunidades que se lhe apresentem, para transcender, por meio desses subterfúgios, seu mundo real e dificuldades do seu cotidiano. Matias Lenz afirma:

<sup>85</sup> MONTES, Maria Lúcia. *Op. cit.*, p. 105.

<sup>86</sup> PEREZ, Lea Freitas. “Breves notas e reflexões brasileiras”, *Brasil 500 anos* –Edição Especial, Belo Horizonte: Imprensa Oficial dos Poderes do Estado, junho de 2000, p.40-58.

<sup>87</sup> MCLUHAN, Marshall. *Op.cit.*, p. 126.

*“As festas, em geral, são vistas como um tempo especial, que rompe a rotina do cotidiano e ressalta os laços comunitários. São momentos extraordinários, marcados pela alegria e por valores considerados altamente positivos. As festas religiosas, em especial, se prestam a favorecer o conagraçamento de todos, pela ênfase que emprestam aos aspectos universais das relações sociais.”<sup>88</sup>*

As homenagens ao santo variam de acordo com a razão que levou o fiel a render-lhe graças e louvores. A festa de Santo Expedito passa a ser uma data específica no calendário. É quando se vão recarregar as esperanças de salvação para os males. Todos que ali se encontram têm por objetivo conseguir a proteção generalizada do santo que asseguraria curas para doenças, emprego aos desempregados, o bem-estar geral a todas necessidades, pessoais, familiares e até mesmo coletivas. Encontram-se, ainda, os verdadeiros praticantes dos ritos religiosos que na prática do catolicismo tradicional, cultivam o hábito de acender velas ao santo, ou render-lhe graças em seu dia. Existem também os que vão pagar o seu tributo de gratidão por graças alcançadas. A ajuda do santo é solicitada em toda ocasião em que a incerteza se estabelecer, o devoto cria uma relação de reciprocidade com ele, onde consta a dívida a saldar e a efetivação do pagamento é sagrada. Assim, a festa, muitas vezes, é o momento de pagar a promessa feita, ajustar as contas com ele, o que de certa forma significa ajustar as contas com a tradição e retornar à vida cotidiana, com seus valores renovados e lembrados, tendo, ainda que simbolicamente, seus conflitos e desacertos sociais resolvidos. No caso de Santo Expedito, então, essa é a regra que nenhum fiel deve deixar de cumprir, é uma exigência de um santo com características de um militar. O eixo dessa devoção está na manifestação de Deus por intermédio do santo guerreiro, herói com força milagrosa e protetor. Segundo Alba Zaluar: “[...] o castigo podia ser referente ao não-seguimento das obrigações com o santo, ao rompimento do equilíbrio nas relações de reciprocidade entre o santo e os indivíduos”<sup>89</sup>. A relação com o Santo Expedito e a gratidão a ele leva o fiel a acender velas em sua homenagem, fazer uma novena, ou participar de sua festa, porém raramente isso

---

<sup>88</sup> LENZ, Matias. “Martinho Festas Religiosas, CEBs e mudanças”. In: SANCHIS, Pierre (org.). *Op.cit.*, p. 127.

<sup>89</sup> ZALUAR, Alba. *Os homens de Deus*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1994, p. 85.

ocorre em caráter “privado”, normalmente a manifestação se dá de forma pública e coletiva.

É importante que se olhe sob um prisma imparcial, do ponto de vista religioso, e identifique-se também que junto aos fiéis praticantes encontram-se também os chamados “católicos de festas”<sup>90</sup>, uma parcela de curiosos e pessoas movidas pelo desejo de atividades coletivas e até mesmo com o intuito de conhecer o comunicador Eli Corrêa e outras “celebridades” do meio artístico que nessas ocasiões se fazem presentes. Essa participação religiosa com objetivos de sociabilidade fica muito clara no texto de André Ricardo de Souza: “*A participação religiosa, independente da opção de fé, vem sendo cada vez mais caracterizada como busca de sociabilidade e de entretenimento também*”<sup>91</sup>. É compreensível que, em celebrações que contenham a religiosidade popular, torna-se difícil distinguir com clareza as tênues fronteiras que se interpõem entre o sagrado e o profano, onde aflora com toda ênfase o fervor íntimo da devoção e a mais pura expansão da alegria.

As festas aos santos representam uma interferência do tempo do sagrado, através do calendário ritual, no tempo comum dos afazeres cotidianos e da rotina das pessoas, celebrando dentro de seu ritmo a data tão aguardada pelos fiéis devotos que comemoram esse momento mágico em que a religiosidade transborda por sobre a vida social, refluindo para a esfera do privado, reafirmando o encontro familiar e os sagrados laços de amizade. E para melhor fundamentar essa questão, pode-se recorrer a Maria Lúcia Montes: “*De fato no Brasil contemporâneo, são ainda as festas que permitem aos ritos da intimidade ser reprojatados no espaço público, criando, nessa trajetória, um processo contínuo de ressignificação do motivo original da celebração*”<sup>92</sup>.

É importante registrar que nessa celebração, além da fé e da devoção ao santo, no momento da festa e da procissão os parâmetros da ordem do cotidiano sofrem um enfraquecimento tão grande que há a sensação de se estar vivendo um

---

<sup>90</sup> “[...] ‘Católicos de festa’, dizem os outros deles e este seria o nome mais alegre para essa grande e crescente maioria de fiéis tomados clientes, a qual a linguagem eclesial no Brasil reserva o nome de católico nômima”. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “Crenças e identidade”. In: SANCHIS, Pierre. *Op. cit.*, p. 60.

<sup>91</sup> SOUZA, André Ricardo de. *Igreja in concert: padres cantores, mídia e marketing*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2005, p. 44.

<sup>92</sup> MONTES, Maria Lúcia. *Op.cit.*, p, 159.

tempo e um espaço radicalmente diferentes. É um fenômeno que se caracteriza por uma verdadeira inversão de valores, troca-se o material pelo espiritual, a desesperança pela esperança, o enfraquecimento pela coragem, a carência pelo acolhimento, e, acima de tudo, a descrença pela fé como projeção de todas as aspirações e expectativas para a realização de sonhos, necessidades e desejos. Observe-se que a festa, com todo seu envolvimento quase mágico, ocorre dentro da ordem existente, o mundo real não deixa de existir e se faz presente, porém quase imperceptível, no verdadeiro aparato policial que está ali, como alerta de que a ordem deve ser mantida. Segundo Thaís Curi Beaini: “[...] *a Festa – enquanto retorno ao Caos, vinculada ao Sacrifício, ao Sagrado, à Música e ao Mito [...]*”<sup>93</sup>.

Inserida nesse contexto do sagrado, a forte presença do sistema capitalista também se faz presente na movimentação frenética do comércio, local e ambulante, que nesse dia faz a sua própria festa, encontra-se tudo, desde produtos alimentícios a imagens, medalhas, santinhos, flores naturais e ornamentais, terços, velas, camisetas e objetos de toda ordem, sempre com a imagem de Santo Expedito. Prolifera, a cada ano, a quantidade de barracas e bazares; destaque especial para este estudo se faz presente na presença do “Bazar do Eli Corrêa”, onde se observa o cartaz que diz: “*Na compra de qualquer objeto, ganhe um ‘cupom’ e concorra a uma imagem de Santo Expedito de 60 centímetros*”. A mecânica consiste em: ao se efetuar uma compra, recebe-se um cupom que é depositado em uma urna (presente no local), e depois ocorre o sorteio e a divulgação do ganhador se dá no programa do Eli Corrêa. Assim, reforça-se o elo de ligação entre a rádio que direciona o seu ouvinte ao Santo Expedito e os fiéis que através da participação nas festividades são direcionados à audiência do programa. Essa inter-relação entre o sagrado e o profano, que se encontra naturalmente no cotidiano popular e que é uma forte característica na devoção a Santo Expedito, fica mais compreensível no texto de Lenz quando cita Da Matta:

*“É interessante ressaltar a tese fundamental dos estudos de Da Matta sobre as festas: os três mecanismos básicos de ritualização – o reforço, a inversão e a neutralização – estão presentes também no mundo do cotidiano, o que mostra que o ritual da festa é um discurso*

---

<sup>93</sup> BEAINI, Thaís Curi. Máscaras do Tempo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 201.

*sobre esse cotidiano, do qual realça ou manipula um ou outro dos seus elementos, sem dele diferir essencialmente. 'Os rituais dizem as coisas tanto quanto as relações sociais (sagradas ou profanas, locais ou nacionais, formais ou informais). Tudo indica que o problema é que, no mundo ritual, as coisas são ditas com mais veemência, com maior coerência e com maior consciência'. Os rituais seriam, assim, instrumentos que permitem maior clareza às mensagens sociais.”<sup>94</sup>*

Entende-se com esse texto que as festas têm seu caráter conservador, não possuem o propósito de transformações das relações sociais, mas sim de reprodução e até mesmo revitalização dos elementos que constituem essa relação. Segundo Alba Zaluar, elas são vistas como: *“ritos de passagem’ nos quais apareciam ressaltados os aspectos opostos à vida diária comum em que era simbolicamente enfatizada a vida rural dos devotos”<sup>95</sup>.*

Com este capítulo, acredita-se ter ficado bem transparente a forma natural em que o comunicador tomou contato com Santo Expedito e todo o processo que o tornou presente nesse meio de comunicação. Não se pode deixar de registrar a curiosidade observada neste estudo, de que, um santo faz-se presente no meio rádio, em um programa não religioso, de forma quase que casual e passa a angariar milhares de fiéis criando uma nova situação para a igreja localizada no bairro da Luz. Encontra-se no texto de Alba Zaluar, ainda, uma reflexão que ajuda a configurar essa questão: *“Um objeto pode ser um símbolo de algo mais do que ele mesmo, assim como animais, idéias abstratas – como a idéia de santo – e determinadas ações sociais”<sup>96</sup>.*

E se houver um questionamento sobre a eficácia da festa, embora não seja essa a proposta do estudo em questão, vale ainda outra citação de Zaluar: *“A ‘eficácia’ da festa nada mais seria que a ‘eficácia’ da própria tradição”<sup>97</sup>.*

Acredita-se, assim, que a exposição desses dados sobre Santo Expedito tenha demonstrado os pontos principais da história do santo, tanto de sua fase remota como da atualidade.

<sup>94</sup> LENZ, Matias Martinho. *Op. cit.*, p. 128.

<sup>95</sup> ZALUAR, Alba. *Op. cit.*, p. 73.

<sup>96</sup> Idem, *ibidem*, p. 33.

<sup>97</sup> Idem, *ibidem*, p. 76.

## **Capítulo II – O santo, os devotos e os ouvintes**

Uma vez conhecido todo o contexto envolvendo o objeto principal deste estudo, neste capítulo a proposta é a apresentação e a análise da pesquisa efetuada junto aos ouvintes que são fiéis de Santo Expedito. O objetivo é entender de que forma se processa essa devoção, qual a influência exercida pelo programa e o comunicador Eli Corrêa, além de uma avaliação da construção dessa imagem.

### **1. Pesquisando os devotos-ouvintes**

Conforme estabelecido na metodologia, este trabalho conta com uma pesquisa, realizada com os fiéis de Santo Expedito.

#### **1.1 Mecânica da pesquisa**

No dia 19 de Abril de 2004, uma segunda-feira, dia da Festa de Santo Expedito, foi realizada uma pesquisa para caracterizar o perfil do fiel que participa da festa e visita a igreja do bairro da Luz nessa data. Uma amostra de 365 pessoas foi abordada por 4 entrevistadores no horário das 8h00 às 18h00, na entrada e saída da igreja e até mesmo no seu interior (em menor escala, em função do grande fluxo de pessoas) fora dos horários das missas. Além das perguntas com alternativas fechadas, foram colocadas algumas questões abertas e alguns registros escritos com impressões que possibilitassem uma avaliação mais ampla e minuciosa. No ano seguinte, na mesma data, foi feito um registro fotográfico (anexo n.º ..... ) e o registro da parte mais comercial da festa com o intuito de complementar a abordagem da festa e o cenário da pesquisa.

#### **1.2 Objetivo da pesquisa**

O objetivo da pesquisa era o levantamento de informações que permitissem identificar a relação dos fiéis com o programa, bem como identificar uma possível influência do comunicador na devoção a Santo Expedito junto aos fiéis-ouvintes do programa. Entende-se que a pesquisa tem como propósito um trabalho de natureza descritiva, o que permite uma análise interpretativa, dada a diversificação e riqueza de material.



Esses dados são fundamentais para se avaliar se as ações comunicacionais foram fatores decisivos e efetivos na construção da imagem de Santo Expedito junto ao público ouvinte do programa e de que forma ela se estabeleceu.

### 1.3 Análise do questionário

O gráfico n.º 1 apresenta o resultado da primeira questão que indagava qual o motivo da aproximação a Santo Expedito.

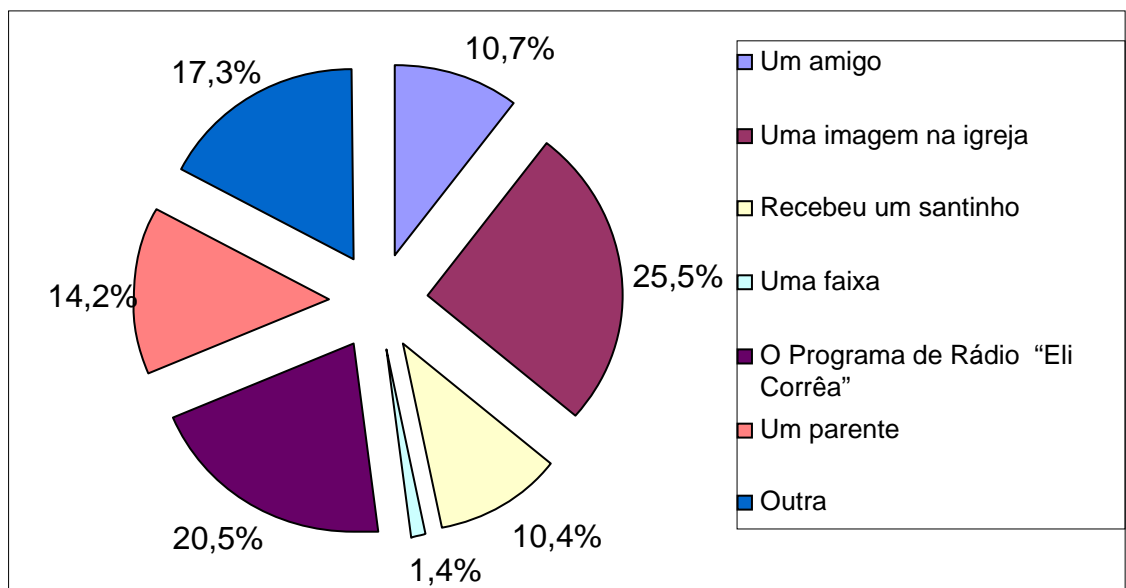


Gráfico n.º 1 - Qual o motivo que o aproximou de Santo Expedito?

Esse resultado demonstra que há um equilíbrio entre as respostas. O programa do Eli Corrêa, com 21,4 %, não apresenta uma diferença significativa em relação à questão de uma imagem na igreja, que detém 17,8% das respostas.

O que chama a atenção neste gráfico é que, de alguma forma, as pessoas já tinham conhecimento do santo, quer fosse por contatos religiosos, uma imagem na igreja, ou embutidas no item "outros": missa, padre, ou por ter conhecimento de um milagre; ou ainda pelas manifestações fora do cenário religioso: distribuição de santinhos, afixação de faixas, por intermédio de amigos, parentes e também pelo programa do Eli Corrêa. Porém, o que se está pesquisando não passa pelo

conhecimento do santo, mas por uma crescente propagação da sua devoção e pela possível influência do comunicador nesse sentido.

O gráfico nº 2 apresenta o resultado da questão sobre a audiência do programa do Eli Corrêa e com que frequência. A confirmação do hábito de sua audiência veio de forma clara e definida.

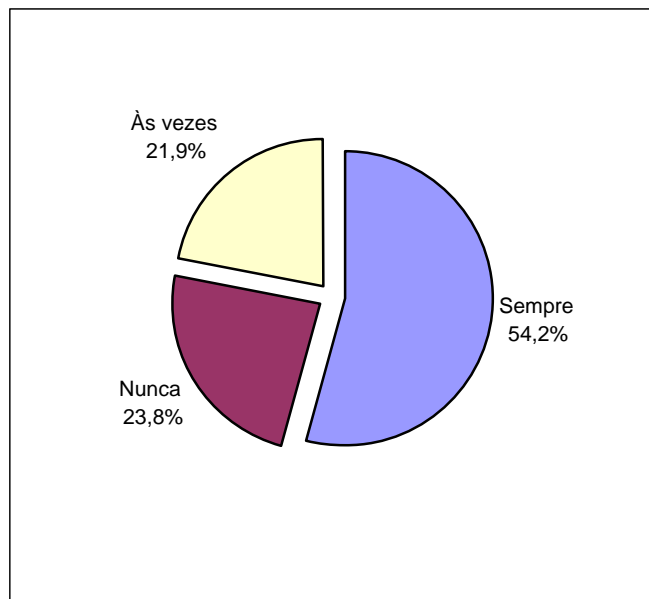


Gráfico n.º 2 - Qual a frequência que ouvem o programa do Eli Corrêa?

Este resultado chama atenção, se refletirmos que as pesquisas foram realizadas dentro do espaço sagrado, ou seja, na igreja, no dia da festa de Santo Expedito, que recebia a visita de fiéis querendo homenageá-lo. Distinto seria se a pesquisa tivesse trabalhado diretamente com os ouvintes, que estariam inseridos no contexto, mas essa resposta veio dos fiéis que estavam no espaço do sagrado, e ali eles manifestavam a sua audiência ao programa. Nesse cenário, constata-se que 54,2% dos fiéis declararam ouvir o programa diariamente, mas se a esse índice forem acrescentados aqueles que assumem ouvir o programa eventualmente, chega-se a um total de 78% de fiéis-ouvintes. Com esse percentual, fica muito expressivo o relacionamento deles com o programa.

O gráfico n.º 3 demonstra que, mais do que uma forte audiência, existe uma fidelidade dos fiéis-ouvintes ao programa do Eli Corrêa. Aqui se podem atribuir dois significados ao termo fiéis-ouvintes, tanto no âmbito dos fiéis do santo que ouvem o

programa como no sentido dos fiéis que mantêm uma fidelidade de audiência ao programa.

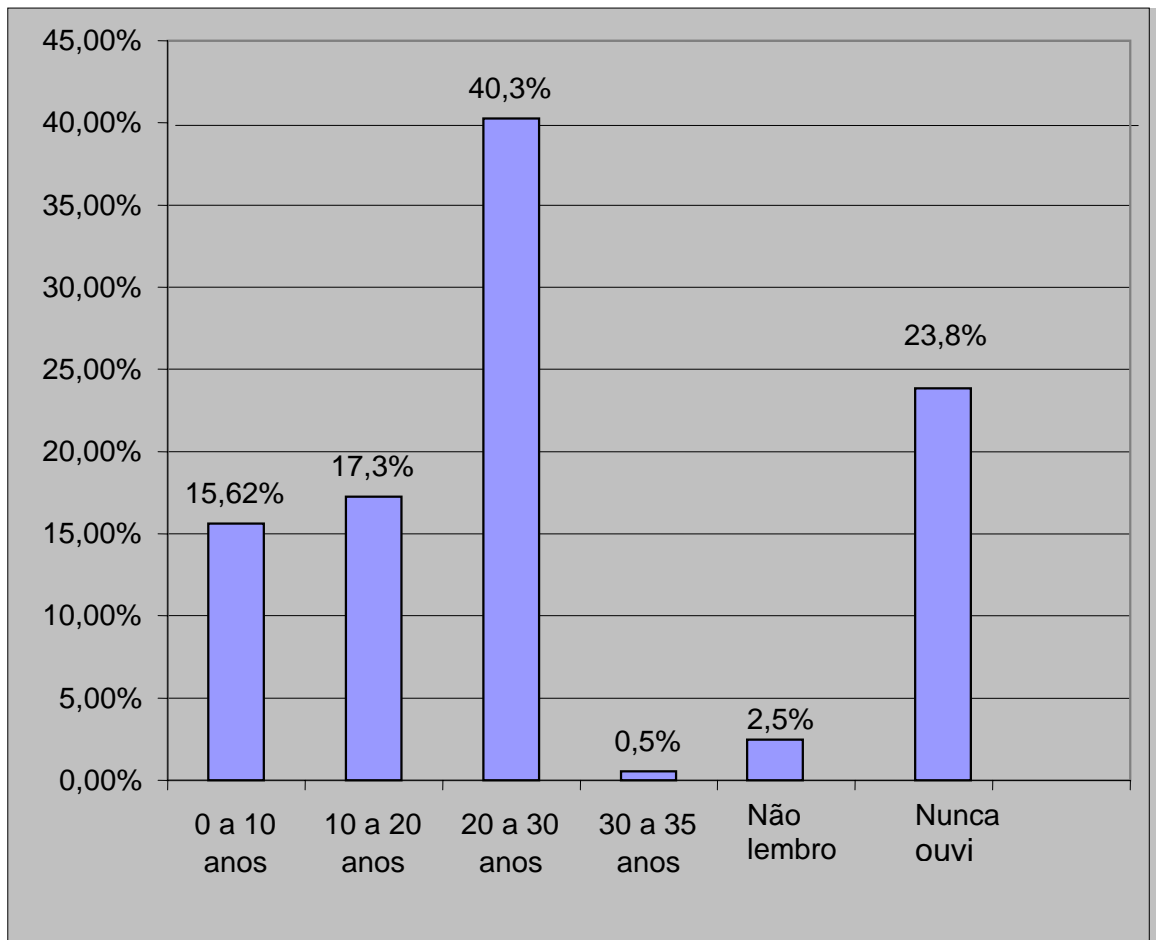


Gráfico n.º 3 – Há quanto tempo ouve o programa?

Embora essa fidelidade seja de comprovação intangível, as evidências dos índices de 40,3% correspondentes a um período de tempo compreendido entre 20 a 30 anos permitem pensar que, mais do que uma fidelidade, o fator tempo coloca o comunicador quase na condição de um amigo próximo, criando uma espécie de cumplicidade entre eles. Esse índice poderia ser um indicativo de um programa envelhecido, ou em processo de envelhecimento, além de uma perspectiva de desaparecimento, ou até mesmo representar uma parcela isolada de um determinado público. Porém, o percentual de 17,3%, que aponta uma audiência na faixa de 10 a 20 anos, e os 15,6%, que ouvem há menos de 10 anos, demonstram que o programa está se renovando em termos de ouvintes e permanece ativo.

Uma análise da média de fiéis-ouvintes do programa apresenta um total de 73,2% de devotos a Santo Expedito, que atestam o seu envolvimento com o comunicador por um longo período, de até 30 anos. Se a essa estatística forem adicionados os 2,5% que não conseguem precisar há quanto tempo são ouvintes do programa, o resultado chega ao índice de 75,7%. Esses números falam e atestam por si a penetração do meio de comunicação nos devotos e a credibilidade que é necessária para se explorar as oportunidades de ações que influenciem a comunidade, entre elas a religiosidade popular.

O gráfico n.º 4 corresponde ao intuito de identificar melhor se já havia um conhecimento do santo por parte dos fiéis antes de serem ouvintes do programa, ou se só tomaram conhecimento de Santo Expedito por intermédio do programa. É preciso esclarecer que no gráfico n.º 1 indaga-se de que forma o fiel tomou conhecimento de Santo Expedito, sem levar-se em consideração se nesse momento já eram ou não ouvintes do programa. Embora aparentemente possa não parecer uma diferença relevante, ela o será na medida que se busca identificar a influência na devoção. O que quer dizer que a pessoa já conhecia o santo, mas teve a sua devoção acrescida pela influência do comunicador.

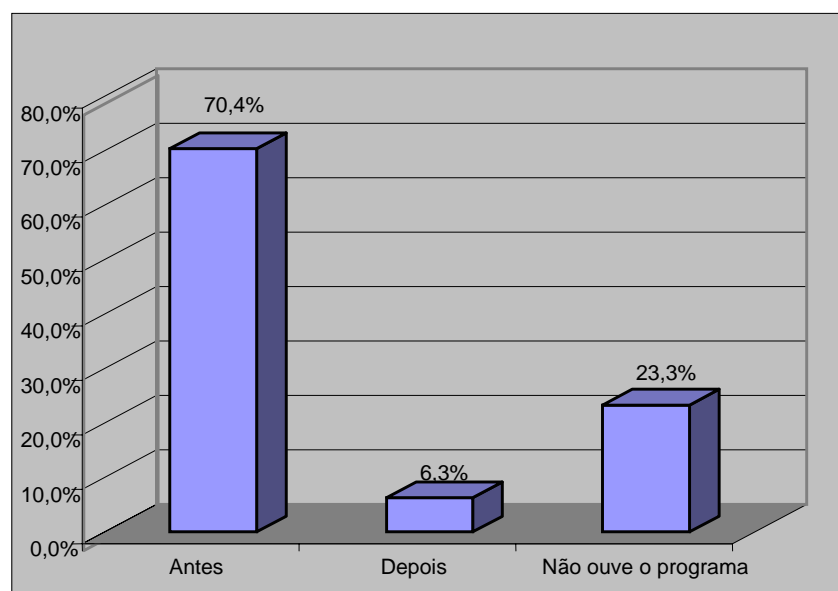


Gráfico n.º 4 - Já ouvia o programa antes de ter contato com Santo Expedito?

Assim, neste quadro, começa a se solidificar o envolvimento dos fiéis, que apontam para um índice de 70,4% entre os que atestam já ouvirem o programa antes de manterem um contato com o santo. Isso faz crer que ao tomarem contato com o santo, a mensagem emitida no programa foi identificada, ainda que subliminarmente em seu inconsciente. Melhor esclarecendo, a análise deste resultado apresenta algumas variáveis possíveis: pessoas que realmente só tomaram conhecimento de Santo Expedito por meio das mensagens difundidas no programa ou também pessoas que já tinham um conhecimento e o programa veio reforçar essa devoção. Essas possibilidades são de fundamental importância para este estudo, que busca identificar justamente esta questão, a evolução da devoção e não propriamente qual foi o fator de um primeiro contato. Assim, se forem somados os que já ouviam o programa anteriormente e os 6,3% que ao se tornarem ouvintes já eram de alguma forma devotos, mais uma vez encontra-se um índice expressivo de 76,7% dos devotos envolvidos com o programa. Entende-se que a interação entre o ouvinte e o comunicador ocorre através dos elementos que já existem na mente de quem ouve. Dessa forma, uma vez combinados adequadamente entre si os diferentes elementos, torna-se possível a construção de uma devoção religiosa por intermédio do programa.

O gráfico n.º 5 demonstra o relacionamento do devoto não só com o programa mas também com o comunicador, evidenciando o hábito de se corresponder com Eli Corrêa.

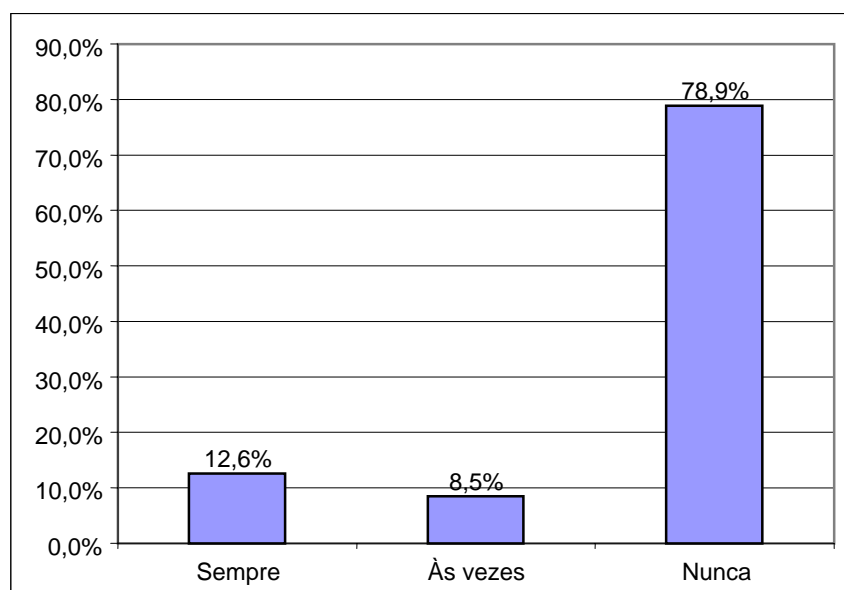


Gráfico n.º 5 – Possui o hábito de se corresponder com o Eli Corrêa?

Constata-se que 78,9% nunca mantiveram uma correspondência com o comunicador. Esse é outro dado que aponta para algumas possibilidades: uma parcela da população tem baixa escolaridade, ou não dispõe de tempo para tal prática.

É possível concluir, então, que, do ponto de vista dos fiéis, eles ouvem o programa, independentemente de uma interatividade maior com o comunicador, o que torna ainda mais relevante o aspecto do imaginário e dos símbolos que se criam com a manutenção de um contato direto ao longo de anos com alguém que é apenas uma voz. E uma voz unilateral, sem uma preocupação maior em se apresentar, basta ouvi-lo.

Mesmo não havendo essa comunicação, há fidelidade e hábito de audiência por parte dos devotos.

Apesar de não se poder comprovar, as evidências levam a cogitar que, provavelmente, a carta recebida por Eli, a qual fez com que ele tomasse conhecimento da existência de Santo Expedito, esteja incluída na margem dos 21,1% que se correspondem com esse apresentador, entre as categorias “sempre” ou “às vezes”. Esses percentuais são importantes para que se tenha um perfil de comportamento desses fiéis-ouvintes, porém não interferem diretamente no objeto deste estudo.

O gráfico n.º 6 reflete diretamente no objeto de estudo, quando trata da questão da influência exercida por Eli Corrêa sobre seus ouvintes em relação à devoção a Santo Expedito.

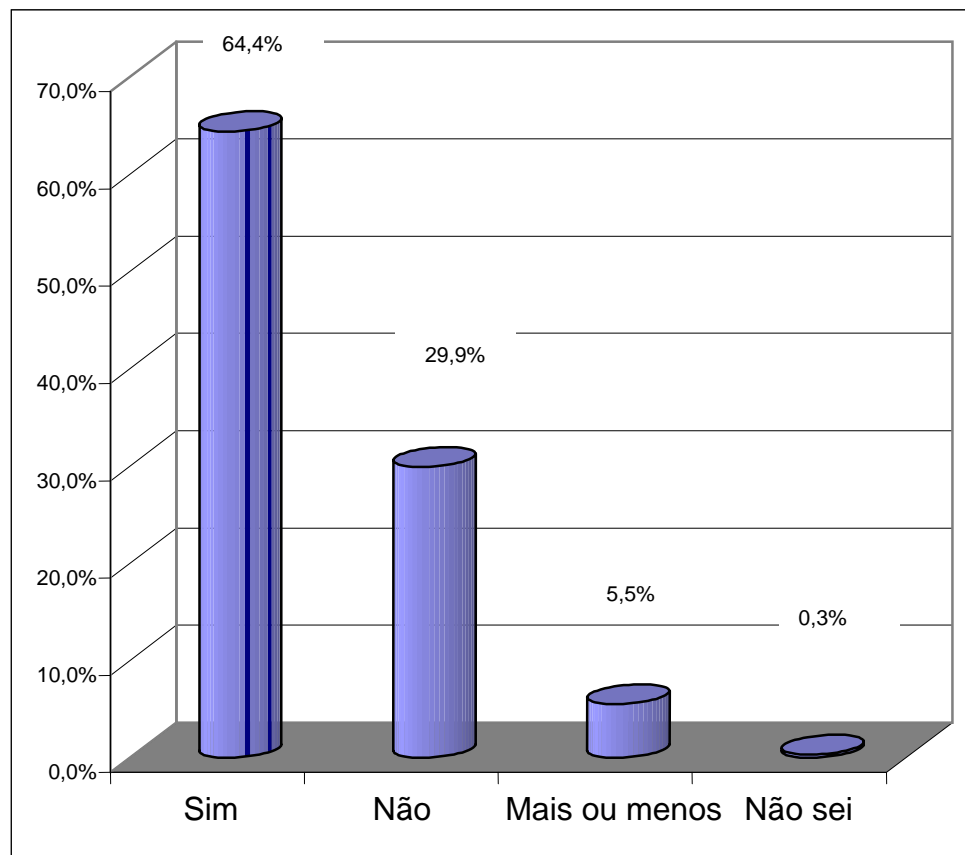


Gráfico n.º 6 – O Eli Corrêa influenciou a sua devoção a Santo Expedito?

Torna-se interessante observar que há uma clareza nas respostas que apresentam percentuais bem distintos entre si. O grau de incerteza sobre essa influência é muito pequeno, apenas 0,3% contra os 29,9% que têm convicção de que não houve nenhuma influência por parte do comunicador. Se a esse dado preciso forem adicionados os 5,5% que consideram que houve uma parcial influência e até mesmo os 0,3% dos que têm dúvidas a respeito, teremos um resultado de 34,8%, que vai compor aproximadamente a metade dos 64,4% que têm certeza de que houve uma influência. Deve-se registrar, também, que a esse índice podem ser adicionados os que consideram uma influência parcial ou até mesmo os que não souberam identificar. Nesse caso, então, o resultado chega a um patamar de 70,2% entre os que têm certeza dessa força influenciadora, contra os 29,9% dos que categoricamente afirmam não terem sofrido nenhuma influência religiosa por parte do Eli Corrêa<sup>98</sup>. Incluindo-se aqui o testemunho do Padre João Villano que foi

<sup>98</sup> Entrevista concedida a esta pesquisa pelo padre João Benedicto Villano em 21.01.2006. O padre está, atualmente, na capela de São Cristóvão; ele deixou a Igreja de Santo Expedito em 2002.

categorico ao afirmar que a devoção foi instalada pelo Eli Corrêa, e que procurou o comunicador exatamente porque quando em uma conversa com uma senhora na igreja, ao comentar com ela que estava satisfeito com a procura que os fiéis vinham demonstrando, ela lhe comentou que havia um programa de rádio que vinha divulgando o santo. Segundo o padre, foi nessa conversa que ele identificou o que vinha acontecendo e tomou a iniciativa de procurar o Eli na rádio. O padre João Benedicto Villano responsável pela Capela de Santo Expedito desde 1984, conta: “A partir de 1990, quando o radialista Eli Corrêa começou a divulgar a devoção a Santo Expedito na rádio, a procura só aumentou. A igreja passou a receber pessoas de todas as camadas sociais”.<sup>99</sup>

Com esses dados, acredita-se ficar bem delineada a influência do comunicador, pelo rádio, na devoção religiosa a Santo Expedito.

O gráfico n.º 7 reflete os aspectos que os fiéis alegam terem sido influenciadores de sua devoção a Santo Expedito. Assim, foi possível aprofundar e fundamentar essa questão tão importante para o objeto em questão.

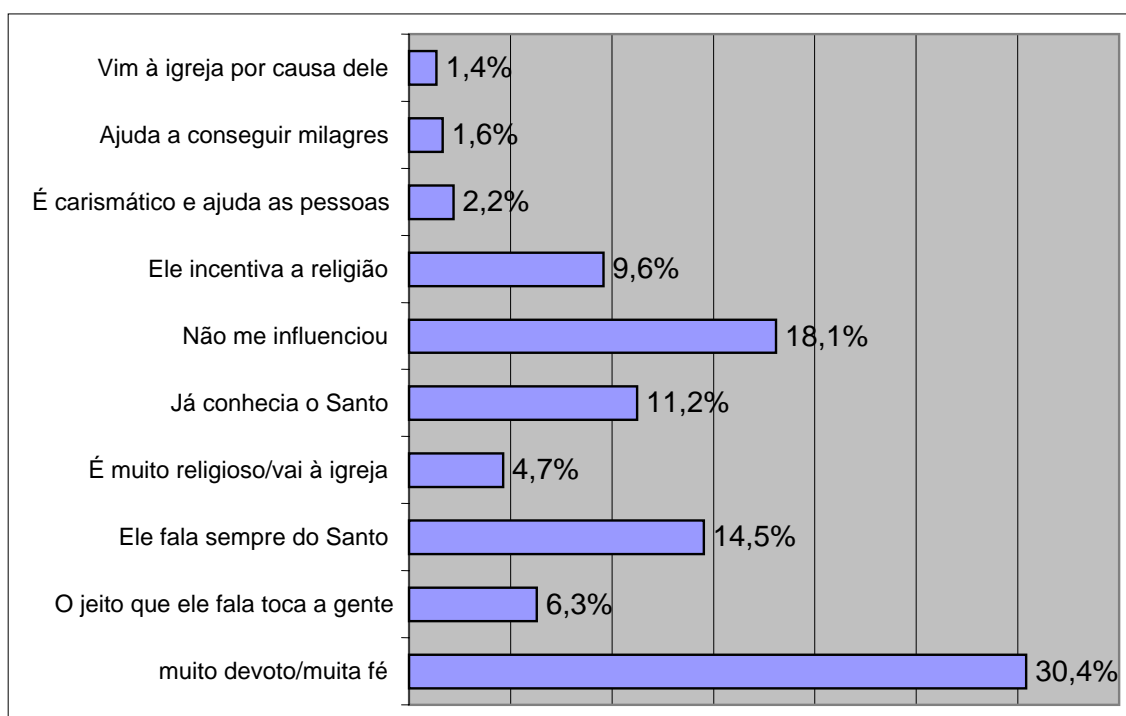


Gráfico n.º 7 – A que você atribui essa influência?

<sup>99</sup> Trecho da entrevista concedida pelo Padre João Villano, no dia 21.01.2006.



Esse quadro pode ser considerado como uma das comprovações positivas da hipótese formulada neste estudo, além de ser o que mais fundamenta o objeto de estudo sob vários prismas. Como interpretar os testemunhos? Se os dados forem analisados por aspectos isolados, é possível identificar que no aspecto de percepção de influência por parte dos devotos encontra-se um índice de 25,5%, ou seja, ¼ dos entrevistados acha que o comunicador exerce uma ação motivadora na devoção a Santo Expedito. Esse índice é composto pelo percentual de 14,5%, aqueles que confirmam terem sido influenciados pelo fato do comunicador falar muito do santo, além dos 9,6%, os que vão mais longe, atestando que o comunicador incentiva os seus ouvintes a terem uma religião. E nessa linha deparase com 1,4% dos devotos que testemunham terem ido à Igreja por influência do Eli Corrêa. Segundo Rocco: *“A relação locutor-discurso se faz indissociável; portanto seja em razão da característica pessoal do emissor, do orador, seja pela forma segundo a qual é estruturada a linguagem em que esse discurso é expresso [...]”*<sup>100</sup>. Esse aspecto fica mais aprofundado ainda em Bourdieu:

*“O poder das palavras é apenas o poder delegado do porta-voz cujas palavras (quer dizer, de maneira indissociável, a matéria de seu discurso e sua maneira de falar) constituem no máximo um testemunho, um testemunho entre outros da garantia de delegação de que ele está investido.”*<sup>101</sup>

É por intermédio desse poder das palavras que na pesquisa identifica-se um índice de 35,1% dos devotos que atribuem terem sido influenciados pela forte religiosidade do próprio comunicador, uma vez que 30,4% dos ouvintes acreditam ser Eli Corrêa muito devoto e um homem detentor de muita fé. Ainda nesse aspecto, um percentual de 4,7% dos entrevistados acha que ele é muito religioso, praticante e que freqüenta regularmente a igreja. Existe ainda um índice de 10,1% dos fiéis que atribui a influência a características de ação pessoal do comunicador, tais como: 6,3% alegam que a maneira como ele fala de Santo Expedito contagia os ouvintes e 2,2% que o têm como carismático e benemérito; dentro deste quesito, há 1,6% dos

<sup>100</sup> ROCCO, Maria Thereza Fraga. *A linguagem autoritária: televisão e persuasão*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 70.

<sup>101</sup> BORDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1996, p. 87.

devotos que chegam ao clímax da fantasia ao testemunharem que o comunicador ajuda as pessoas a conseguirem milagres. Segundo Ortriwano:

*“[...] o rádio AM seria de alta estimulação, voltado para a fala: mobiliador, com uso de estímulos sonoros permanentes, com caráter de urgência (aqui, agora, o fato e a notícia), [...] aos sentimentos de solidariedade e participação nos principais acontecimentos da comunidade; proximidade de cultura popular e da base brasileira.”<sup>102</sup>*

Esse mesmo caráter de imediatismo que o rádio tem e que vamos encontrar na característica principal de Santo Expedito é que torna extremamente atraente essa instalação da devoção. Pode-se pensar que um comunicador conhecido, no caso Eli Corrêa, tem uma espécie de aval social, porque no fundo, seu discurso, elaborado e reelaborado diariamente no contato com os ouvintes, representa o pensamento de seu público. A carência material e espiritual de uma parcela da população que necessita de exemplos de vida, de heróis e guerreiros para lhes socorrer. Assim, encontram na cumplicidade com o comunicador e no herói da fé Santo Expedito, o alento que lhes falta. Conflitos e problemas recebem uma solução, quase que pessoal, de tal modo que são transpostos para um plano imaginário, colocando o comunicador como um grande devoto e religioso, capaz de intermediar as súplicas ao santo. Em que sentido devem ser compreendidas essas colocações? Talvez Eliade colabore no entendimento de ações e reações que caracterizam o profano assumindo funções do sagrado:

*“O mito conta como, graças aos feitos dos seres sobrenaturais, uma realidade passou a existir, quer seja realidade total, o Cosmos, quer apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narração de uma criação: descreve-se como uma coisa foi produzida, começou a existir.”<sup>103</sup>*

<sup>102</sup> ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *Apud NUNES*, Márcia Vidal. *Op. cit.*, p. 274.

<sup>103</sup> ELIADE, Mircea. *Aspectos do Mito*. Lisboa: Edições 70, 1986, p. 12.

Assim, torna-se real a religiosidade do comunicador, a sua fé, a sua devoção a Santo Expedito, e essa realidade imbuída do referencial que ele representa torna-se um elemento de força na construção da devoção popular. Em contrapartida, encontram-se 18,1% que são categóricos em afirmar não terem sofrido influência por parte do Eli Corrêa na sua devoção a Santo Expedito. Esse contingente é composto por 11,2% que acham que não foram influenciados porque já conheciam o santo. Reside aí uma dúvida: se a influência para eles significa terem tomado conhecimento do santo pelo programa ou não. Partindo-se desse conceito, entende-se o fato de não se considerarem influenciados, mesmo que seja uma visão um tanto míope, uma vez que o fato de não tomarem conhecimento de Santo Expedito por intermédio do programa não significa que, por estarem em contato diário com o comunicador, não tenham sido influenciados na manutenção da devoção ao santo. Por não se tratar de algo palpável, é preciso considerar o fato de que eles tenham uma ótica mais abrangente sobre a questão, ou seja, já tinham conhecimento de Santo Expedito e a audiência deles ao programa não sofreu nenhum efeito com relação às mensagens religiosas ali ouvidas. Nesse caso, a afirmativa de não terem sido influenciados parece ser mais coerente.

É preciso registrar, no entanto, o aspecto questionável desse item, se refletirmos sobre o fato dessas pessoas serem ouvintes do programa (dizem não terem sido influenciadas, o que leva a crer que são ouvintes) há um tempo considerável, conforme nos demonstra o gráfico 3, e com uma boa assiduidade, demonstrada no gráfico 5. Assim, parece-nos que o conteúdo do programa seja não só do agrado, mas também assimilado por esses ouvintes. Estando as manifestações de Santo Expedito inseridas nesse contexto, fica a dúvida ou uma variável possível de uma influência subliminar.

A média geral do gráfico n.º 7 permite concluir que 70,7%, ou seja, aproximadamente 80% dos fiéis testemunham uma influência do comunicador na devoção a Santo Expedito, quer seja pela ação carismática que o comunicador detém perante seu público, quer seja pela linguagem aplicada por Eli Corrêa com recursos técnicos de motivação, ou, ainda, pelo imaginário popular desse público que transfere uma religiosidade ao comunicador e passa a se espelhar nela. O comunicador anima a fé que anima a devoção: em *O mito no rádio* encontra-se respaldo no texto que apresenta:

*“O discurso religioso radiofonizado aproveita-se das relações filogenéticas e ontogenéticas entre o sentido da audição e a sustentação ósteo-muscular para promover estados de evasão da consciência, na mesma medida em que se vale da palavra e da voz como signos antropológicamente ritualizados, criadores de cosmogonias e transmissores do Sagrado.”<sup>104</sup>*

Em toda essa análise e fundamentação, fica nítido que há uma influência que nos leva a crer numa repercussão da devoção ao santo. Essa devoção, por intermédio do programa ou do comunicador, incorre em novas formas de expressão e acaba atraindo maior número de pessoas à capela e trazendo para a evidência Santo Expedito. Em um texto de Londoño encontra-se a afirmativa:

*“Essas ‘novas devoções’ podem contar com o apoio, a máquina e a chancela de padres, bispos e ordens religiosas, como Frei Galvão, ou se desenvolvem praticamente quase sem apoio da Igreja, como Santo Expedito. As ‘novas devoções’ trazem ainda novas práticas de linguagem, novos gestos e rituais, novas formas de comunicação, novos espaços de presença da devoção [...]”<sup>105</sup>.*

No texto acima resume-se claramente a devoção a Santo Expedito, que parte de fora do espaço sagrado, o comunicador, o programa; é sempre a manifestação coletiva que gera a procura pela igreja. Ela é propagada pelos leigos e devotos que cumprem seu papel de se aproximarem de Deus multiplicando os espaços e ampliando as oportunidades de sua presença. O gráfico n.º 8 registra a forte presença feminina identificada na pesquisa:

<sup>104</sup> NUNES, Mônica Rebeca Ferrari. *Op. cit.*, p. 83.

<sup>105</sup> LONDOÑO, Torres Fernando. “Devoções populares: cotidiano e memória”, *Revista PUCVIVA*, n.º 07 São Paulo, Associação dos Professores da PUC, 07 de dezembro de 1999, p. 10-12.

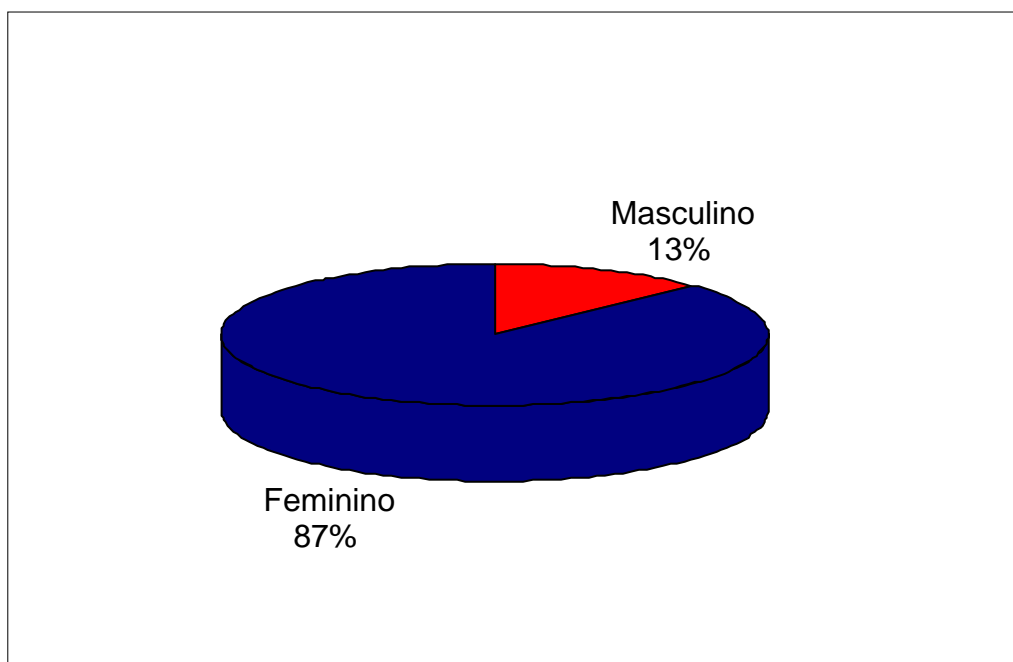


Gráfico n.º 8 - Sexo

É fácil de observar que a religião em nosso país passa pela figura da mulher e principalmente da mãe. A mulher, normalmente, é tida como o centro familiar e mais presente no seio religioso. Entende-se que o ideal religioso entre homens e mulheres se diferencie em função de que, normalmente, é a mulher que transmite os princípios religiosos aos filhos e muitas vezes a prática religiosa ao marido, companheiro. A matriz central é a família. Entende-se, também, que a devoção masculina a Santo Expedito seja significativa, diferindo talvez no que tange ao aspecto devoto-ouvinte de forma direta. Possivelmente, a influência do comunicador ocorre de forma mais direta sobre mulheres, até por ser um programa com maior índice de audiência feminina. Essa presença é significativa na medida em que, em linhas gerais, é a mulher a responsável pela educação e preceitos religiosos dentro do lar, cabendo ao homem a parte relativa à educação moral.

O gráfico n.º 9 demonstra a ocupação profissional dos fiéis devotos, esse dado torna-se significativo para colaborar na composição do perfil do devoto e ouvinte do programa. Com o objetivo de se manter fiel aos dados coletados na pesquisa, o quadro a seguir é apresentado originalmente, não tendo sofrido nenhuma reclassificação com o intuito de torná-lo mais compacto:

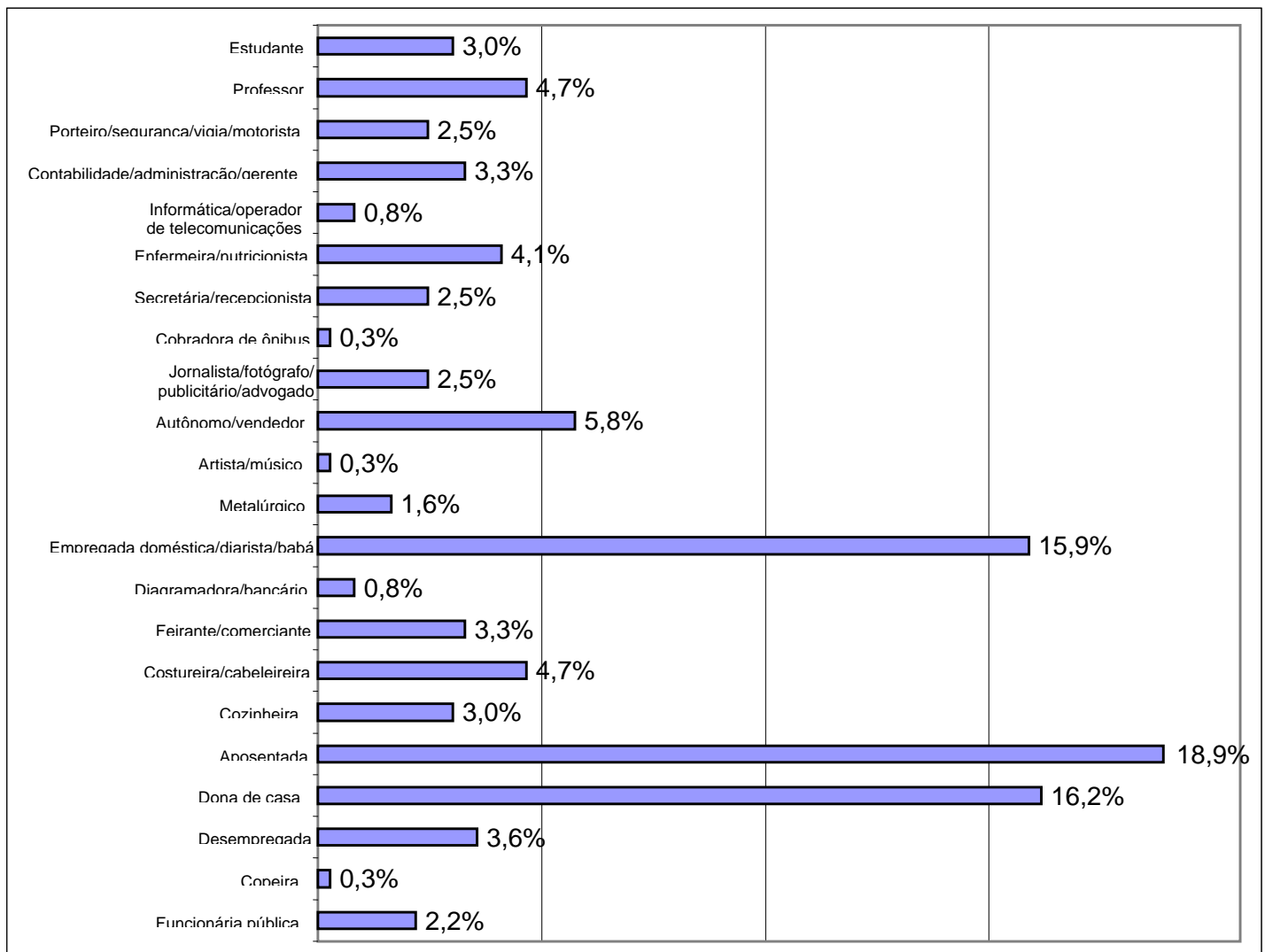


Gráfico n.º 9 - Profissão

Os resultados apresentados pelo gráfico apresentam como perfil dos ouvintes-devotos de Santo Expedito pessoas pertencentes à classe socioeconômica mais popular. Os três pilares de maior percentual em ordem crescente são: empregadas domésticas tidas como fixas, além das classificadas na categoria de diaristas, formando um percentual de 15,9% do total pesquisado; na seqüência vêm as donas de casa com 16,2%, e na liderança encontra-se o pilar dos aposentados que compõem 18,9%. Esses três pilares juntos significam 51% dos entrevistados, concentrados em apenas três classificações. Considerando, ainda, que essas categorias são ícones das camadas populares, além de que as demais categorias também são na sua maioria de trabalhadores. Essa constatação reforça as colocações iniciais deste estudo, que apontavam para uma grande devoção popular atrelada a um programa de rádio dessa categoria, programa não religioso, porém, com forte influência na devoção a Santo Expedito. Essa influência pode ser atribuída a um conjunto de fatores e elementos que vão desde as carências sociais, às necessidades emergentes, passando pelos elementos utilizados pelos meios de comunicação no sentido de relacionar-se e conviver com essa população. A forma utilizada para se conseguir essa identificação se dá através dos seus recursos de linguagem e de efeitos sonoros que interagem nos sentidos e geram emoções nos ouvintes modificando o seu cotidiano e agregando atitudes, inclusive devocionais. As condições socioeconômicas e culturais, o processo de metropolização da cidade, o aumento da solidão do indivíduo, são elementos fundamentais para que se explique esse forte apego a um comunicador, amigo que vem atrelado com a proteção de um santo guerreiro, suprimindo todas as carências espirituais e emocionais e refletindo nas necessidades físicas. Pode-se entender como a busca pelo herói social, na obra de *Sete faces do herói*, encontra-se:

*“Todo herói é social, pois está de certo modo a serviço da comunidade, que é quem o considera ou não ‘oficiais’ e os heróis populares. Os primeiros estão ligados às camadas dominantes da sociedade, aos poderosos. São geralmente heróis impostos ao povo: os reis, os militares etc. Já o herói popular seria aquele que, misturando uma dose de banditismo e rebeldia diante das leis dos poderosos, se identifica com o povo.”<sup>106</sup>*

---

<sup>106</sup> KUPSTAS, Márcia et alii. *Sete faces do herói*. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora Moderna, 1992, Coleção Veredas, p. 27.

Essa afirmação vem fundamentar o atributo de herói a Santo Expedito, que carrega no seu histórico o fator de ter sido militar, de ocupar uma posição de destaque, de conduzir sua tropa livrando-a do ataque inimigo e de ter heroicamente enfrentado a morte imposta por sua conversão, além de ter ganhado a devoção de devotos que, apesar de o desconhecerem, ou conhecerem muito pouco de sua vida, crêem no seu poder salvador. Quando se unem essas características do santo, com as características atribuídas ao fiel amigo comunicador, acredita-se que exista um campo fértil para a instalação da devoção no imaginário dos ouvintes, de forma entusiástica. Em texto de Eduardo Cruz sobre religiões de entusiasmo, encontra-se a afirmação: “[...] em tempos de crise, as religiões de entusiasmo tornam-se mais atraentes”<sup>107</sup>. Os santos e o comunicador acabam sendo figuras próximas, que se misturam tranqüilamente na intimidade dos lares e do cotidiano dessa população.

O gráfico n.º 10 complementa o seu perfil detectando a idade desses ouvintes-devotos:

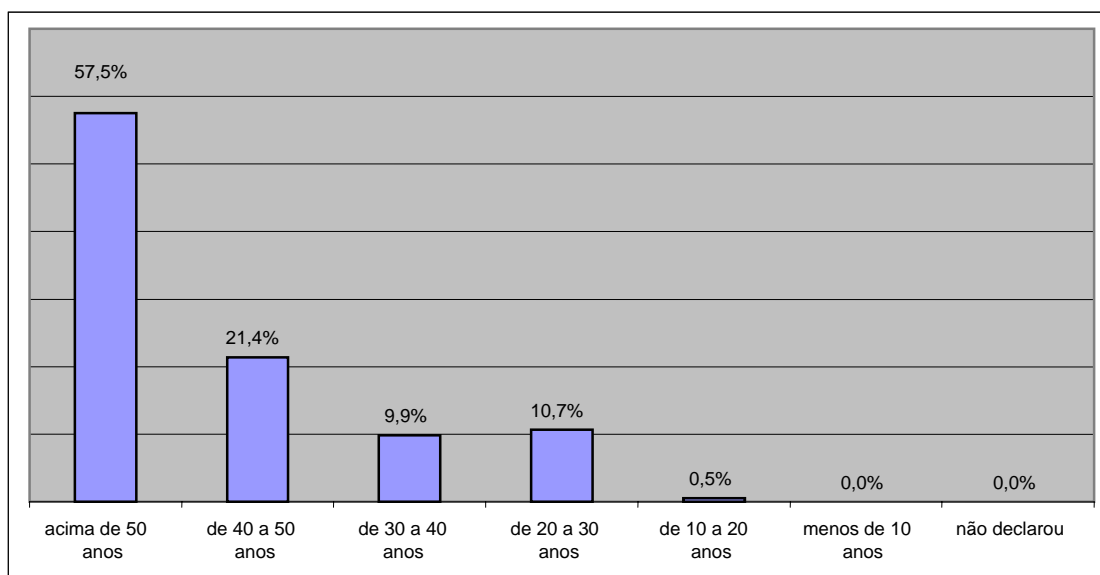


Gráfico n.º 10 - Faixa etária

<sup>107</sup> CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *A perspectiva dos deuses – religião, cultura e natureza*. São Paulo: Editora UNESP, 2004, Coleção Paradidáticos, Série Cultura, p. 21.



A pesquisa aponta um índice de 57,5% dos entrevistados com mais de 50 anos. Esse resultado parece ser coerente com os 18,9% de aposentados, bem como com os 40,3% que alegam ouvir o programa numa faixa etária compreendida entre 20 e 30 anos. Ao se considerar o intervalo entre 10 a 30 anos, a pesquisa revela um percentual de 11,2%, que de certa forma fundamenta o percentual de 32,9% dos que ouvem o programa numa faixa entre 1 a 20 anos, apontados no gráfico n.º 3, deste estudo, no qual, inclusive, a análise detecta que o programa não está envelhecendo e ressalta o aspecto de que, na medida em que o programa atualiza a sua linguagem mas mantém o hábito da propagação da devoção, ele não está somente reproduzindo novos ouvintes, mas tudo indica que também novos devotos.

O gráfico n.º 11 apresenta uma questão que em princípio não é de extrema relevância para o estudo, porém, colabora para melhor identificar as origens étnico-culturais dos fiéis ouvintes:

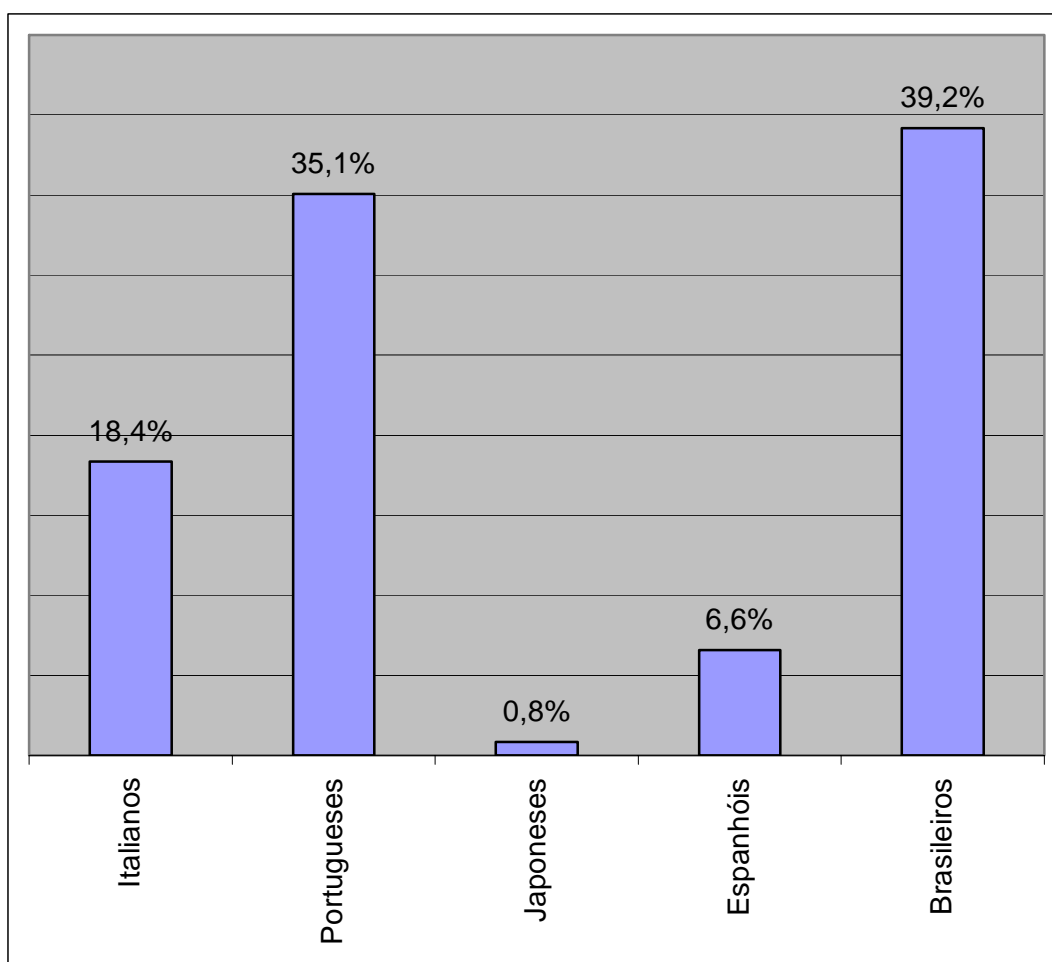


Gráfico n.º 11 – Ascendência

A partir da análise do ponto de vista da religiosidade popular, o gráfico demonstra as três colônias principais nessa devoção ao santo, que são expoentes por possuírem forte religiosidade popular: a portuguesa, a espanhola e a italiana. Dentre essas, a portuguesa com 35,1% se justifica uma vez que certos traços culturais, especialmente as festas dos santos, têm sua origem em uma herança cultural portuguesa que se caracteriza como essencialmente religiosa e católica, além de ser uma das matrizes religiosas. O pilar maior, com 39,2% afirmando serem descendentes de brasileiros, permite interpretar, uma vez que não foi foco da pesquisa se aprofundar neste problema, várias possibilidades fortes, tais como o desconhecimento de sua ascendência, ou pertencimento a terceiras gerações de imigrantes, ou de migrantes, que se apresentam como brasileiros, ou até mesmo uma síntese da herança, indígena, africana, portuguesa, que está representada no catolicismo popular e também na sociedade brasileira, acima de tudo na paulistana. Além de outras tantas possibilidades que não precisam ser definitivamente identificadas por não serem dados fundamentais deste objeto de estudo.

Com a exposição desses dados apresentados na pesquisa, com o relato da entrevista do comunicador, revelando detalhadamente como iniciou a divulgação e suas conseqüências resultando no crescimento da manifestação religiosa ao santo, e o testemunho do Padre João, confirmando o grande aumento de fluxo na Igreja da Luz e a influência exercida pelo comunicador, tanto no aspecto devocional como na construção da imagem do santo com os atributos transmitidos pelo programa, acredita-se ter ficado evidente a influência de Eli Corrêa e de seu programa na devoção popular a Santo Expedito.

### **Capítulo III – Santo Expedito, comunicação e a religiosidade popular**

Completada a ação de pesquisa e análise a que se propunha este estudo, cabe neste último capítulo uma discussão analítica sobre o ponto central desta reflexão, a qual é composta por aspectos da cultura e da religiosidade popular e pela observação da forma pela qual a comunicação atua por meio do imaginário na construção da devoção. Através de um conjunto de análises, tomando por base, de um lado, a ação de comunicação do programa junto aos ouvintes e, por outro, as representações e práticas dos fiéis-ouvintes, acredita-se ser um caminho para melhor entendimento sobre a eficácia na construção da devoção popular. Análise e discussão serão fundamentadas com conceitos e teorias sobre a cultura e religiosidade popular, mas o que se busca fundamentalmente é uma análise situada, que perceba os contextos em que estão inseridas a influência do comunicador e a força do meio de comunicação como elementos de propagação da devoção a Santo Expedito.

#### **1. Religiosidade e cultura popular**

Cabe aqui uma pontuação sobre religiosidade brasileira. O aspecto principal a ser registrado, para que não se fuja do foco principal deste estudo, está relacionado à sua qualificação: é uma religiosidade festiva, vivida pública e coletivamente, há uma multiplicidade de formas de organização, essa diversidade, por sua vez, está na base da formação da sociedade brasileira e se torna muito propícia à manifestação da religiosidade popular.

Essa reflexão final, não pretende analisar o que é a religiosidade popular, tampouco o catolicismo popular, mas trabalhar com algumas de suas características que possam fundamentar o foco de estudo em questão, que permitam a análise da construção do mito e da sua devoção a partir dos hábitos e rituais de vida da parcela da sociedade aqui representada. Para que se possa analisar alguns aspectos da religiosidade popular, é preciso conhecer a cultura do povo. A designação “popular” apresenta uma imprecisão empírica que leva ao questionamento de quem, onde e quando se dá o popular. Também, a religiosidade popular requer precisões, tais

como: prática religiosa, época, crença das diversas parcelas da sociedade, representação simbólica, região geográfica e campo político. Dessa forma, o primeiro passo será uma rápida exposição dos principais conceitos e definições de religiosidade popular, bem como do catolicismo popular, utilizados por estudiosos do assunto, dentro de seus projetos específicos. Segundo Scannone: *“O popular é proposto como um ‘lugar hermenêutico’ a partir de onde se deve interpretar o mundo e gerar um projeto histórico de libertação”*<sup>108</sup>. Assim, acredita-se que se possa adotar como religiosidade popular tudo o que se refere à interpretação de fé e às práticas religiosas em geral. Com essa base será possível uma reflexão sobre a influência de um meio de comunicação de massa na devoção de Santo Expedito. Como ponto de partida, encontra-se no princípio de Guareschi que: *“Se a cultura é a alma do povo, a religião é a alma da cultura”*<sup>109</sup>. Uma vez que a proposta aqui é efetuar uma análise da religiosidade popular com o intuito de entender a alma da cultura popular e, conseqüentemente, obter um melhor conhecimento da alma do povo, a cultura de que se fala aqui é a herança cultural e mais ainda: a herança da crença, dos ritos, das fantasias humanas que têm seu modo próprio de ver o mundo e a vida. Essa formação sociocultural está centrada na religiosidade. Segundo Edênio Valle:

*“Embora não possuíssem família, no estilo patriarcal, português, as culturas brasileiras, o nosso povão de origem ameríndia, viveram aquilo que Turner chama de ‘Comúntas’. Quer dizer, constituíram grupos de convivência, nos quais se dava a primeira fase da socialização. Nesses grupos eram lançadas as raízes emocionais do ser.”*<sup>110</sup>

Acredita-se que esses elementos, assim como as danças, folias de reis, congadas, comidas e outras tantas manifestações populares, expressam toda uma maneira de ser e contribuem para compor a chamada alma do povo, e a partir dela revelam suas manifestações religiosas. Conforme o que se lê em um texto de Muls:

<sup>108</sup> SCANNONE, J. C. “Teología de la liberación y praxis popular”, p. 63-64, In: LACERDA, Antonio. (org.). *Revista da APG – Especial “Religião e religiosidade”*, outubro de 1999, p. 10

<sup>109</sup> GUARESCHI, Pedrinho A. “A evangelização na era da informática: desafio a vida religiosa”. *Convergência*, n. 221, Rio de Janeiro, abril de 1989, p. 153.

<sup>110</sup> VALE, Edênio “Abordagens psicossociológica da religiosidade do povo”. In: QUEIRÓS, José J. (org). *A religiosidade do povo*. São Paulo: Edições Paulinas, 1984, Coleção PUC-estudos, p. 85.

*“Partimos do pressuposto teórico que a religião, enquanto uma manifestação ideológica, é expressão de uma situação concreta de vida e, ao mesmo tempo em que dá sentido ao real, orienta a ação sobre este real”*<sup>111</sup>.

Com esse respaldo, a análise em função dos objetivos iniciais é a do discurso e da prática, por intermédio da qual pretende-se detectar as representações do sagrado e a forma de relação com ele. Desse modo, é possível entender o sentido entre o discurso e a realidade cotidiana dos fiéis-ouvintes.

Uma das razões pela qual acredita-se que para compreender a religião é preciso conhecer a cultura popular, é o fato de que, como afirma Brandão, muitas vezes é ali que ela sobrevive: *“Qualquer pesquisador das formas populares de cultura e dos modos subalternos de vida sabe que ali quase não há esferas de uma e de outros que não estejam envolvidas e significadas pelos valores do sagrado”*<sup>112</sup>.

Partindo do princípio de que são os valores do sagrado que significam as condições de vida do devoto, tudo que está no seu cotidiano e que envolva a fé ou a crença tende a se enraizar no seu dia-a-dia como apoio, fortalecimento e sustentação. Acredita-se que a manifestação do santo, diariamente incluída no seu cotidiano venha a ter essa representação. Entende-se que toda religião só existe porque os que declaram ter encontrado o divino foram transformados em fiéis. Dessa forma, o contato diário com a manifestação religiosa de fiéis que encontraram o divino projeta no indivíduo a prática da devoção alimentando a sua crença. Para fundamentar melhor essa questão, cabe um olhar sobre algumas teorias. Espin se coloca sobre a religiosidade popular, do ponto de vista latino:

*“A religião popular é uma epistemologia latina fundamental. A latinidade deste catolicismo popular, que tem caráter holístico, propõe-se como ponto de partida diferente para a atividade teológica, como um ‘modo de ser católico’ diferente, que tem uma epistemologia distintamente latina.”*<sup>113</sup>

<sup>111</sup> **MULS**, Nair Costa e **BIRCHAL**, Telma de Souza. Campesinato: modernização e catolicismo. In: **SANCHIS**, Pierre. *Op. cit.*, p. 76.

<sup>112</sup> **BRANDÃO**, Carlos Rodrigues. *Os Deuses do povo*. Brasiliense: São Paulo, 1980, p. 17.

<sup>113</sup> **ESPIN**, Orlando. *Op. cit.*, p. 58.

Essa latinidade faz parte do composto da cultura do povo que apresenta uma religiosidade popular tão forte e tão presente. A alma do povo (sua cultura) e seu comportamento religioso são tão ligados entre si que neste estudo vamos abordá-los exatamente como eles ocorrem: interligados.

Vários autores têm se dedicado a conceituar, expor e justificar uma forma de religião que se difere da tradicional. O que se percebe neste estudo é que a religiosidade popular tem uma dinâmica particular, o que a leva a legitimar a fé e o que é divino na concepção e prática populares. Graças a uma fé intimista e muito arraigada no cotidiano, onde os pequenos altares com as imagens de Cristo, da Virgem e dos santos sempre se fizeram presentes nos lares brasileiros. Segundo André Ricardo de Souza:

*“O catolicismo praticado no Brasil até os anos de 1950, pode ser tipificado em duas categorias básicas: **tradicional popular** e **romanizado**. O primeiro, ainda no contexto rural, caracterizava-se pela fé na devoção aos santos, manifestada publicamente em rezas e festas litúrgicas, conduzidas pelos próprios leigos [...] E o segundo, já no meio urbano, baseava-se na ênfase aos sacramentos, no monopólio litúrgico do clero, na devoção ao papa e na pregação de uma moral rígida quanto à orientação de conduta sexual e familiar (PRANDI, 1975; ANTONIAZZI, 1989). Nas décadas de 1950, 60 e 70, a tônica passou da moral sexual à moral social, **com o desenvolvimento da pastoral popular** [...].”<sup>114</sup>*

Se o catolicismo popular tradicional vem de um contexto rural, como nos diz o texto de Souza, e o urbano mais romanizado, levando-se em consideração que a população urbana é composta de fortes características rurais, esse misto entre as duas tipificações parece se justificar. A constatação não se dá pela proposta de analisarmos essa questão, mas pelo fato de que a população aqui analisada tem arraigadas as características rurais de festas e devoções aos santos, as quais se manifestam de forma pública a um santo com características eminentemente urbanas.

---

<sup>114</sup> SOUZA, André Ricardo de. *Op. cit.*, p. 46.

Ainda sobre o tema, Frei Betto opõe as questões doutrinárias e intelectuais à cultura popular: *“a lógica da espiritualidade popular é rica, não doutrinária e incorpora inúmeros elementos da vida, destoando em alguns pontos da intelectualidade vigente entre os adeptos da Teologia da Libertação”*<sup>115</sup>.

Essa incorporação dos elementos da vida é que se encontra exposta em todos os levantamentos feitos por este estudo, na análise dos vários aspectos que compõem a devoção popular.

Silvana Gontijo apresenta uma definição voltada ao ponto de vista da prática religiosa: *“A religiosidade popular evidenciava-se nos festejos tradicionais, em geral de origem camponesa, ainda que remoçada com novos ‘nomes’”*<sup>116</sup>. Aparentemente, essa definição se aproxima mais do objeto deste estudo, uma vez que a religiosidade presente na devoção a Santo Expedito conta com os festejos tradicionais, como a “Festa do Santo”, porém contendo traços remoçados no seu envolvimento com os meios de comunicação, em especial o rádio, a procissão e a missa com o nome do comunicador. Registre-se também que, apesar da contemporaneidade dessa festividade, e apesar de estar localizada em um grande centro urbano, carrega traços originais das festividades rurais e até mesmo camponesas.

Após esse olhar sobre alguns conceitos de religiosidade popular, parte-se para a definição de catolicismo popular, que se aproxima mais do foco de nossa pesquisa. O catolicismo popular, com sua base devocional, está centrado nas novenas, rezas e festas de veneração aos padroeiros, na maioria das vezes acompanhadas de comidas, bebidas e danças, de acordo com a tradição local. É importante lembrar, mais uma vez, uma citação de Muls: *“[...] o catolicismo de hoje não é mais o de antigamente: embora conserve traços fundamentais do catolicismo tradicional, ele hoje se reestrutura numa forma carismática, interiorizada e refletida”*<sup>117</sup>. O que se pode dizer em princípio é que ele não se limita a ser objeto de estudos antropológicos e sociológicos, mas um recurso essencial para a própria teologia cristã. Sob a ótica da antropologia, identifica-se em Carlos Alberto Steil o chamado primeiro passo:

---

<sup>115</sup> BOFF, Leonardo e BETTO, Frei. *Mística e Espiritualidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

<sup>116</sup> GONTIJO, Silvana. *Op. cit.*, p. 226.

<sup>117</sup> MULS, Nair Costa e BIRCHAL, Telma de Souza. “Campeinato: modernização e catolicismo”. In: SANCHIS, Pierre. (org). *Op. cit.*, p. 80.

*“Nos termos de uma definição sociológica, compreendemos como catolicismo popular tradicional um conjunto de crenças e práticas socialmente reconhecidas e partilhadas por um número significativo de católicos, que mantêm uma independência relativa da hierarquia eclesiástica e dos quadros intelectuais a ela ligados. De um ponto de vista subjetivo, podemos entendê-lo como uma maneira religiosa peculiar de um grupo ou um indivíduo viver a sua fé. Num sentido objetivo, trata-se de um sistema religioso centrado no culto aos santos, compreendidos dentro de uma lógica contratual de relações interpessoais e mantido por um corpo difuso de agentes religiosos leigos.”*<sup>118</sup>

Entende-se que a prática desse catolicismo ocorre fundamentalmente pelas rezas, promessas, penitências, romarias com atributos tipicamente devocionais.

As manifestações do catolicismo popular tradicional, de um modo geral, caracterizam-se em momentos de alta efervescência religiosa, envolvendo completamente as pessoas. Assim se destaca a experiência pessoal na relação do devoto com o santo. O catolicismo colonial popular brasileiro é impregnado de magia, uma religião íntima e próxima, que tem nos santos, benévolos intercessores dos homens junto à divindade. A enorme diversidade de cultos direcionados aos vários santos demonstra que o povo vem encontrando respostas favoráveis às suas necessidades. Essa necessidade de proteção do indivíduo e de confiante apelo aos santos fica bem caracterizada no texto de Maria Lúcia Montes:

*“[...] e que dos santos se possa esperar com confiante e inocente certeza o milagre sempre possível, numa infinita variedade de situações do dia-a-dia, é o que registra um curioso sermão de Vieira sobre as múltiplas invocações de santo Antônio: ‘Se vos adoecer filho: Santo Antônio / se vos foge um escravo: Santo Antônio / se mandais a encomenda: Santo Antônio / se requireis o despacho: Santo Antônio / se aguardais a sentença: Santo Antônio / se perdeis a menor miudeza da casa: Santo Antonio / e, talvez, se quereis os bens alheios: Santo Antônio.’”*<sup>119</sup>

<sup>118</sup> STEIL, Carlos Alberto. *Op. cit.*, p. 87.

<sup>119</sup> MONTES, Maria Lúcia. *Op. cit.*, 68.



No caso da devoção a Santo Expedito, esse exemplo ganha expressão, pois por ser ele o santo das causas urgentes, quando tudo falhou, quando o “mal” (o inimigo lá na sua trajetória de militar) nos flagrou, é preciso ser guerreiro para ser herói. As concepções, a partir daqui, apontam para uma abordagem do popular dentro do pensamento católico. A devoção demonstrada ao Santo Expedito conta com esse envolvimento completo dos devotos na sua relação com um santo guerreiro.

## **2. O imaginário e o mito Santo Expedito como produto do programa do Eli Corrêa**

O foco de reflexão pretendido é a fala do comunicador como construtora do espaço simbólico e imaginário, bem como o seu reflexo na edificação da devoção a Santo Expedito pelos fiéis-ouvintes do programa Eli Corrêa. Considerando-se todos os dados levantados por esse estudo, fica visível que religião, rádio e expectativas populares estão intrinsecamente relacionados, uma vez que o comunicador trabalha com as aspirações populares, utilizando-se do profundo conhecimento da linguagem própria de seu veículo de comunicação para, a partir daí, construir um discurso religioso, que ocasiona a devoção. Acredita-se que em uma análise mais profunda da estrutura da língua, é possível verificar que o discurso e a língua estão em uma relação dialética, conforme Paulo Süß:

*“A língua é o produto e instrumento, a pressuposição e a consequência do discurso. O discurso por sua parte, é a atualização da língua. Se compararmos a religião e a língua, corresponde, então, ao discurso, a atualização da religião numa modalidade bem concreta, p. ex. no catolicismo popular brasileiro.”<sup>120</sup>*

E mais adiante:

*“Como meio simbólico a religião é estruturada e tem efeito estruturante, supondo ou constituindo uma concordância entre o sentido dos símbolos e o sentido do mundo. Quanto a isto, a religião, como língua, é um sistema dado*

---

<sup>120</sup> SÜSS, Günter Paulo. *Op.cit.*, p. 126.

*previamente e, como discurso, ela é fluxo da língua atualizável individualmente. O discurso como atualização da língua corresponde ao catolicismo.”*<sup>121</sup>

Assim, toda a técnica do comunicador em trabalhar a linguagem favoravelmente à persuasão de seus ouvintes, adquire uma força que se identifica na obra *O mito no rádio* de forma bem explícita: “[...] *Semioticamente, vislumbramos, nestas programações, significantes míticos urdidos em meio à materialidade do rádio: a voz como força sígnica capaz de legitimar o controle do emissor sobre os atos comunicativos*”<sup>122</sup>. Vale lembrar que a cultura oral exercida no meio rádio trabalha com uma perspectiva imagética, uma vez que todas as características do meio aqui apontadas não deixam muitas dúvidas com relação à sua importância na sociedade brasileira, tampouco à sua capacidade de influenciar o comportamento das pessoas, quer seja criando novos hábitos de consumo, ou, no que diz respeito mais diretamente a esta pesquisa, na capacidade de atender demandas simbólicas por lazer, informação e companhia. Segundo Kaplún: “*La radio no es un vehículo, sino un instrumento. Sin Duda, un gran instrumento potencial de educación y cultura populares, pero que, como todo instrumento, exige conocerlo, saber manejarlo, adaptarse a sus limitaciones y a sus posibilidades. Usar bien la radio es una técnica y un arte*”<sup>123</sup>.

Acredita-se então, que a ação de Eli Corrêa, dominando essa técnica, detendo essa arte e aplicando-as na divulgação de Santo Expedito, seja responsável pela concretização de imagens-orais-visuais ou orais-imagéticas, uma vez que o próprio meio rádio, por estar limitado à fala, permite uma rica construção de imagens e, assim, vai transformando os desejos individuais e coletivos na construção da devoção. Essa relação fica mais evidente em Lévi-Strauss que afirma existir uma relação muito próxima em um texto de Lacan: “[...] *Entranhas abertas, somos prisioneiros, pois a emissão sonora liga-se à demanda de amor. As demandas são sempre tentativas de completude da ordem do imaginário. Desejo de ouvir, pulsão invocante*”<sup>124</sup>. Essa necessidade do ser humano, de ouvir, de sentir-se forte por estar ligado a uma força mítica maior, pode ser compreendida em Lévi-Strauss, que

<sup>121</sup> Idem, *ibidem*, p. 156.

<sup>122</sup> NUNES, Mônica Rebeca Ferrari. *Op. cit.*, p. 16.

<sup>123</sup> KAPLÚN, Mário. “Producción de programas de radio quito”. In: *La naturaleza del medio*. Quito: Ciespal, 1978, p. 47.

<sup>124</sup> LACAN, Jaques. “O Seminário”. In: *Os quatro conceitos fundamentalistas da psicanálise*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1985, livro 11.

afirma existir uma proximidade muito grande entre o mito e a linguagem: “[...] o mito é uma narrativa. O mito provém do discurso se dando a conhecer pela palavra [...] temos que ver o mito com um olho na sociedade que o produziu e outro olho nos demais mitos daquele contexto”<sup>125</sup>.

No âmago da religiosidade popular, pode-se perceber que na luta diária pela sobrevivência do povo com dignidade, acabam-se unindo o pessoal e o político, o econômico e o espiritual, o emocional e o racional, o sagrado e o secular. Encontra-se no catolicismo festivo uma divisão entre os mundos sagrado e profano, os quais são vividos sucessivamente e muitas vezes de forma entremeada. Ao observar-se a grande adesão dos fiéis às novas associações religiosas, lembramos Eliade quando se refere à dialética das hierofanias: “as pessoas estão procurando o sagrado a partir de seus sofrimentos e realidade”<sup>126</sup>.

Mediante a análise desenvolvida neste estudo sobre religiosidade popular e catolicismo popular, entende-se que a fé popular deve ser encarada com muita seriedade. Espin trata esse aspecto de forma muito clara, afirmando: “O catolicismo popular e a fé real da Igreja, quer gostemos, quer não gostemos de admiti-lo acadêmica e institucionalmente. Um círculo não deixa de ser redondo só porque alguém decreta o contrário. O catolicismo como locus theologicus não pode ser menosprezado”<sup>127</sup>.

Assim como nesse texto de Espin, a modernidade pode ter fragmentado o campo religioso. No entanto, essa fragmentação abriu espaços para novas modalidades de crer, porém, acaba resgatando alguns elementos das tradições religiosas e até mesmo míticas que foram resistentes à margem da ideologia racional científico-positivista dominante. Fazer parte do catolicismo passou a ser possível de diversas formas, que vão das tradicionais às libertárias ou ainda às carismáticas. Desse modo, acredita-se que seja possível explicar o fato de algumas pessoas centralizarem suas práticas religiosas em cultos aos santos. O estudo encontra eco, neste momento, em Carlos Alberto Steil, que afirma: “Penso que podemos ver nesses cultos um modelo paradigmático ou, para usarmos um conceito

---

<sup>125</sup> ROCHA, Everardo. *O que é mito*. São Paulo: Editora Brasiliense, coleção primeiros passos, 1985, p. 78.

<sup>126</sup> ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 127.

<sup>127</sup> ESPIN, Orlando. *Op. cit.*, p. 29.

de Mauss, um 'fato social total' que de algum modo condensa e expressa o sistema de crenças do que chamamos catolicismo popular tradicional"<sup>128</sup>.

No Brasil, bem como em diversas partes da América, observa-se que as mais diversas formas de manifestações e expressões da devoção popular não só se preservam como crescem. Essa constatação se dá nas festas e romarias com o propósito de consagrações regionais e nacionais. Vale lembrar que o catolicismo popular age também como um importante preservador da identidade do povo, atuando também como um fiador de suas esperanças, fazendo com que ele creia que a transformação da realidade seja possível. Dessa maneira, entende-se o catolicismo popular sob o adjetivo que corresponde ao substantivo "povo". Sem deixar, entretanto, de significar também: muito difundido, e é nesse elo entre as duas variáveis da expressão "popular" que o objeto deste estudo tem seu foco: um programa de rádio popular muito difundido e a fé do povo.

Com esses teóricos, acredita-se ter situado a questão do imaginário popular, que impera na devoção dos fiéis ouvintes do programa Eli Corrêa.

Para melhor entendimento de como a propagação de Santo Expedito ganhou espaço por intermédio de um programa, é preciso olhar para a recepção por parte dos fiéis em relação ao programa e ao comunicador.

No capítulo II, principalmente na parte de análises da pesquisa, o estudo se incumbiu de fornecer as explicações necessárias e pertinentes sobre esse aspecto. Cabe aqui uma reflexão sobre as características do meio rádio como possibilidade para as tais reações dos fiéis. Mônica Rebecka em *O mito do rádio* explica: "*Rituais de regeneração tornam o rádio palco de vozes vivas que, pelo viés narrativo, confessam pecados e expulsam espíritos maléficos*"<sup>129</sup>. Assim, é possível que através da audiência diária desse programa, os ouvintes expulsem os males do seu dia, não apenas por intermédio do fator entretenimento mas, principalmente, por meio dele conseguem elevar a fé e a esperança que lhes são tão necessárias. É a religião presente no lazer diário e em conjunto construindo uma imagem positiva para suas vidas.

---

<sup>128</sup> STEIL, Carlos Alberto. *Op. cit.*, p. 97.

<sup>129</sup> NUNES, Mônica Rebecka. *Op. cit.*, p. 20.

Esse denominador comum remete-nos ao sagrado e ao profano, binômio considerado fundamental para a experiência religiosa por autores clássicos da sociologia da religião, tais como Emile Durkheim, para quem, de modo especial:

*"Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras 'profanos' e 'sagrado' traduzem bastante bem."<sup>130</sup>*

Essa reflexão passa a fazer sentido não apenas em relação ao programa, como também no que diz respeito a Santo Expedito que tem nesse binômio a característica básica da sua devoção. Talvez, essa peculiaridade esteja no âmbito pessoal do santo que, como vimos, antes de sua conversão era um militar e, mais ainda, um homem de vida devassa.

Assim, entende-se neste estudo a propagação religiosa acontecendo de forma natural e utilizando a força do meio de comunicação, a influência imagética do comunicador, a força do mito de um santo guerreiro que vem em socorro urgente de seus fiéis para que se caracterize, como foi visto, uma grande manifestação de religiosidade popular.

### **3. Considerações finais**

Estas considerações finais têm o propósito de retomar algumas questões já apontadas pelo estudo e pela pesquisa que possam fornecer subsídios a algumas afirmações. Por um lado encontra-se a devoção a Santo Expedito que se fundamenta em uma relação direta e pessoal entre o fiel e o santo, com o objetivo de que seja assegurada uma proteção contra as dificuldades cotidianas e que necessitem de uma solução urgente. Por outro lado, há a relação do ouvinte com o comunicador, e nessa relação o ouvinte procura encontrar o entretenimento, a informação, a cumplicidade de um verdadeiro amigo que, através da convivência,

---

<sup>130</sup> DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 19.

torna-se íntimo. Assim, o fiel-ouvinte, de posse dessa intimidade com o comunicador e com o santo, encontra-se protegido e seguro para enfrentar o seu dia-a-dia. Essa união e cumplicidade tríplice formam uma força e uma luta conjunta e solidária para se enfrentar as pressões exercidas pela realidade imediata.

Tentando delinear um quadro geral da influência do Eli Corrêa através das ações comunicacionais na devoção a Santo Expedito, é possível encontrar alguns pontos fundamentais que apontam nessa direção. Esses pontos podem ser descritos da seguinte maneira:

1. A força do comunicador em gerar credibilidade no ouvinte em relação às suas mensagens. A adequada utilização de técnicas de linguagem e dramatizações, acompanhadas de efeitos especiais gerando emoções e comoções no ouvinte.
2. A forte herança regional da religiosidade popular, arraigada em uma população urbana que busca novas formas de expressão religiosa, onde permanecem o fato de o sagrado construir uma referência mais ampla de uma visão de mundo e a prática da devoção aos santos.
3. De um lado temos o “líder” de audiência, com seu charme de galã, seu carisma de bom moço, que se empenha em seduzir; de outro lado encontra-se o herói, distante, remoto, fora do comum, o guerreiro providencial, o equivalente ao símbolo sagrado, uma dupla força a serviço de uma parcela da população ávida por socorro.

Acredita-se que a necessidade que os fiéis tinham, e têm ainda hoje, cuja satisfação encontram em Santo Expedito, é justamente o fator guerreiro, a figura que combatia os ataques físicos e espirituais e não necessariamente o fato de ser ele um militar.

Na maioria das vezes, para a massa popular não basta um guerreiro ou um herói, a situação de desespero é tamanha, que necessita-se de alguém com forças acima da compreensão humana. Quer-se um santo. Um santo-guerreiro, que salve os seus devotos com uma precisão militar.

Conta-se, ainda, com dois grandes elementos que se interligam nessa devoção, a fé e o crédito. A associação deles se dá tanto no âmbito religioso, no relacionamento com Santo Expedito, como na credibilidade devotada ao

comunicador. Eli Corrêa, em seu programa, incumbe-se de manter constantemente renovada essa relação de confiança e crédito. O processo de construção dessa devoção é coletivo, comunicador e ouvintes, ainda que inconscientemente, vão arquitetando juntos essa devoção.

Finalizando, o que se pode ter como essencial a ser registrado é que o rádio e o programa do Eli Corrêa são responsáveis pelo incremento da oralidade que vem reforçar o mito e atuam como fortes agentes de persuasão no imaginário popular, refletindo na manifestação da devoção pelos fiéis de Santo Expedito. Tudo faz crer que ocorre um encontro diário entre o público e o comunicador, a palavra dele leva o ouvinte, impelido por um estado concreto de necessidade e aflição, a iniciar um diálogo com o santo; ao conseguir a graça, significa que se obteve a resposta do santo ao qual ele, agora devoto e ouvinte, vai responder com a gratidão. Essa gratidão se dá ao comunicador, que foi de certo modo o condutor em forma de audiência, e ao Santo Expedito; quanto mais pública for a gratidão melhor.

A motivação inicial desta pesquisa funda-se na escassez bibliográfica sobre a relação entre o rádio e a propagação da devoção ao Santo Expedito. Procurou-se, aqui, demonstrar que a partir da divulgação realizada por Eli Corrêa, a igreja do bairro da Luz, que até então era praticamente de uso estrito da comunidade militar, passa a ser um grande centro do devocionário popular.

Assim, espera-se, ainda que timidamente, que este estudo contribua para futuras pesquisas e reflexões sobre as relações entre os meios de comunicação e a propagação e construção de devoções populares.

**BIBLIOGRAFIA**



## ANEXOS

Entrevista com o comunicador Eli Corrêa

Local – Rádio Capital –AM – São Paulo-SP.

Elenice – Eli, como foi seu primeiro contato com o Santo Expedito? É seu santo de devoção? Foi alguma experiência religiosa ? Como começou isso ?

Eli – Vou te contar, foi em 83... 84... é acho que foi isso porque eu estava na rádio Record de 1979 a 1982 e de 1982 a 1986 eu estive na globo, então foi na globo. Em 1983 quando eu recebi uma carta de uma ouvinte falando de uma graça, pois eu tinha um quadro e tenho até hoje chamado momento de fé, às 18h era na época, e hoje é as 18h30. Eu sempre contava um milagre, pessoas que alcançaram uma graça me mandavam cartas e eu narrava a graça alcançada pela pessoa. Naquele momento, eu recebi uma carta que me chamou atenção, falando de ma graça alcançada de Santo Expedito. Eu confesso que até aquele momento não tinha ouvido falar em Santo Expedito. Eu achei engraçado, pensei... será que não é Santo Benedito? (risos) Será que é a mesma coisa? Pensei até que a mulher tivesse errado o nome do santo (risos). Tava crente que era São Bendito. Ai fui procurar saber, ai vi que São Benedito é São Benedito e Santo Expedito é Santo Expedito, (risos). Mas o que me chamou a atenção foi à nomenclatura que se dá ao Santo, o santo da última hora, esse negócio da ultima hora, “cara”, alguém me salvou na última hora, santo da ultima hora. Ai eu falei caramba! O cara foi salvo na última hora... interessante isso. É foi isso que mais me chamou atenção. Isso em 1983. Ai eu narrei essa carta e fiz questão de frisar muito santo da ultima hora!! Mais ai eu procurei saber mais detalhes, por que me chamou realmente atenção esse fato. Procurei ai em processo, alguma coisa qualquer, dizendo sobre a historia dele, aquelas coisas todas então a partir daí, passei a falar Santo da ultima hora. “Cara”, aquele momento que você está em apuros!! Santo da ultima hora é Santo Expedito! E fui divulgando, dia-a-dia, mas não com o objetivo de propagar a fé do santo, até por que não era conhecido, nem eu o conhecia. Ai... dali a pouco... não sei exatamente quanto tempo, me veio outra carta, contando de uma graça concedida através do Santo Expedito, por que eu tinha divulgado, e daí ela contava a história, ai eu narrei a historia de Santo Expedito. Você sabe né, como locutor, aquele negócio da Crás! Crás!, Crás!.... Hodie! Hodie!!, Não é amanhã, não... hoje!! Mandava até o operador aumentar o som. Na hora que entrava o som, o estúdio retumbava!!! Eu narrava a história, quase todo dia. Um dia eu fui quase tomado... (risos). Até então, era muito devoto de Santo Antonio, que era me santo, meu nome é Antonio, então essa coiss. E assim ia, era Nossa Senhora Aparecida, Santo Antonio, São Judas.. mas de repente eu incorporei o Santo Expedito e comecei então a dizer às pessoas que em uma necessidade extrema, naquele momento que se está num abismo! Em que você tá por um fio!!... Santo Expedito!! É o Santo da última hora, e com isso ai nos fizemos uma fé. Como essa fé em Santo Expedito. E foi assim, não sei por quanto tempo, talvez... um ano, sei lá... uma tarde, o Padre João veio lá na rádio pra me conhecer e querer saber o porque daquela fé, daquela divulgação... Foi assim que

eu conheci o padre João Velane, que está atualmente na capela da Mooca, até já fui lá falar com ele, gosto muito dele, conhece a capela da Mooca ?

Elenice – Não, não conheço...

Eli - é pequena né? Bom, então naquele dia é que fui sabendo detalhes, que ele é o santo protetor da policia , o padre me me contou que ele era soldado, e eu percebi a alegria que o padre tava, e ele foi falando e eu ouvindo e pensando... ai perguntei – Padre Quando é a festa do santo, ai ele falou que era dia 19 de abril e eu falei - tá marcado padre..vamos fazer uma festa para Santo Expedito e marcamos....

Elenice- Por que ? Até então não tinha festa?

Eli- Nãooo tinha. Sabia-se do dia, mas ate então era uma coisa interna, então eu falei , vamos fazer uma coisa pra valer. Vamos fazer um negócio...maravilhoso. Ai eu falei pro padre – Eu vou fazer toda novena de Santo Expedito. No último dia o senhor vem e reza a novena por mim no rádio. Então... eu conheci em 1983 e em 1984... já comecei desenvolver esse trabalho. No dia 19 de abril de 1984, foi a primeira festa que nós fizemos convidando o povo. Por que até então, era uma coisa muito restrita a quem conhecia , aquele trajeto ali e tal. E a igreja foi pequena, por que a capela já é pequena, mas até então ninguém tinha noção se ia gente mesmo... se não ia, quantos iam... e de repente foi uma coisa muito maior do que se pensava. Ficou gente de fora. Quando eu cheguei às 17h00... aquela multidão fora da capela! Ai teve que fazer mais uma missa. O padre falou que foi uma beleza, por que até então nunca tinha se visto aquilo ali. Falei pra ele – Foi bom! Mas não é ainda o que eu queria, vai ser melhor!

E foi! No ano de 85 arreventou mesmo. Foi necessário fazer várias missas e ainda foi na capela. Ai, vimos que não havia condição de se fazer mais na capela. Ai em 86, fomos pro estacionamento. Ai era 10, 15, 20 mil pessoas só naquela missa. Fora o dia todo. Ai eu comecei a divulgar a missa. No dia anterior, mandava repórter lá, e isso foi se propagando de tal modo que hoje virou isso ai, que hoje o próprio padre pode dizer. Isso pra mim não é nenhum privilegio... é, mas não quero ser visto assim, mas o próprio padre reconhece que a devoção do Santo Expedito só começou realmente quando nós, o padre João que era o padre daquela época, que só saiu agora, há um ano atrás, então esse padre realmente pode te confirmar tudo isso. Se tem que falar com ele. Vou te dar o telefone dele, me lembra...

Elenice – OK. Quero sim.

Eli - Ai nós dois juntos , então ele lá na capela, eu no rádio... não que houvesse assim algum interesse meu, mais de qualquer forma ele, o padre, entendia bem que o caminho era esse naqueles anos 80. Ai, quando a gente começou ver o palmeiras indo lá vê Sto expedito... (risos)... ai vimos que saiu do controle, vamos dizer assim né? (risos)... a gente viu que a devoção saiu do limite, mais do que agente podia imaginar, quem viu sabe ... quer dizer... hoje se for falar com o padre Osvaldo, ele é nega, até disse um dia que ia provar que o santo não precisa de rádio... eu falei mesmo - Sim, hoje não precisa mais mesmo por que o santo tá mais conhecido do que nota de um, mas naquele tempo.... só quem viu.... é verdade!!! Ó! Nos anos 80 e 90 teve um trabalho intenso do padre, o Padre João acabou desenvolvendo, por exemplo, uma coleta de cestas básicas, por exemplo, alguém quer fazer um pedido ao Santo Expedito, doava uma cesta, que ia pro monte de gente, instituições... ai trouxemos pra cá.... tudo! O comando da terceira Idade que trouxe barracas pra benefícios das pessoas... as instituições, mas isso lá nos anos 80... olha... até os anos 90, fomos nós os propagadores! Não me sinto responsável, mais de qualquer forma... fomos nós os porta voz da devoção ao Santo

Expedito!!! E ficou até hoje, um mês antes da data de Sto Expedito, já começo as orações, um mês! Preparando o grande dia, “não se esqueça, tal dia, nos estaremos juntos”.

Elenice- É esse ano eu gravei trinta programas anteriores à data de Santo Expedito.

Eli- È... como dessa vez é um outro padre, já é menos, quer dizer... diferente, naquela época, eu tenho que ser bem sincero, durante aquela época meu contato era com padre João, agora com esse padre que é o padre Osvaldo, fui até uma das missas... ainda falo “vamos nos encontrar”.. mas nós tínhamos a missa do Eli Corrêa, que era as 17h da tarde, a missa era loucura!!

Elenice- E esse ano não teve...

Eli- Esse ano não teve.

Elenice- Mas você foi lá no final da tarde? Eu te vi lá, eu estava lá...

Eli- É.. fui, fui, mas não apareci fiquei entre os fies normais, passei perto do santo, mas para não criar nenhum constrangimento... o padre João Villano é o responsável por isso ai.

Elenice- E ele foi para onde, o padre João?

Eli- Tá naquela igreja da Moóca, que agora tem até devoção lá também. Acho que é na rua da Mooca, 960.

Elenice- Me diz uma coisa então seu primeiro contato foi através dessa carta, você nunca teve receio de que a divulgação, a religiosidade no programa pudesse interferir em seus contratos com as emissoras, as vezes por questões religiosas, o caso da Record...

Eli - Nunca tive esse problema... fui da Record, em outra época... obviamente se eu estivesse em uma Record, hoje, ai teria problemas com toda certeza.

Elenice – E você não tinha receio de ferir os ouvintes, seus fãs, que por ventura fossem de outra religião ? Afinal não é um programa religioso ?

Eli- Não, até por que desde o começo e bem anterior a isso eu já tinha comigo essa historia do Paraná, aquela historia de lavar , os santos para pedir chuva, eu já tinha um horário no programa para cultivar essa religiosidade.

Elenice- Então isso antecede a Sto Expedito?

Eli- Sim, o Santo Expedito foi uma contingência derepente por eu ter algo no ar, é que as pessoas me mandaram essa carta, talvez se eu não tivesse isso no ar, não tivesse chegado isso nas minhas mãos ...

Elenice – E das cartas que você recebe, mais ou menos quantos se refere ao Santo Expedito?

Eli – Eu diria para você, que mesmo as cartas para N.S. Aparecida , sempre vem um agradecimento ao Santo Expedito, hoje mesmo eu recebi uma cadeiras de rodas por uma graça

alcançada por Santo Expedito. Recebi não sei quantas cestas básicas para Santo Expedito, então você nota que mesmo que as pessoas tenham outra devoção, Santo Expedito, tá inserido ali no contexto. Então eu acho que 90% das cartas que diz respeito a religiosidade, graças alcançadas, 90% tem Santo Expedito.

Elenice- me diz uma coisa; esse seu relacionamento com a igreja ele é de fiel mesmo, não de comunicador?

Eli- Não, não, é de fiel mesmo...

Elenice – como você acabou de colocar, apesar dos problemas políticos, você foi como fiel?

Eli- Sim, como eu vou todos os anos, você está vendo o lado do Santo Expedito, mas por exemplo; não é só dele que eu falo, tem a Desatadora dos Nós, até então, nunca ninguém tinha falado da Desatadora dos Nós, tô falando assim pra mostrar pra você, que minha religiosidade não se prende assim a um determinado momento é uma coisa de vida mesmo. Então, Desatadora dos Nós, hoje todo mundo conhece... Rosa Mística desde 79/80.

O padre que introduziu a devoção a Rosa Mística se chamava padre José Santana Ilmalgava, inclusive o padre Marcelo de hoje era coroinha, vamos dizer assim, e tem uma fita em Jandeiro no Vale do Paraíba, onde o padre Marcelo tá lá como se fosse um coroinha, diácono, não sei ..direito... e o Padre José, isso antecedendo ao próprio Santo Expedito em 1979/80, onde a gente começou a divulgar a Rosa Mística. Então o caso de Santo Expedito, é um, N.S. Aparecida... vou fazer uma romaria, agora dia 06 para Aparecida do Norte. Então todo ano agente faz romaria para Rosa Mística, Peregrina, então é uma coisa que já faz parte da vida da gente.

Elenice - Você tem um relacionamento com toda a comunidade religiosa, independente da sua comunidade com Santo Expedito?

Eli- Ah sim.

Elenice - Como você vê o rádio ou os meios de comunicação de forma geral a para divulgação da fé hoje?

Eli- Ah, é o veículo!! Veja bem eu uso a fé assim como uma coisa muito natural, inserido no programa, agora se as pessoas pegassem o rádio, como já tive, é um veículo de convencimento muito grande.

Elenice – È ... por que eu penso assim... também, até o que me chamou atenção pra estar falando sobre isso, é a força da comunicação, da palavra...

Eli – (interrompe)... Agora um detalhe Elenice, eu nunca falei pra você ter fé, não levanto uma bandeira, eu sempre faço as coisas que as pessoas vêem assim naturais, bem natural, o que qualquer pessoa defende sua fé, sua fé católica, coloco ela no radio de modo muito natural, nunca peguei e levantei uma bandeira, essas coisas... entende ?... tanto que tem evangélicos que me ouvem tranqüilamente, por que é natural a coisa, eu não tenho essa coisa de fanatismo.

Elenice- (complementa) ... é isso é tão natural que apesar de ter tabulado pouco das entrevistas que fiz, junto aos fiéis, quando você pergunta se o Eli Corrêa motivou a sua fé e o por que? Eles respondem, por que ele tem muita fé é isso que eles falam.

Eli – È

Elenice - Por que ele é uma pessoa de fé isso aparece muito nas entrevistas.

Eli - você sabe que eu trabalhava na rádio América , que é uma rádio de padres, as vezes eu era mais padre do que os padres, (risos) não que eu fosse aquele cara certinho, mas é que eu divulgava mais a igreja do que os padres. Por que cada evento, Santa Rita de Cássia, ai determinamos três dias de orações para Santa Rita, agora começa dia 01 a trezena de Sto Antonio.

Elenice - Você vai na igreja de Santo Antonio também, lá no Pari?

Eli- vou também, é tem a Desatadora dos Nós, lá em Campinas que cada dois, três meses uma faço uma romaria pra lá, que a igreja é a Maria Porta do Céu, tem um padre aqui que vai todo mês, ele é de Pinheiros, que eu vou com ele, faço todo mês a missa dia 08 de cada mês.

Então você tem que se informar, sobre qualquer santo, mas o objetivo, é sei lá, não tenho assim uma coisa que eu almejei com isso apenas exercitar a fé, me gratifica, de ver as pessoas ali.

Elenice- Em um momento como hoje, de violência, levar alguma esperança deve gratificar bastante.

Eli - É, exatamente, eu fico contente.

Elenice – Eli para finalizar, o que você gostaria de dar como depoimento para que eu colocasse nessa dissertação, sobre Sto Expedito, sobre esse seu envolvimento, sua propagação enfim?

Eli - Primeiro eu vejo a fé como fator importante para o seres humanos, no sentido de que ele não fique tão vazio, no sentido... deixa eu me explicar melhor. Eu acho que a fé preenche derepente algo que você não consegue obter desse mundo material, desse mundo de competição, eu acho que a fé te gratifica interiormente, quer dizer as coisas, às vezes, não vão muito bem, por exemplo; você perde um ente querido, eu não sei, esse componente da fé no ser humano ele é muito importante. Nesse aspecto, ele te dá aquele suporte, aquela segurança, no momento em que você pensa que vai fraquejar, a fé te mantém de pé e te leva pra frente. Então eu vejo como sendo importante. Nesse aspecto é que eu a manifesto até por que eu tenho esse apoio, dessa fé que eu gostaria que as pessoas também tivessem, por que o desespero toma conta, a violência, derepente o futuro é incerto, derepente, sem querer ser aquele cara alienado, mas a fé parece que dá aquela esperança de que o amanhã pode ser melhor. Santo Expedito com toda certeza é mesmo, tipo assim, o que acontece comigo. Todo mundo tem as vezes as coisas não caminharem bem, e eu digo assim, mesmo no último instante haverá uma saída, uma solução. Pois Santo Expedito é o santo da última hora. Ele vai te ajudar, na hora que eu estiver no meio do caminho que eu vou ter que escolher entre o A ou B, direita ou esquerda ele vai clarear meu caminho. Outra coisa também, eu não gosto de depositar no santo, sabe aquele jogador de bola que diz assim “Pô! Deus me ajudou, Jesus me ajudou e eu vou e agradecer a Jesus”, eu acho que seria meio injusto da parte de Deus agradar um time e desagradar o outro eu não sobrecarrego o santo, se eu cometo algum erro, vou dizer: “Pô! Santo Expedito não me ajudou”, não eu não sobrecarrego. Eu apenas peço pra me clarear a cabeça. Me abra a mente. Que ai eu vejo o que eu faço. Eu só preciso desse tipo de

coisa. Quer dizer, se dá errado, também não vamos acusar, tem gente, eu conheço até pessoas que depositam até a cura de uma pessoa da família por uma prece, ai não deu certo fica meio revoltado, eu não penso dessa maneira eu com a minha fé, na hora que eu preciso eu peço, eu sei que na última hora eu encontro uma solução. Clamo aos céus!

Elenice - Nem sempre aquilo que se está pedindo é o seu bem.

Eli – É...então deixar muito por conta...

Elenice .... O caminho às vezes ta meio traçado.....

Eli - Eu tinha até uma mensagem, que eu ainda ontem passei no rádio, o camarada, um naufrago que conseguiu se salvar, esse agarra as coisas que sobrou e consegue montar uma casinha para ele se abrigar da chuva , do sol, dos animais né, bom e com isso ele continua naquela ilha, fora de rota de navegação, ai um dia ele sai para caçar, e quando chegou tava tudo pegando fogo, ai ele diz: “Poxa! Deus! Então ele agradeceu a Deus por que o salvou. Agradece a Deus por que ajudou a construir, mas quando ele viu as coisas no fogo ele disse: Pomba! E agora? como é que eu vou fazer pra me esconder dos animais, da chuva, do sol? Poxa Deus, você não poderia ter deixado, isso acontecer... e dormiu lamentando. Ai no dia seguinte, ele ouviu um barulho de um navio, que falou - olha a fumaça de ontem, conseguimos ver lá longe e viemos te salvar”.

Então , quer dizer que o casebre que pegou fogo, que era a desgraça da vida dele, foi a fumaça que o salvou.

Elenice – As vezes a gente pensa que uma coisa é para o mal da gente né? Não sei se aprendi isso na minha vida pessoal, com meus problemas,etc...

Eli - Eu sempre penso assim, deixa a vida dizer, a gente não sabe dizer.



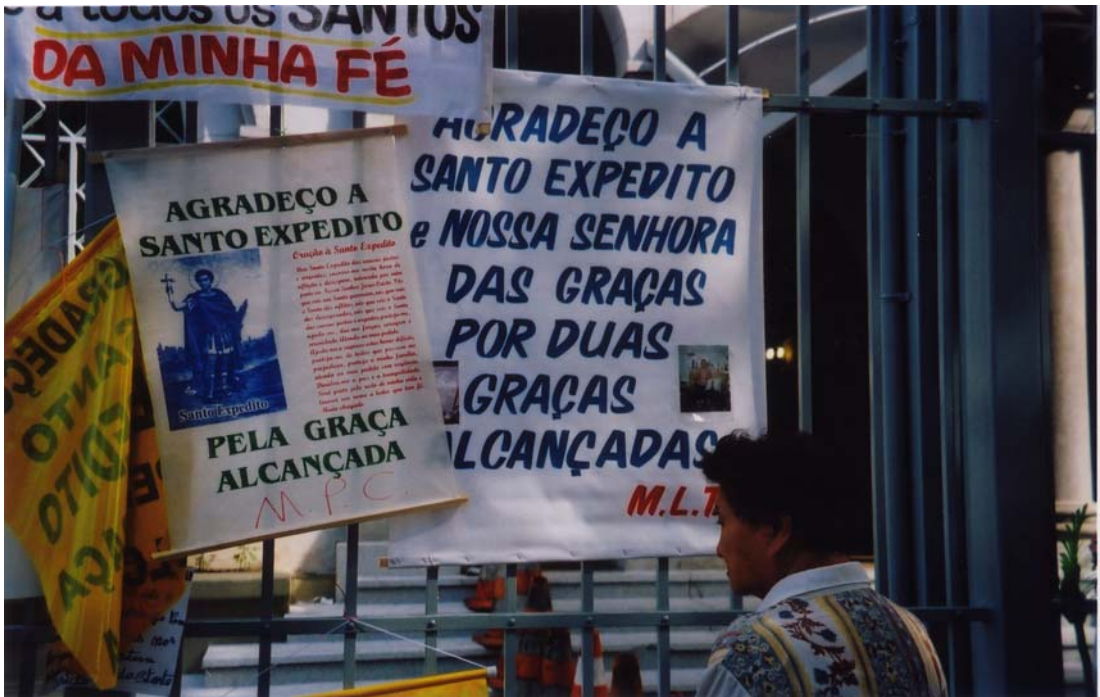
FOTOS























# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)